

EXPERIÊNCIAS EXTRAFÍSICAS II

2ª Edição – 2012

Revisada quanto ao conteúdo e conforme o novo Acordo Ortográfico



PABLO DE SALAMANCA

2010

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente trabalho, “Experiências extrafísicas II”, é o oitavo livro que se concretiza pelas mãos de Pablo e a sua terceira obra não mediúnica. Atualmente, no início de 2012, dez livros já foram concretizados pelas mãos de Pablo: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011) e *Sonetos para refletir* (2011).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é a fotografia **Sunset**, de **Jon Sullivan**, retirada do *site* <http://www.public-domain-photos.com> (acesso em 20/05/2011), cujas fotos são de domínio público, podendo ser usadas para qualquer propósito.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* www.harmonianet.org, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* contato@harmonianet.org, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

Introdução	1
<u>PARTE 1 - Informações gerais</u>	3
Os problemas de uma viagem astral	4
Descontinuidades da projeção astral	8
Amparadores e projeção astral	11
<u>PARTE 2 - Relatos de viagem astral</u>	14
Relato 1 – Invocação	15
Relato 2 – Aprendizado e aviso	17
Relato 3 – Doação e experimento	19
Relato 4 – Atividade mediúnica no Astral	20
Relato 5 – Área de sexo livre	22
Relato 6 – Caminhando no Umbral	25
Relato 7 – Do outro lado do mundo	26
Relato 8 – Teste espiritual e reencontro	27
Relato 9 – Confirmação de experiência	29
Relato 10 – Gangue de adolescentes	30
Relato 11 – Conjunto habitacional	31
Relato 12 – Escola espiritual	33
Relato 13 – Resgate	34
Relato 14 – Meu corpo na cama	36
Relato 15 – Visita a parentes desencarnados	38
Relato 16 – Pôr-do-sol	39
Relato 17 – Viagem ao Japão	40
Relato 18 – Conversando com um índio	41
Relato 19 – Cavalos em projeção	42
Relato 20 – Extraterrenos?	43
Relato 21 – Projeção durante um trabalho de cura	45
Relato 22 – Simbolismo seguido de projeção	46
Relato 23 – Atravessando obstáculos	49
Relato 24 – Jovens drogados	51
Relato 25 – Voo em grupo	52

Relato 26 – reencontro e tarefa assistencialista	53
Relato 27 – Um amigo enfezado	55
Relato 28 – Endometriose	57
Relato 29 – Percepções de voo	58
Relato 30 – Exteriorização de energias	59
Relato 31 – São Brás	61
Relato 32 – Retornando com lucidez	63
Relato 33 – Campo Santo de Moisés	64
Relato 34 – Esclarecimento no Astral	66
Relato 35 – Posto socorrista	67
Relato 36 – Uma técnica de voo	69
Relato 37 – Confronto extrafísico	69
Relato 38 – Doentes mentais	70
Relato 39 – Projeção com retrocognição	72
Relato 40 – O mensageiro de Shiva	73
Relato 41 – Luta no Astral	76
Relato 42 – Uma estranha experiência	78
Relato 43 – O mestre hindu	79
<u>PARTE 3 - Conclusão</u>	81
Um estudo empírico	82
Palavras finais	85
Fontes consultadas	86

INTRODUÇÃO

Caros amigos, embora o presente livro seja uma continuação do “Experiências Extrafísicas”, ele poderá ser lido sem que se tome conhecimento de seu antecessor, não havendo maiores dificuldades de entendimento. No entanto, recomenda-se a prévia leitura do primeiro livro desta série, sobretudo para quem não tenha intimidade com o assunto projeção astral, de forma a poder se atingir uma compreensão maior do tema.

O objetivo primordial deste livro, assim como o de seu predecessor, é o compartilhamento das experiências que tive com relação à projeção astral, de forma a estimular outras pessoas a tentarem a saída lúcida de seus corpos físicos. Realizar viagens astrais com constância me foi bastante benéfico e esclarecedor, permitindo-me uma expansão de consciência, que me fez enxergar o mundo com outros olhos. Tive maior compreensão sobre a vida e a morte, percebendo, claramente, que esta última não existe. O falecimento do corpo material é apenas uma transformação, uma passagem para outras dimensões de vida. A vida é um processo contínuo!

Cabe aqui, inicialmente, tentar definir o que é a projeção astral, de maneira que o leitor menos experiente nesse assunto, possa se situar e compreender o conteúdo desta obra. A projeção astral é também conhecida por termos como: viagem astral, projeção da consciência, experiência extrafísica, experiência extracorpórea ou desdobramento espiritual. É um fenômeno natural que nada mais é que uma experiência fora do corpo material, ou seja, consiste na saída da consciência humana para dimensões mais sutis de vida, que chamamos de forma genérica de Plano Astral, Mundo Extrafísico, Mundo Espiritual, dentre outras denominações. A saída da consciência humana do corpo denso para os mundos imateriais, ocorre através de um outro veículo de manifestação, que geralmente é o corpo astral (também chamado de perispírito, corpo sutil, psicossoma ou corpo espiritual).

Classifica-se a projeção astral em três tipos: a projeção inconsciente, a semiconsciente e a consciente. No caso inconsciente, durante uma noite comum de sono, o corpo astral do indivíduo flutua para fora do corpo material, mas continua dormindo no Mundo Extrafísico. Nesta situação, a pessoa não se lembra de nada ao acordar, ou, apenas, se recorda de sonhos (onirismo). Quando ocorre uma projeção semiconsciente, o indivíduo tem períodos de atividade consciente no Plano Astral, e, ao retornar ao corpo físico, pode lembrar-se de seus aprendizados e ações, muito embora suas recordações possam estar “contaminadas”, em alguns trechos, por visões oníricas. Já na projeção consciente, a lucidez da pessoa, no Mundo Extrafísico, é marcante e mais contínua. Ela tem boas chances de recordar, ao retornar ao corpo material, de atividades ou aprendizados realizados, podendo descrever o que aconteceu através de um roteiro lógico, com um início, meio e

fim, perfeitamente inteligíveis. Infelizmente, é relativamente comum muitos indivíduos fazerem viagens astrais conscientes, mas não se lembrarem do conteúdo ao despertar. Isto ocorre por alguns motivos, como o cansaço físico/mental, pela pessoa estar muito voltada a problemas de ordem material, dentre outros. Geralmente o uso de técnicas de meditação, saturação mental com literatura sobre projeção e dedicação à Espiritualidade ajudam bastante na capacidade de rememoração das atividades extrafísicas.

Gostaria de deixar registrado, aqui na introdução desta obra, um agradecimento àqueles que, ao lerem o meu primeiro livro sobre viagem astral, deram-me retorno por *e-mail* acerca de suas impressões, estimulando-me a continuar escrevendo sobre o tema. É importante salientar também, que a confecção do “Experiências Extrafísicas II” foi incrementada devido a minha participação em listas de discussão do *Yahoo* na Internet (<http://br.yahoo.com/>): “Projecaoastral”, “Viagem-Astral” e “Voadores”; bem como em decorrência da minha participação em comunidades do Orkut (<http://www.orkut.com>): “Aventuras Além do Corpo”, “Projeção Astral”, “Viagem Astral” e “Viagem Astral e Espiritualismo”. A troca de ideias com os membros das referidas listas e comunidades, em alguns casos funcionou bem como contraponto, e, em outras oportunidades, ratificou o meu entendimento, ajudando-me a “dissecar” certas questões e a consolidar alguns pontos de vista, enriquecendo este presente trabalho.

Antes da apresentação dos relatos de projeção astral, por mim realizados, percebi ser interessante aprofundar um pouco certos aspectos gerais relacionados ao tema. Assim, escrevi alguns capítulos com esta intenção, que estão alocados na Parte 1 deste livro. Desejo uma boa leitura a todos.

PARTE 1
INFORMAÇÕES GERAIS

OS PROBLEMAS DE UMA VIAGEM ASTRAL

Muitas pessoas associam problemas à viagem astral, seja porque não conhecem na prática o fenômeno, seja porque nutrem preconceitos de origens diversas, sobretudo de cunho religioso. Com certeza, na raiz desses “problemas” está o medo do desconhecido. Boa parte da população humana tende a manter o *status quo*, rejeitando as inovações tanto na sociedade como no âmbito de sua própria consciência. Assim, a questão da projeção astral não poderia ficar imune às resistências naturais quanto a sua prática, criando-se, na sua órbita, “satélites” ligados ao misticismo, à periculosidade e a proibições de vários tipos.

Inicialmente, podemos abordar um assunto que traz muito receio aos candidatos a uma viagem astral ou projeção da consciência: os ataques extrafísicos. Estes ataques de fato podem ocorrer, assinalando-se, genericamente, que são de cunho sexual, intimidatórios ou agressões energéticas diretas. Serão descritos aqui estes tipos de ataque, mas é importante lembrar que tudo isso que será relatado também pode ocorrer na vida material, e com consequências muito mais drásticas do que no Mundo Astral. Ou seja, simplesmente viver a vida já traz, em si, dificuldades e desafios. Em outras palavras, crescer e se desenvolver gera alguns atritos inevitáveis, inerentes à própria vida. Caso queiramos, sistematicamente, evitar desgostos e sustos, significa ficarmos paralisados, sendo interessante lembrar que à semelhança das águas paradas que acabam por produzir doenças, o espírito que permanece na estagnação sofre e faz outros sofrerem.

Retornando aos ataques extrafísicos, primeiramente detalharemos os de cunho sexual. Estes ocorrem no Astral, geralmente quando o projetor está carente, ou porque o viajante por si só tem necessidades sexuais exacerbadas, isto é, ele mesmo tem a sua mente muito voltada para este campo. Em ambos os casos, o projetor poderá ser assediado por entidades com o mesmo tipo de vibração que ele. Estas entidades podem ser desencarnadas ou encarnadas (projetadas). Quando o assédio for por parte de desencarnados é algo mais preocupante, pois pode gerar um processo de vampirização, onde o projetor paulatinamente perde bioenergias para o espírito ainda ligado aos “prazeres da carne”, conforme os encontros no Astral se tornem mais frequentes. Na realidade, isto nada mais é do que uma obsessão em andamento, se quisermos nos utilizar de uma linguagem espírita. E qual seria o remédio para essa situação específica? Simplesmente buscar um parceiro(a) com o(a) qual possa haver uma boa complementação emocional/sexual, de forma que o projetor esteja em equilíbrio e não busque no Mundo Extrafísico aquilo que ele deve ter na dimensão terrena, pois, afinal de contas, o reencarne existe para que o espírito possa exercer suas funções naturais e se desenvolver, expandindo-se em todos os sentidos (intelectual, emocional e

espiritualmente). Assim, podemos concluir que os assédios nos mundos sutis mais próximos à Terra, ocorrem não devido ao fato de realizarmos uma projeção astral em si, mas porque o viajante não está em equilíbrio. E quanto ao assédio sexual no Astral sofrido por um projetor, devido a um outro encarnado também projetado? Ora, é a mesma situação! A carência emocional/sexual é que produz o fato. O problema não é a viagem astral. Acrescentamos, também, que assédios da mesma natureza ocorrem no Mundo Físico, sendo a origem da questão a carência já comentada e não o fato de estarmos vivos. Portanto, os ataques sexuais ocorrem tanto no Astral como na Terra, bastando, para isso, que as condições estejam favoráveis.

Com relação às intimidações que ocorrem nas dimensões extrafísicas, basicamente ocorrem por dois motivos. Um deles é por estarmos fazendo uma viagem de aprendizado em certas regiões do Astral, onde as entidades que ali habitam têm uma evolução limitada, permanecendo ainda numa atitude de desconfiança e territorialismo. Assim, qualquer “estranho” que por ali passe, será interpretado como um intruso perigoso ou bisbilhoteiro, sendo rechaçado por insultos ou gestos grosseiros. O segundo motivo comum para que ocorra uma intimidação, é quando estamos intuídos e/ou orientados por mentores/amparadores a realizar uma tarefa de auxílio no Astral Inferior (Umbral). Neste caso, os habitantes do lugar são francamente hostis e intimidatórios, pois geralmente já passaram por situações em que foram visitados por projetores e/ou amparadores que ali tentaram alterar seu modo de vida através do diálogo, ou mesmo interferiram na comunidade astral como um todo, resgatando um ou mais elementos do ambiente, por não estarem mais tão afinados com o mesmo.

Então, chegamos aos ataques extrafísicos, que se configuram como uma agressão energética de fato. Definimos uma agressão energética quando o projetor desavisado recebe energias deletérias por parte de desencarnados ou encarnados projetados. Há casos em que o agressor não tem muita intimidade em movimentar suas próprias energias e, então, parte para uma franca “briga de rua”, tentando desferir socos e pontapés. Neste caso, o efeito sobre o projetor agredido não é maior do que o susto e o retorno ao corpo físico. No entanto, quando a agressão é realizada por seres ligados à chamada magia negra, podem ocorrer desconfortos para o projetor como insônia, irritabilidade, falta de concentração no dia a dia etc. Contudo, o projetor somente terá contato com entes ligados à magia negra, caso ele participe ativamente de grupos físicos e/ou não físicos voltados à antimagia. Ou seja, projetores que estejam apenas com a intenção de buscar aprendizados no Astral e ampliar a sua consciência não serão obrigatoriamente confrontados com tal situação. No entanto, tudo no universo é uma questão de sintonia. Se alguém está sintonizado com faixas vibratórias menos elevadas, naturalmente para este campo de energias será atraído.

Então, neste ponto poderia se questionar: não seria melhor evitar a projeção astral para prevenir situações adversas? Este questionamento pode ser contraposto com o seguinte raciocínio, que é muito lógico: caso uma pessoa tenha uma sintonia com energias/pensamentos negativos, ela, de uma forma ou de outra, encontrará vazão para a manifestação do que está dentro dela! Isto quer dizer que alguém que tenha tendências não construtivas, obviamente colocará em prática a sua forma de ser e sentir no próprio Mundo Material, colhendo os resultados de suas ações/intenções. Assim, pode-se concluir que ter experiências extrafísicas em si não é prejudicial. O que é ou pode ser ruim é a intenção do “viajante astral”, bem como a intenção do “viajante terreno”.

Outro “problema” ou risco que dizem estar associado a uma viagem astral, é o de se romper o “cordão de prata”, causando a morte do projetor. Mas, primeiramente, é importante conceituar o que seja este cordão e, até mesmo, questionar a sua existência. Alguns projetores percebem um fio ou elo de ligação entre seus corpos astrais e os respectivos corpos físicos, denominado “cordão de prata”, durante a experiência extrafísica. Entretanto, em grande parte das vezes ele não é notado. Estaria ele mais sutil em determinadas oportunidades, a ponto de ficar invisível ao viajante projetado? Pode ser que sim, pois as viagens astrais se dão sob padrões vibratórios diversos. Por outro lado, quando o cordão de prata é percebido, ele às vezes está conectado na cabeça do viajante ou no seu peito, por exemplo. Por que a conexão não é sempre na mesma região do corpo astral? Ora, este fato já indica que há uma flexibilidade com relação ao ponto de inserção do cordão. Será que a sua presença e ponto de conexão estariam vinculados a algum condicionamento mental do projetor? Talvez, mas entendemos que o que nos liga ao corpo físico durante uma experiência extracorpórea são incontáveis elos energéticos que partem de cada célula do corpo denso para o corpo astral. Seriam milhões e milhões de “fios de prata” pequeníssimos que, em determinadas condições, se agrupam e tornam o famoso “cordão de prata” visível para o projetor (o referido cordão não é visível quando as condições da projeção não são adequadas para o fato). Assim, seguindo esta linha de raciocínio, será que é possível o rompimento do cordão somente pelo motivo de estarmos fora do corpo? Inúmeras pessoas se projetam todas as noites, mesmo que inconscientemente, e por isso estariam correndo um risco de rompimento seguido de morte? Quantas pessoas morrem durante o sono? E quantas morrem durante o sono porque já tinham alguma grave doença diagnosticada? É uma pena que não haja estatísticas para responder a essas perguntas, mas, provavelmente, o número de óbitos de indivíduos despertos é muito maior do que o de óbitos de pessoas durante o sono físico. Portanto, este tipo de temor que paira sobre experiências extrafísicas parece muito mais ser devido ao velho “medo do desconhecido”.

Então, passemos para o próximo “problema” que se relaciona às viagens astrais: a possessão do seu corpo físico, enquanto o veículo astral está projetado. Consideramos que a possessão é o último estágio de um processo obsessivo. Isto ocorre quando o indivíduo não teve equilíbrio psíquico suficiente para superar a influência do agente obsessor (desencarnado), cedendo total ou parcialmente o seu veículo material para que o obsessor se manifeste na dimensão terrena, de forma ostensiva, durante algum tempo. É importante lembrar que uma obsessão ocorre quando há afinidade (e/ou fortes elos cármicos de vidas passadas) entre o desencarnado e o encarnado. Caso isso não ocorra em grau elevado, uma obsessão jamais redundará numa possessão. Ou seja, chegar-se a uma possessão não é algo trivial. Às vezes, o assédio sobre um encarnado ocorre por anos a fio, para que possa haver uma dominação (possessão) por alguns minutos apenas. É mais comum um longo processo obsessivo resultar em desequilíbrios psíquicos de vários tipos, até chegando à loucura, do que promover uma típica possessão. É claro que este assunto é bastante complexo, não podendo ser esgotado aqui. Entretanto, com o que foi exposto, é possível compreender que uma possessão principalmente ocorre devido a uma sintonia profunda entre o encarnado e o desencarnado, não acontecendo de uma hora para outra. Isto é, alguém que esteja em projeção, muito improvavelmente sofrerá uma “possessão relâmpago”. Tem que haver um histórico de problemas com a pessoa para que isso ocorra. Aliás, alguém em desequilíbrio psíquico-espiritual primeiramente deve buscar um tratamento adequado, para, somente depois, tentar experiências no Astral, de forma que isso lhe traga crescimento interior.

Mas, falando em distúrbios psíquicos, não é incomum algumas pessoas temerem as incursões extrafísicas por correrem o risco de ficarem “lunáticas”, sem os “pés no chão”, ou seja, deixarem a vida material em segundo plano. Isto, na realidade, é um temor que só se tornará concreto se o projetor já tiver uma forte propensão natural a ser “lunático”. Pessoas impressionáveis poderão perder o contato com as suas responsabilidades mais prementes, por diversos motivos. Uns se tornam fanáticos religiosos, mesmo nunca tendo ouvido falar em viagem astral. Outros vivem “sem os pés no chão”, ignorando as necessidades de suas famílias, por serem sonhadores sem a capacidade adequada para concretizarem suas aspirações. A projeção da consciência, ao contrário, pode ser um bom instrumento para que as pessoas compreendam melhor o seu lugar e papel no mundo, já que, no Astral, muitas vezes lidamos com as nossas próprias limitações, o que contribui para que não nos iludamos tanto.

Quanto ao desgaste físico/energético devido às viagens astrais, até que ponto isto é verdade e/ou relevante? Caso o projetor mais entusiasmado se programe para despertar diversas vezes à noite, para anotar as suas experiências, de fato ficará com um certo desgaste. No entanto,

isto se dará em decorrência da programação exagerada, e não em função direta das experiências extrafísicas. Estas somente causarão perda de energia nos casos de vampirização (de cunho sexual ou não), que nada mais são que um processo obsessivo, que pode ocorrer com qualquer pessoa, sendo ela praticante ou não de projeção astral consciente. O que promove esta situação obsessiva são os pensamentos/sentimentos em desequilíbrio, isto é, a manutenção ostensiva de um baixo estado vibratório. Outra condição em que a viagem astral pode estar associada a desgaste físico/energético, é o caso em que se sai do corpo para a realização de atividades de antimagia. Isto, como já comentado anteriormente, não é “culpa” da projeção astral em si, mas da ação de antimagia, que produz entrechoques que podem afetar aos menos experientes, de forma mais evidente. Diferentemente do que muitos pensam, realizar experiências fora do corpo pode ser algo bastante revigorante. Somente para esclarecer como é possível restaurar as próprias energias através da viagem astral, passamos a citar alguns exemplos. Muitas vezes estamos cansados do dia a dia e um tanto estressados pelo ambiente da cidade grande. Nestes casos, sair do corpo e visitar áreas com florestas, montanhas ou o mar, pode ser bastante benéfico energeticamente para o corpo astral, o que se refletirá na psique e no corpo físico do viajante. Em outras situações, podemos estar saudosos de amigos distantes ou de parentes que já desencarnaram. Em ambos os casos, podemos “matar as saudades” através da projeção da consciência.

Após abordarmos tantas questões que são levantadas por pessoas mais receosas, no intuito de desestimular às viagens astrais, esperamos ter contribuído para esclarecer estes pontos. Por experiência própria, podemos concluir que a prática mais ou menos constante das projeções da consciência nos forneceu mais equilíbrio, vontade de aprender, sendo útil tanto quanto o possível.

DESCONTINUIDADES DA PROJEÇÃO ASTRAL

É possível distinguir dois tipos de descontinuidade quanto às projeções astrais. A primeira é a descontinuidade de frequência, que nada mais é do que a incapacidade em conseguirmos experiências extrafísicas lúcidas com regularidade, por um período de tempo. Exemplificando, é difícil fazer uma viagem astral consciente todos os dias, ou sempre que desejamos (três vezes por semana, duas vezes por mês etc.). O outro tipo de descontinuidade é a de lucidez, que consiste na flutuação do grau de consciência durante uma experiência fora do corpo. Ou seja, enquanto estamos projetados, podemos estar cientes de tudo que está ocorrendo e, num dado momento, perdermos a capacidade de discernimento, podendo até entrarmos em sonolência

em pleno Astral.

Primeiramente, abordaremos a descontinuidade de frequência. Quais seriam os motivos pelos quais não conseguimos produzir uma experiência extrafísica lúcida, sempre que queremos? Por quê há épocas em que as viagens astrais conscientes praticamente somem? Bom, podemos afirmar que mesmo projetores com grande experiência, não conseguem manter uma regularidade de saídas lúcidas do corpo por dois motivos básicos: o projetor não está em boas condições, ou o ambiente não está favorável. É claro que os dois motivos citados podem ocorrer simultaneamente, mas vamos examinar cada situação separadamente.

Obviamente, o projetor flutua quanto às suas condições orgânicas e psíquicas ao longo de sua vida. Daí, por mais que ele tenha uma sólida experiência pregressa, irá falhar em tentativas lúcidas de projeção quando não estiver sentindo-se bem. Por exemplo, indisposições estomacais, enxaquecas, ou qualquer problema que seja crônico por um período, poderá impedir viagens astrais conscientes. Também é relevante assinalar que há épocas em que o viajante está muito focado em interesses materiais, como a vida financeira ou sentimental, que interrompem as experiências fora do corpo ou as reduz drasticamente. Nos casos citados, mesmo que o projetor se recolha em determinado horário do dia, buscando uma viagem astral consciente, terá dificuldades em ter sucesso. Assim, suas experiências irão se tornando raras ou ausentes por um período.

Quanto a ambientes desfavoráveis para a projeção astral, às vezes isto torna a sua frequência bastante irregular, mesmo para bons projetores. Quando nos referimos a “ambientes desfavoráveis”, queremos dizer que a desfavorabilidade pode ser em nível físico e/ou astral. Sendo no nível físico, exemplificamos com situações onde o lugar é barulhento constantemente, o que dificulta o processo. Quando o ambiente não é bom em termos astrais (energeticamente), torna-se complicado conseguir projeções lúcidas. Locais “densos” vibratoriamente normalmente só permitem saídas do corpo conscientes raras vezes, contribuindo para a irregularidade deste tipo de experiência. Exemplificando um “local denso”, é o caso de uma residência onde a família discute e briga frequentemente

Contudo, há um fator que afeta sobremaneira a regularidade das viagens astrais de um projetor. Este fator é a interferência do amparador ou guia. Quando estes orientadores auxiliam energeticamente o viajante por um tempo, é neste período que as experiências se multiplicam, tornando-se mais constantes. Após esta fase, normalmente há um raleamento das saídas conscientes. Isto ocorre, sobretudo, no início do treinamento do indivíduo para se tornar um projetor lúcido, quando o amparador dá uma “mãozinha” por um tempo, de forma a estimular a pessoa a trilhar por este caminho. Em seguida, o amparador deixa mais por conta do indivíduo tornar-se, ou não, por

seus próprios esforços, um viajante mais tarimbado. Aí é que ocorre, comumente, uma queda no número de experiências extrafísicas, pois muitas pessoas são pouco persistentes nos exercícios bioenergéticos que induzem viagens conscientes.

Agora, abordaremos a descontinuidade de lucidez. Inicialmente é possível afirmar, com relativa tranquilidade, que são raros os projetores que conseguiram realizar uma viagem astral com consciência contínua, desde a saída do corpo, até o retorno ao mesmo, sem lapsos de lucidez. A maioria, normalmente, em algum momento, perde a consciência. Por quê ocorre esta descontinuidade de lucidez? Os motivos são variados, mas antes de discorrer sobre eles, é relevante destacar uma situação em que haveria uma projeção astral com consciência contínua, mas que por falha de memorização, se perde. Explicando melhor, a capacidade de memorização das pessoas no geral, quanto a vivências no Astral, não é muito elevada. É possível que alguns projetores saiam conscientemente do corpo, atuem lucidamente no Astral por um tempo, mas ao retornar ao Mundo Físico ainda lúcidos, no último momento, não conseguem transferir para o cérebro material a lembrança total dos fatos. Ou seja, a capacidade de memorização não foi suficiente para a recordação de algum trecho da viagem consciente, provocando uma descontinuidade na experiência (isto fica exacerbado quando o viajante vai se deitar muito cansado física e/ou mentalmente).

Por outro lado, há inúmeros relatos de que projetores estão dormindo e/ou sonhando no Mundo Extrafísico e, em determinado momento, despertam, passando a agir conscientemente no Astral. A causa desta descontinuidade de lucidez é uma necessidade de descanso (ou condicionamento mental?) do projetor, mesmo fora do corpo físico. Também podemos apontar outra causa de perda de lucidez, que é o momento da saída do veículo material, que pode ser um tanto estressante. Vários indivíduos quando estão praticando técnicas para se projetarem, ao tentarem o desprendimento do corpo, sentem desconfortos como tonteiras ou pressões na cabeça. Nestes casos, parece que o lapso de memória que ocorre no ato de desprender-se do corpo, é uma espécie de mecanismo de defesa da pessoa. Assim, após o momentâneo “apagão”, o projetor recobra a consciência já em algum outro lugar/dimensão. Por fim, gostaríamos de salientar um outro motivo de perda de lucidez durante uma viagem astral, que é a vibração do local para onde o viajante se projetou. Localidades muito “densas” energeticamente, ou seja, os submundos astrais, podem constituir uma realidade muito diferente da qual o projetor está acostumado no Plano Terreno. Nesta situação, acreditamos que pode ocorrer uma “fuga mental” do viajante, que passa a dormir e/ou sonhar no Astral, quando não retorna automaticamente ao corpo físico. Em sentido oposto, quando o projetor vai ou é levado a “regiões” muito elevadas em termos energéticos, pode também perder a lucidez, por estar fora de seu contexto ou realidade cotidiana, passando a dormir e/ou se entregar a

onirismos. Considerando que, em alguns casos, tanto no Astral Superior como no Inferior, quando o viajante não é afeito a ambas vibrações, mas suporta ficar lúcido por um tempo, como se dará a transferência de sua memória sutil para o cérebro físico? Compreendemos que, como o impacto de realidades tão diversas é forte para a personalidade encarnada, muitas vezes a capacidade de rememoração é afetada, ocorrendo apenas lembranças parciais (podendo até mesmo serem distorcidas), ou ainda, ocorrendo a ausência completa de recordações.

AMPARADORES E PROJEÇÃO ASTRAL

Quando saímos lucidamente do corpo físico e nos deparamos com o “outro lado”, muitas vezes não vemos ninguém, seja estando dentro da contraparte astral de nossa residência, ou enquanto exploramos dimensões distantes vibratoriamente do Mundo Material. Mas, será que realmente estamos sós frequentemente nas jornadas extrafísicas? Isto é um pouco difícil de responder, de forma genérica, mas nos remete à questão dos amparadores, que podem ser definidos como seres espirituais que funcionam como instrutores e/ou protetores para nós, e, por isso, são denominados guias, mentores, anjos da guarda etc.

Sendo instrutores e/ou protetores, quais seriam as atividades mais comuns dos amparadores perante um projetor? Inicialmente, é possível afirmar que eles são os responsáveis diretos por uma viagem astral consciente, sobretudo para os projetores inexperientes, que têm dificuldades em se desligarem do corpo material e de se manterem lúcidos no Mundo Extrafísico. Nestes casos, a ação energética dos amparadores é preponderante para o sucesso da experiência, e para despertar no viajante neófito o interesse em se aprofundar no assunto, tanto teoricamente como na prática. Em outras oportunidades, o amparador atua como um professor do projetor, ensinando-o a como locomover-se melhor no Astral (aulas/treinos de voo em dimensões sutis); como comunicar-se mais eficientemente (através da telepatia); como compreender melhor a Espiritualidade e as Leis Universais; etc. É importante ressaltar, também, uma atividade frequente dos amparadores, que é a assistência extrafísica. Nestas ocasiões, eles muitas vezes ensinam aos viajantes como fazer isso durante a experiência extracorpórea, e, quando pelo menos o básico já foi assimilado pelo projetor, os amparadores funcionam como “guias num local desconhecido”, levando-os até pessoas (encarnadas ou desencarnadas) que precisam de uma doação de energia e/ou outros tipos de ajuda (conversa de esclarecimento; retirada de seres em sofrimento do Astral Inferior; etc.).

Bom, sabendo-se os principais motivos de atuação de um amparador, chegamos a outra

questão relevante: a sua forma de agir! Quanto a isso, o amparador pode atuar visível ao viajante, ou agir invisivelmente (quando o guia deseja estar invisível, ele mantém-se numa vibração superior a do viajante). Na primeira situação, é óbvia a ação direta do mentor, que assim é necessária quando o projetor tem pouca experiência ou em casos específicos. Na segunda situação, que é a mais corriqueira, o amparador está invisível ao seu “pupilo” projetado. O guia assim o faz, frequentemente, para que possamos adquirir autoconfiança no Mundo Extrafísico, evitando-se a criação de uma dependência excessiva do viajante com relação ao amparador. Mas, como saber de fato se estamos acompanhados ou não de um mentor, no caso dele estar oculto? Esta resposta é obtida, durante o desenrolar de uma viagem astral, quando ficamos em algum tipo de impasse ou quando passamos por algum problema mais evidente, pois geralmente “surge” uma intuição clara que possibilita uma solução. Às vezes, percebemos também a presença invisível de um amparador, quando agimos de forma meio teleguiada ou automática, isto é, quando vamos cumprindo uma tarefa qualquer sem saber previamente o roteiro, mas podemos executá-la adequadamente.

Alguns projetores com “mais tempo de estrada”, relatam encontrarem-se com vários amparadores durante suas jornadas astrais. Outros viajantes até observam diversos amparadores em suas experiências, mas narram um ou dois como sendo os mais presentes. Isto possibilita chegar a um outro questionamento: quantos amparadores nos auxiliam em tarefas no Mundo Imaterial? Na realidade, esta pergunta não é tão importante, mas permite esclarecer aspectos interessantes. Se estamos ligados a algum grupo espiritualista, com certeza há uma egrégora ligada ao trabalho/estudo desenvolvido. Assim, quando projetados, podemos nos encontrar com várias entidades pertencentes à egrégora citada, e estas entidades podem ser chamadas de amparadores. Dependendo da atividade a ser desenvolvida, estaremos em determinada dimensão energética e, é claro, se vamos atuar no Astral Inferior, poderemos precisar da ajuda de amparadores afinados com energias mais “densas”. O mesmo é válido para ações/aprendizados no Astral Superior, quando nos assessorará um amparador mais “sutil”. Desta maneira, podemos distinguir que há diferenças entre amparadores, tanto quanto há diferenças entre os projetores, ou seja, em última análise, a diversidade é tão ampla quão grande é a humanidade. Contudo, é relevante salientar que há amparadores com recursos próprios especiais para trabalhar em áreas bem distintas do Mundo Extrafísico. Estes mentores possuem a habilidade de se densificar até níveis energéticos próximos ao físico, mas também atuam em dimensões bastante sutis. Este assunto não será aprofundado aqui, mas fica a sugestão para quem queira estudá-lo usando outras fontes. Ainda é positivo assinalar, que muitos amparadores são extremamente hábeis em mudarem de forma. Explicando melhor, eles alteram com facilidade seus corpos astrais, através de suas mentes, podendo modificar por completo

a aparência e seus “trajes”. Isto é devido à plasticidade da “matéria astral”, facilmente comandada conforme a vontade do amparador. No entanto, isto é algo relativamente comum nas dimensões extrafísicas, sendo executado também por assediadores e por projetores mais tarimbados.

Por fim, vale ressaltar que de todas as nuances comentadas quanto a amparadores, talvez o mais fundamental seja que nós pratiquemos a projeção astral, evitando nos escorarmos numa possível presença/auxílio dos mentores. Entendemos que eles são muito úteis nos aprendizados do Astral, mas também que eles mesmos não desejam que dependamos de sua orientação a cada passo que damos. Precisamos desenvolver o livre-arbítrio e ampliarmos as nossas consciências, tanto aqui no ambiente físico, como nas dimensões imateriais.

PARTE 2

RELATOS DE VIAGEM ASTRAL

RELATO 1 – INVOCAÇÃO

Naquela noite deitei-me para dormir, sem realizar o exercício da minha técnica usual para projetar-me no Astral lucidamente. Eu queria apenas descansar. No entanto, um tempo depois, minha consciência estava desperta num lugar, onde havia uma casa de alvenaria humilde. Eu assistia a tudo de uma altura de mais ou menos cinco metros. Era possível divisar o referido domicílio e o pequeno quintal onde estava inserido. Neste quintal estava um homem com roupas simples: camisa desabotoada e calça surrada. Ele invocava o “diabo”, enquanto olhava fixamente para um pequeno espelho, pendurado na parte externa de uma parede da casa. Eu avaliava a situação, como mero espectador, achando aquela atitude bastante imatura e até um tanto ridícula, pois, na minha concepção, o “diabo” é apenas figura mitológica. O que acontece nas áreas umbralinas, é que há desencarnados que alteram suas formas astrais, plasmando várias modalidades de “demônios”, no intuito de provocar medo ou repulsa. Estava pensando nisso, quando pude observar no espelho a formação de uma imagem. Surgia a figura de um homem de pele toda vermelha, semelhante à lendária aparência do “diabo”. Aquilo me surpreendeu um pouco, mas uma movimentação no interior da casa, que eu podia enxergar por uma janela aberta, chamou a minha atenção. Quando foquei melhor na direção mencionada, pude notar, com clareza, que aquele ser cuja imagem surgira no espelho, estava se materializando dentro da casa. Era um homem musculoso e todo vermelho, com ar pouco amistoso. Levei um susto com o fato inesperado, retornando ao corpo em seguida. Contudo, o retorno de minha consciência ao veículo físico não teve o impacto típico de um tranco forte, que sempre me ocorre após um “susto extrafísico”. Apenas despertei, abrindo os olhos e conferindo que eram 5:00 horas da madrugada. Passei, na cama, a meditar sobre a experiência. Rememorei tudo, assinalando que, naquele lugar onde estivera, eu não fora visto pelo homem da invocação (ele facilmente poderia ter me notado, pois eu estava logo acima da cena que se desenrolava). Além disso, eu estava ali sem a noção do meu próprio corpo astral. Eu era basicamente um foco de consciência, sem interferir diretamente no ambiente. Assim, concluí que realizara uma “clarividência viajora” e não uma projeção astral. A principal diferença entre estes dois tipos de experiência extrafísica é o fato de, durante a clarividência viajora, grande parcela do psicossoma (corpo astral) se manter em coincidência com o corpo físico (só pequena porção sai, como se fosse uma “sonda”, a busca de informações em outros ambientes), enquanto que, na projeção astral, o psicossoma se descoincide por completo do físico. Cabe, aqui, lembrar que clarividência viajora também se distingue da chamada projeção mental, pois esta decorre de um deslocamento de um veículo mais sutil, denominado “corpo mental”. Além disso, as projeções

mentais estão associadas a um nível vibracional mais elevado de experiência extrafísica, quando se visita o chamado Plano Mental.

Em seguida, voltei a pensar na experiência em si. Passei a tentar compreender se aquilo que eu vislumbrara, ocorrera no Mundo Terreno (neste caso um encarnado estaria invocando alguma força “trevosa”), ou se acontecera no Astral Inferior (neste caso um desencarnado estaria chamando um outro desencarnado – o “diabo”). Senti que esta segunda hipótese seria a mais acertada naquela situação, mas não tinha meios de ter certeza. Na sequência tentei voltar a dormir, mas, em decorrência do susto e das conjecturas a que me deixei levar, não peguei mais no sono.

Dois dias depois, em sete de abril de 2001, eu estava participando de reunião mediúnica, no centro em que labutava na época. No momento dedicado ao atendimento de entidades desequilibradas, manifestadas através da “incorporação”, uma delas apresentou-se através da minha mediunidade, com grande revolta, dizendo que não se entregaria sem luta. Após um esforço conjunto de médiuns e guias da casa espiritualista, a entidade fora encaminhada depois de entrar em profunda sonolência, sem maiores explicações de sua origem e motivação para estar ali. Ao final da sessão, eu conversava com alguns médiuns amigos, quando abordou-me minha prima, também sensitiva da casa, e disse-me que a entidade que se manifestara através de mim, apresentava-se com a aparência astral do que na Idade Média se acreditava ser o “diabo”. Então, muito surpreso com o ocorrido, contei-lhe a experiência extrafísica que tivera dois dias antes. Assim, concluí que, de alguma forma, havia uma correlação entre a clarividência viajora e aquele trabalho espiritual realizado. Talvez justamente a minha experiência extrafísica tenha ocorrido, como uma fase anterior e preparatória para aquela atividade mediúnica. A partir de experiências como essa, é que eu fui percebendo que, pelo menos no meu caso, as minhas incursões no Astral tinham uma frequência significativa de interferência dos amparadores.

DATA: 05/04/2001

RELATO 2 – APRENDIZADO E AVISO

Já era tarde, quase meia-noite, quando coloquei para tocar um CD de mantras indianos, no intuito de relaxar e dormir. Não tencionava me projetar. No entanto, poucos momentos depois que deitei, senti o lado esquerdo do meu corpo (braço, tórax e rosto) “formigarem” com intensidade significativa. Era um EV (estado vibracional) espontâneo. Ignorei o fato e busquei apenas descansar, acabando por pegar no sono. Depois de um tempo indefinível, embora não tenha saído lucidamente do corpo, recobrei a consciência no Astral. Eu estava caminhando serenamente numa orla marítima, sem maiores preocupações. Após um lapso de memória, recordo que já estava num outro ambiente, acompanhado por uma senhora de meia idade, muito agradável, de pele branca e curtos cabelos negros bem arrumados, sendo ela ligeiramente rechonchuda. Sua energia era acolhedora e maternal, demonstrando também sabedoria e serenidade. O lugar era uma cidadela muito bem cuidada, com muitas casas e jardins bonitos, mas sóbrios. Caminhávamos por uma avenida, e sabia que ela me conduzia para eu conhecer algo diferente. Estava um pouco curioso, mas caminhava com ela sem ansiedade, provavelmente influenciado pelo bom “clima” do ambiente. Após pouco tempo, chegamos numa casa de um pavimento. Já na porta, pude sentir uma atmosfera mais sutil, saturada com energias superiores. Entrei seguindo-a e percebi que estávamos numa ampla sala, onde haviam vários médiuns, muito concentrados, em franco trabalho de psicografia. Por isso mantive-me em silêncio, procurando não atrapalhar de maneira nenhuma. Em seguida, senti a presença de alguém na retaguarda. Olhei para trás e notei que, na porta de entrada entreaberta, acabava de aparecer uma entidade da Corrente Astral da Umbanda, que se manifestava corriqueiramente através da minha mediunidade, no Plano Terreno. Ele apenas observou-nos, mas não adentrou a sala. Será que fora ele que provocara esta experiência extrafísica? Seria bem possível, pois eu não realizara nenhum exercício intencional para projetar-me. Mas, voltando ao relato, a amparadora que me levara até aquele recinto, agora me passava esclarecimentos de forma telepática. Mostrou-me muitos livros bem espessos, encadernados em capa dura, explicando-me que eram códigos de leis. Cada código era composto por vários volumes. A obra que estava sendo psicografada era tão complexa e difícil de se realizar, que cada médium presente tinha a missão de escrever somente um volume. Portanto, a obra seria resultante de um trabalho coletivo. Entendi também, que os médiuns eram desencarnados, e recebiam as informações através de uma conexão telepática com legisladores mais evoluídos, que habitavam em dimensão mais sutil. Eu estava observando a mediunidade em ação, em pleno Mundo Astral. Aquele trabalho já estava em andamento há algum tempo, e, por isso, já haviam alguns volumes prontos, conforme assinelei

antes. Vislumbrando a cena como um todo, por um momento, senti-me bastante pequeno em termos de capacidade mediúnica. A comparação foi inevitável para mim, e concluí que havia um grande caminho de aperfeiçoamento a trilhar.

Em seguida, a amparadora nos conduziu para fora daquele lugar. Voltamos a caminhar por larga avenida, enquanto ela me passava novas informações. Agora ela colocava que eu estava sendo preparado para “incorporar”, no centro onde trabalhava, no Plano Terreno, dois seres em profundo desequilíbrio. Logo que ela assinalou esta tarefa futura, tive uma vidência. Apareceu-me a imagem detalhada, e em cores, da fisionomia de uma das entidades que se manifestaria através da minha pessoa: seu rosto tinha uma aparência de lagarto. A imagem logo sumiu, mas espantou-me, pelo grau de alteração perispiritual, que provavelmente correspondia a uma forma distante do pensar e sentir comuns de um ser humano, que ele, na realidade, era. Que decepções e ódios ele teria alimentado por longo tempo, para chegar àquela forma? Eram essas as divagações a que eu me deixara entregar, e que, pela reação vibratória da amparadora, confirmava o profundo problema daqueles seres que eu teria que ajudar na Terra. O que eu vira não era uma simples plasmagem astral, realizada por entidade habilidosa e zombeteira, mas sim uma forma perispiritual deformada, por longo tempo de desequilíbrio bem cultivado.

Depois de conversar mais um tempo com a amparadora, despertei no meu leito, sentindo-me muito bem. Havia uma expansão facilmente perceptível na altura do meu chacra cardíaco. Fui rememorando cada passagem daquela longa viagem astral, e, apesar do meu esforço, senti que perdi alguns detalhes. Após pôr no papel o que foi possível recordar, passei a meditar sobre aquela atividade psicográfica no Astral. Compreendi que aquelas leis que vinham de dimensões superiores, para aquele nível do Plano Astral, teriam como objetivo se materializar no Mundo Físico em alguma época, talvez aqui no Brasil. Imaginei que tarefa difícil seria a de transmitir leis mais bem elaboradas e completas aos nossos legisladores terrenos, já que a sintonia de boa parte deles não é com a questão de uma justiça mais profunda. Por outro lado, talvez aqueles códigos sejam estudados por desencarnados que, futuramente, trariam a missão de materializá-los na Terra, quando por aqui reencarnassem. Também acabei por pensar que ambos os métodos poderiam ser utilizados, ou isto poderia ocorrer por alguma outra via. Aquilo era algo que escapava a minha compreensão...

Quanto ao aviso que recebera no Astral sobre o compromisso de ajudar àqueles dois seres através da mediunidade, apenas relato que, de fato, ocorreram as “incorporações”. Foi um trabalho com desgaste bioenergético intenso, mas de resultado satisfatório, até o ponto que pudemos perceber no grupo espiritualista.

DATA: 12/04/2001

RELATO 3 – DOAÇÃO E EXPERIMENTO

Em certo dia, despertei às quatro horas da madrugada. Após uma ida ao banheiro, perdi o sono e somente em torno das seis horas tive alguma vontade de dormir novamente. Resolvi, então, fazer um exercício de projeção astral (como quase sempre, usei a “técnica da esfera dourada”). Rapidamente perdi a consciência. Após um tempo, recobrei a lucidez num local desconhecido. Para minha surpresa, havia uma espécie de lençol branco sobre a minha cabeça, estendendo-se até a altura da minha cintura. Aquilo atrapalhava a minha visão, e, por isso, comecei a me debater para retirá-lo. Notei que o “lençol” possuía uma certa aderência e elasticidade, e, desta forma, não era fácil livrar-me dele. Assim, acabei por ficar um tanto aflito, debatendo-me mais. Foi nesta situação que surgiu uma voz clara e familiar, dentro da minha mente (era um processo telepático), que dizia: - “calma, isso é para ajudar ele!” O que foi muito interessante, é que quando ouvi a palavra “ele”, automaticamente surgiu a nítida imagem do “Dudu”, um amigo, na minha tela mental. Então, acalmei-me de imediato, pois compreendi que aquele “lençol” simplesmente era ectoplasma, uma “substância” doada por médiuns para uma série de finalidades (cura, materialização de espíritos etc.). Eu fora levado ali, para prestar algum tipo de auxílio ao “Dudu”, um amigo que também labutava no meu centro espiritualista, à época. Contudo, àquela altura, eu já havia conseguido levantar parte do tecido de ectoplasma, podendo notar que o ambiente onde estava era bastante sombrio. Em seguida, retornei ao corpo. Pensei rapidamente na experiência, de forma a memorizá-la o melhor possível, e, feito isso, entreguei-me à sonolência novamente.

Mais uma vez projetei-me, mas, desta feita, percebi todo o processo. Primeiro notei a saída do meu corpo astral, que flutuou suavemente para cima. Em seguida, houve uma subida mais forte, até que voltei a descer em algum lugar, onde aterrissei tranquilamente no chão, de pé. Minha visão estava boa e logo comecei a andar. O ambiente parecia ser o meu antigo apartamento, no bairro de Laranjeiras, aqui no Rio de Janeiro. Eu o havia emprestado recentemente a uns amigos, enquanto eu fora morar no bairro da Glória, mais perto do meu local de trabalho, no centro da cidade. Na realidade, não me importei muito com o lugar onde estava. O que me deixava feliz era compreender, naquele momento, que eu estava fora do corpo com boa lucidez. Assim, desejava aproveitar a oportunidade e realizar algum experimento. O que me veio à cabeça, foi testar se poderia atravessar alguma parede. Dirigi-me àquela que estava mais próxima e comecei a comprimi-la com a mão astral direita, tentando sentir a sua textura. Acreditava que iria atravessar a parede, mas não obtive sucesso. Apenas senti uma forte resistência à entrada da minha mão, que ficou “formigando” intensamente, de forma semelhante ao que ocorre durante o EV (Estado

Vibracional). Então, concluí que o local onde estava, tinha “densidade” próxima a do meu corpo astral. Por isso, a minha mão sutil não ultrapassava a parede. Logo em seguida, retornei ao corpo físico e registrei as duas viagens astrais.

Alguns dias depois, estive com o “Dudu” pessoalmente. Conteí a ele a experiência extrafísica que teria uma relação direta com ele, e o meu amigo confirmou que, na data da minha projeção astral, quando eu estivera doando ectoplasma supostamente para o seu benefício, de fato ele passava por uma série de dificuldades. Destacou que nada estava dando certo naquele período, o que o estava deixando aborrecido e aflito. Assinalou que alguns equipamentos que usava para ganhar a sua vida deram defeito ao mesmo tempo, perdera parte significativa de uma tese que estava digitando, dentre outros percalços. Parecia que havia uma “conspiração” contra ele naquele período. Desta forma, notei que havia boa motivação para que eu realizasse aquela doação para ele, ficando claro para mim a interferência de algum amparador, pois eu não sabia da situação do meu amigo.

DATA: 23/07/2001

RELATO 4 – ATIVIDADE MEDIÚNICA NO ASTRAL

Esta experiência ocorreu sem que eu realizasse exercício projetivo. De uma forma geral a lucidez foi razoável, e há aspectos dignos de nota.

Recordo que eu estava numa construção, semelhante a um hotel, que, por sua vez, estava localizada numa extensa área ajardinada, muito bela, que possuía também árvores de grande porte. Alguém (que atuava como um amparador) me fazia companhia naquele lugar, que parecia ser um dos quartos do “hotel”. Eu admirava a paisagem pela janela daquele cômodo, quando pude ouvir parte da conversa de pessoas no quarto ao lado, por um processo estranho. Eu me sintonizara com a energia daquelas pessoas, e, em especial, com a história relacionada a um homem, que pertencia a um tipo de máfia. Compreendi que o “mafioso” cometera vários assassinatos e tinha um filho que ainda era criança. Possivelmente, o “mafioso” estava projetado como eu.

Na sequência, houve um evento (algo parecido com uma festa sóbria) no “hotel”, onde o amparador aproveitou o ensejo e me apresentou ao “mafioso”, que estava acompanhado de seu filho, um bebê no seu colo. Cumprimentei-o e passei a brincar com a criança, que correspondia

alegremente. O “mafioso”, que tinha um ar desconfiado, demonstrou surpresa pelo bebê ter gostado de mim. Após o evento, retornei ao quarto. Eu estava acompanhado do amparador. Em seguida, bateu à porta do quarto um outro homem. Eu disse a este que iria apresentar-lhe alguém (“o mafioso”), mas não revelei pormenores. Eu estava confiante e nada me era estranho. Parecia que eu cumpria o roteiro de um planejamento prévio. Então fomos (eu, o amparador e este homem que batera à porta) para um outro quarto, onde já estava o “mafioso”, que nos aguardava.

Ao chegarmos no novo recinto, de fato lá estava o “mafioso”, que parecia manter alguma expectativa quanto àquele encontro. Logo que adentrei, caí num transe mediúnico, que não me tolheu a consciência por completo. Eu podia continuar observando o ambiente, mas não era mais senhor pleno dos meus atos e palavras. Aliás, naquele momento eu falava numa língua estranha e iniciava um gestual até unir minhas duas mãos “em concha”. Notei que entre elas surgira uma espécie de alimento (uma “materialização”, em nível astral, de algo). Continuei transmitindo informações numa língua desconhecida, e, através dos gestos que realizava com os braços e mãos, indicava que daria um pouco daquele alimento para cada um dos presentes. Este gestual foi repetido por duas vezes e, na terceira vez, a entidade que se comunicava através de mim, passou a falar em português claro (pelo menos agora eu compreendia o que era transmitido): “- vou repartir este alimento em nome do Pai (e deu uma parcela para o “mafioso”), em nome do Filho (e deu um pouco para o homem que batera recentemente a minha porta) e em nome do Espírito Santo (e deu uma porção para o “amparador”).” Em seguida, a entidade declarou: “- Amém (e pôs um pouco do alimento em minha boca).” Havia uma vibração forte no ambiente e todos estavam emocionados. Notei, apesar de estar na semiconsciência de uma atividade mediúnica, que o “mafioso” passara a chorar muito. Pude, ainda, entender que ele dizia que há muito tempo estava pedindo por um alimento, que desse conforto ao seu coração. A seguir, novamente a entidade comunicante realizou o gestual, repartindo, da mesma forma, o alimento que restava entre as minhas mãos astrais, ainda unidas “em concha”. Nesta segunda etapa de doação, pude perceber que meu rosto astral estava encharcado por uma substância gelatinosa. Esta substância, que provavelmente era ectoplasma, também estava “minando” da minha boca e pelas mãos. Rapidamente eu ficara “encharcado” com aquilo, até que houve um lapso de minha memória.

Retornei ao corpo físico atordoado pelo acontecimento. Abri os olhos materiais, procurando me localizar e notei que estava no meu quarto. Olhei de imediato para os vidros da porta da minha área de serviço, de onde provinha a claridade do dia que nascia. No entanto, não vi os normais vidros transparentes da porta. Eles estavam transformados num vitral de igreja em mosaico. Havia cores diversas, em tons pastéis, sendo que no meio havia uma imagem de Jesus crucificado.

Pisquei os olhos e a visão persistia. É claro que persistia, pois estava “vendo” através do chacra frontal, mas, naquele momento, a surpresa tolheu um raciocínio mais efetivo. Então fixei meu olhar, esperando o processo de vidência terminar. Aos poucos a imagem do vitral de igreja foi sumindo, dando lugar aos vidros comuns da minha porta. Mantive-me deitado na cama por alguns minutos, aproveitando a energia boa que ficara em meu organismo, sobretudo no chacra cardíaco, até que resolvi levantar e anotar este relato.

DATA: 28/08/2001

RELATO 5 – ÁREA DE SEXO LIVRE

Eram 11:30h da noite, quando resolvi dormir. Sentei-me na cama e tive uma intuição clara de que haveria uma tarefa a ser realizada no Astral. Como eu já estava relativamente acostumado a esses “avisos”, momentos antes de me entregar ao sono, não dei maior importância ao fato. Apenas pensei que seria interessante recordar as atividades fora do corpo, o quanto possível. Após deitar-me de fato, não houve tempo de realizar exercício projetivo, pois adormeci rapidamente.

Então, um tempo indefinível depois de ter dormido, encontrei-me numa região tipicamente umbralina, que se assemelhava a uma área comercial terrena, só que cheia de detritos pelas ruas. Eu estava acompanhado de uma mulher alta, cabelos longos e loiros, de traços faciais muito belos e corpo escultural. Ela trajava pouca roupa: uma espécie de tanga e a parte superior de um biquíni. Andávamos lado a lado, bem próximos um do outro, e recordo com nitidez de ter prestado atenção a três lojas baixas, em sequência, que vendiam verduras, legumes e peixes. A “energia” do ambiente era “pesada”. O chão era sujo de lama e restos de produtos alimentícios. À esquerda e à frente do aglomerado de lojas citadas, havia a entrada de uma larga galeria mal iluminada, para onde eu estava indo com a mulher. Eu tinha confiança nela, pois a reconhecia (este era mais um “reconhecimento” de entidades do Astral, que fazem parte da nossa egrégora de trabalho espiritual). Na realidade, eu estava tenso com a vibração daquele lugar, mas a entidade feminina me passava segurança. Eu sabia, de alguma forma, que ela conhecia bem o local, e, assim, ela funcionava como condutora naquela excursão, que estava longe de ser agradável.

Uma vez ao passar pela entrada da galeria, notei que a mesma era um túnel em declive.

Estávamos adentrando uma via, em direção “subterrânea”. Não demorou muito e chegamos a uma área de sexo livre. O lugar se caracterizava por ser um espaço comprido, onde, à direita, haviam diversas portas em sequência, que davam em quartos pequenos. Do lado de fora desses cômodos, onde eu estava com a minha companheira, haviam muitas mesas e bancos rústicos. O lugar estava cheio de pessoas, sendo muitas delas com aparência bonita, mas algumas apresentavam fortes deformidades. Naquele momento, não saberia distinguir bem se eram desencarnados ou indivíduos projetados. Provavelmente ocorriam ali tanto os primeiros, como os segundos. O ambiente tinha uma forte vibração sensual. Muitos estavam nus ou seminus. Compreendi que as pessoas que chegavam sozinhas ali, entabulavam algum tipo de conversa com alguém de interesse, e, tendo-se entendido, adentravam algum daqueles cômodos para a prática sexual. O “clima” era envolvente e fiquei um pouco perturbado com tantas imagens de sensualidade, mas, como havia uma certa hostilidade no ar, também estava temeroso. Talvez estas emoções divergentes, somadas à presença da bela amiga protetora, que de alguma forma me sustentava, impediram que eu me entregasse aos instintos, ou que eu batesse em retirada rumo ao corpo denso.

Após um tempo junto com a minha companheira, observando o lugar, ela me conduziu a um dos quartos. Ela sabia o que fazia e eu compreendi que iríamos encenar uma espécie de “jogo”, de forma a não sermos identificados como intrusos. Havia um objetivo oculto para a nossa presença ali. Estando no reduzido cômodo, deitamo-nos numa cama de casal, e ficamos abraçados por um tempo. Agora ela trajava apenas a tanga. Quem ficou do lado de fora do quarto, acreditaria que estávamos naquele lugar para ter prazer, como qualquer um que estava ali.

Depois deste período, tive um lapso de memória. A seguir, eu já me encontrava do lado de fora do cômodo. Eu sabia que a minha amiga permanecera lá. Fiquei sentado num dos bancos daquele grande recinto, que assemelhava-se a uma “praça de encontros”. A minha frente havia uma mesa vazia, e ninguém se aproximara de mim até então. Percebi que eu funcionava como uma espécie de “isca”. Após momentos surgiu um rapaz moreno, apresentando um gestual típico da homossexualidade. Ele sentou-se num banco a minha frente, analisando-me com visível interesse. Achei curioso como o corpo dele estava todo lubrificado, ou pelo menos era isso que a minha visão astral podia perceber. Sua pele brilhava como se ele ou alguém tivesse passado um óleo por toda a superfície. Ele nada falou para mim, mas insinuava-se de forma clara, evidenciando desejar-me. Logo levantei-me para ir embora dali, mas ele me seguiu. Segurou no meu braço e pediu avidamente que eu raspasse os pelos que apresentava. Eu disse ao rapaz que não queria nada com ele, e fui em direção ao quarto onde estava a minha amiga. Tinha intenção de pedir ajuda a ela. Talvez se o rapaz soubesse que eu estava acompanhado, se afastasse de vez. Então, houve novo

lapso de memória.

Na sequência, após o jovem ter sumido, voltei a ficar com a minha companheira no reduzido cômodo, deitado na cama de casal. Eu estava bastante tenso com tudo o que estava acontecendo. Além do assédio de momentos antes, havia barulhos diversos como gemidos, gargalhadas, discussões, enfim, um ambiente caótico. Havia visto várias pessoas semienlouquecidas e outras com formas um tanto aberrantes do lado de fora. Na verdade, eu me sentia acuado naquele pequeno recinto, que pelo menos era melhor do que estar na área externa. Então, notei que no quarto onde eu estava, mais próximo à entrada, havia uma cama menor que aquela onde eu estava com a minha amiga. Naquele leito, dormia uma mulher muito gorda, inteiramente nua. Eu conversava baixinho com a amiga loira, expondo as minhas impressões sobre o lugar, quando ela me disse: “-o pior ainda está por vir!” Logo depois que ela me deu este aviso, entrou no recinto um homem muito robusto, nu e com os olhos arregalados, parecendo estar num estado de automatismo. Tinha um aspecto que lembrava um sonâmbulo. Seu pênis era absurdamente grande. Assim que entrou, deitou-se sobre a mulher gorda. Ela despertou e ambos começaram a se relacionar. Após instantes, retornei ao corpo físico.

Despertei impressionado com todas as imagens e sensações daquela experiência. Não foi difícil pôr no papel a sequência dos eventos, já que estavam muito vívidos na minha memória. Fiquei tentando entender qual seria o objetivo principal daquela atividade extrafísica, e pensei em algumas hipóteses. Uma delas seria o resgate de alguma entidade que, embora ainda “presa” por sintonia às vibrações daquele ambiente, já desejasse ir para um local mais saudável, precisando, para isso, de um auxílio da Espiritualidade. Sendo isso, seria compreensível a minha presença ali, pois como encarnado eu teria uma frequência vibratória mais “ajustável” com a energia do lugar (e também o ectoplasma necessário para doar para alguma tarefa mais “densa”). Outra motivação para eu estar ali, seria basicamente para absorver algum tipo de aprendizado. Sob este ponto de vista, eu poderia estar em treinamento para atuar em áreas como aquela, em oportunidades futuras. Após pensar mais um tempo, concluí que seria difícil identificar uma causa primordial para aquela viagem astral. Provavelmente estavam envolvidas mais de uma motivação, para eu ser levado por aquela trabalhadora espiritual, àquela área de sexo livre.

DATA: 26/09/2001

RELATO 6 – CAMINHANDO NO UMBRAL

Havia deitado-me um tanto cansado, não tendo realizado exercício projetivo. Eu atravessava uma época de fragilidade orgânica e de desvitalização, por motivos diversos. Provavelmente refletindo este estado físico não muito bom, que reduzia o meu bom humor, acabei por ir parar no Umbral (resumidamente, lembro que este é o termo da literatura espírita que designa uma “área” do Astral, onde há uma concentração de desencarnados em desequilíbrio).

O lugar era sombrio. Eu caminhava, evitando chamar a atenção sobre mim. Recordo de ter passado por um grupo bizarro, que era formado por um velho (cabelos totalmente brancos, bem magro e sem camisa) e alguns garotos com idade aparente entre 7 e 11 anos. Pude observar, de soslaio, que o ancião liderava os demais, impondo rudemente uma rígida disciplina. Notei que treinavam uma estranha formação de combate: os garotos subiam habilidosamente nos ombros uns dos outros, constituindo uma pirâmide humana de, talvez, 10 jovens. Após realizada a formação, ao comando do velho, eles se atiravam do alto para o solo, já com facas nas mãos. Notei que os garotos estavam sob severa tensão. Mas, como não detive a minha caminhada, evitando chamar a atenção, deixei esta situação para trás.

Depois de um tempo, atingi uma região onde a questão sexual era predominante. Primeiramente, passei por um “bairro *gay*”. Ali transitavam vários ônibus, apinhados de pessoas (pareceu-me que a maioria eram homens vestidos de mulher), cujas laterais apresentavam placas informativas. Nelas haviam inscrições indicativas, de que os veículos eram para o transporte de homossexuais e simpatizantes. Os ônibus estavam tão cheios, que até haviam pessoas penduradas nas portas. Eles gritavam, convidando aqueles que perambulavam pelas ruas, para adentrarem os veículos.

Após atravessar o “bairro” onde predominavam os homossexuais, cheguei a um outro, também com forte conotação sensual, mas que parecia ter uma proporção mais igualitária entre homens e mulheres. Enquanto eu caminhava, pude assistir a um acontecimento, que ocorreu próximo à calçada que eu trilhava. Duas belas mulheres, mas vestidas de uma forma vulgar, foram abordadas por um mendigo, muito sujo. Ele se insinuava para elas, demonstrando estar interessado em manter uma relação. A princípio elas reagiram defensivamente, olhando-o com desprezo. Mas, logo em seguida, começaram a conversar com ele, interrogando-o sobre a sua capacidade sexual, numa linguagem bem explícita. Surpreendi-me com a atitude delas, pois eu esperava que o repelissessem. No entanto, aquilo não me interessava e prossegui, tentando não demonstrar nenhuma

reação externa. Quanto aos meus sentimentos, mantive-me o máximo possível alheio ao que estava ao redor, concentrando-me basicamente em atingir o meu objetivo.

Minha meta era chegar a um templo, próximo àquela região umbralina, onde ocorriam trabalhos de antimagia. Uma vez lá, reconheci alguns companheiros de tarefa mediúnica terrena. Os trabalhos estavam por se iniciar. Alguns cânticos já eram entoados. Contudo, eu estava perdendo a lucidez, pois uma entidade de plano mais sutil já começava a utilizar meu corpo astral, para se manifestar naquela dimensão. A partir disso, só lembro de estar trabalhando “incorporado”, num nível semiconsciente, recordando apenas de cenas e atividades esparsas.

Logo após despertar no Plano Físico, permaneci deitado na cama. Lentamente, as lembranças estavam retornando da frente para trás, ou seja, eu rememorava as passagens mais recentes e, em seguida, vinham à tona acontecimentos anteriores. Fiz questão de registrar esta forma de rememoração aqui, pois esta é uma modalidade que ocorre com certa frequência entre os projetores. Comigo nem tanto, mas realmente não é tão incomum. É importante destacar que, ao despertarmos no leito, muitos de nós logo pula e procura seus afazeres, sem refletir sobre as experiências noturnas. Ao permanecer quieto por alguns momentos, tentando recordar sonhos ou atividades extracorpóreas, evita-se que estas experiências fiquem somente armazenadas no inconsciente. Permanecendo imóvel por alguns instantes após o despertar, e procurando lembrar o que se passou, recupera-se uma parcela importante da memória do que ocorreu durante o sono.

DATA: 03/01/2002

RELATO 7 – DO OUTRO LADO DO MUNDO

Eu não sabia como havia parado naquele lugar, mas compreendia que ali era uma “região astral” que não correspondia ao Brasil. Embora eu não desfrutasse de uma lucidez plena, apresentava um bom grau de discernimento. Eu estava em instalações semelhantes a um hospital. Alguém, percebendo a minha atitude de dúvida e curiosidade sobre onde estava, informou-me que estava em Vladivostok (cidade russa do extremo oriente, distante a poucos quilômetros da fronteira com China e Coreia do Norte). De fato, a informação fazia sentido, pois eu podia ver homens com grossas roupas de pele (semelhante à pelagem de ursos escuros), que usavam também chapéus do mesmo material. Além disso, pude notar que os rostos deles assemelhavam-se muito aos dos

mongóis e siberianos, com os típicos olhos oblíquos.

Num dado momento, compreendi porque estava ali. Alguém solicitou que eu esclarecesse a um homem recém-chegado naquele lugar. Ele estava muito machucado, bastante ensanguentado, tanto no rosto como no peito e membros superiores. Percebi que apresentava fraturas num dos braços e em mais de uma costela. Provavelmente se tratava de um desencarnado, que não compreendera a sua situação. Ele não queria permanecer naquele ambiente, pois não podia pagar ao tratamento. Passei a conversar com ele, de modo que entendesse que ali seria muito bem atendido. Acrescentei que devia tranquilizar-se, pois nada seria cobrado dele. No entanto, o homem teimava com uma outra pessoa (possivelmente quem o trouxera até àquele posto socorrista ou hospital espiritual) que não podia ficar, porque não tinha dinheiro para pagar. Tentei, mais incisivamente, chamar a atenção dele para o que eu estava transmitindo. Expliquei-lhe (sempre através da telepatia, já que ele não falava o português) que tudo ali era gratuito e que bastava ele ter mais confiança e se entregar aos cuidados do hospital.

Após vários tipos de argumentação, perdi a consciência dos fatos, acabando por retornar ao corpo físico, com a memória do que relatei aqui. Não sei se o homem aceitou a ajuda que chegara até ele. Acredito que sim, pois já se encontrava no interior daquelas instalações. O que é bem interessante a destacar nesta experiência, é a confusão mental que acomete os recém-desencarnados, sobretudo àqueles que passam por mortes abruptas (acidentes ou assassinatos, por exemplo), ainda mais quando possuem pequeno grau consciencial, características que pareciam se aplicar neste caso.

DATA: 14/01/2002

RELATO 8 – TESTE ESPIRITUAL E REENCONTRO

Esta vivência no Astral foi bastante interessante e intensa emocionalmente. Posso destacar que esta experiência teve três partes distintas, onde as duas primeiras demonstram como a nossa consciência física tem dificuldade em assimilar as realidades de outros planos. O que o meu cérebro pôde decodificar, do que vivi nas duas primeiras fases da experiência, resume-se à compreensão de que eu estava passando por “testes” no Mundo Sutil. No primeiro período, apenas entendi que eu relutava em fazer uma determinada prova, por não acreditar-me preparado. Recordo que respondia a questões num papel, o que se configura numa provável imagem simbólica, que

expressava esta fase inicial da experiência. Lembro que estava tendo bastante dificuldade em dar as melhores respostas, mas acabei superando este “primeiro teste”. Em seguida, passei a participar de uma “prova prática”, numa paisagem inteiramente desconhecida por mim, onde deveria descobrir “pistas” no ambiente. Eu era ajudado por duas pessoas. Não consegui trazer detalhes mais lúcidos para a minha mente encarnada, mas trouxe a percepção de que realizara a tarefa a contento.

Na terceira etapa da experiência extrafísica, finalmente houve mais clareza do que pude recordar. Recordo de ter chegado a um templo, onde transcorriam intensas atividades. Alguns aplicavam algo semelhante aos “passes de limpeza” das casas espíritas terrenas, enquanto outros faziam irradiações de cura. Os trabalhadores espirituais eram muitos e trajavam roupões brancos, num amplo salão. Eu ainda estava sendo avaliado. Havia alguém a fazer anotações num papel, sobre as minhas capacidades/habilidades. Tudo era rápido e intenso demais, para a minha mente material poder registrar com um grau de detalhamento desejável. No entanto, lembro que naquele recinto fui sendo avaliado em várias etapas, por diversas características. Após esta “prova final”, apresentaram-me uma instrutora, que era uma senhora aparentemente chinesa, de estatura bem pequena. Ela ficou próxima de mim, até as atividades do templo terminarem, quando, do corredor de acesso ao salão, surgiu um cântico muito belo. A canção, que era proferida numa língua semelhante ao italiano, expressava grande alegria. Alguém me explicou que, ao final dos trabalhos espirituais, os tarefeiros sempre cantavam. O ambiente estava repleto de satisfação, por mais uma tarefa bem realizada. Compreendi que eu fora “testado”, dentro de uma espécie de sessão espiritualista. Agora, as pessoas já confraternizavam. Na sequência a instrutora, que eu perdera de vista, se aproximou de mim com um copo de alguma bebida, oferecendo-me. Várias pessoas já estavam tomando a bebida. Depois, foi-me mostrado um papel com o conjunto de minhas avaliações. Compreendi que fora bem aprovado.

Então vieram, de fora do salão, amigos que eu reconheci. Não sei em que época ou lugar convivi com eles, mas sabia que não os via há muito tempo. Era uma sensação ao mesmo tempo estranha e feliz, mas isto já havia acontecido comigo outras vezes no Astral. Eram cinco entidades masculinas, todos muito mais altos do que eu. Abracei um a um e as emoções foram fortes. Choramos todos. Um deles disse que, nos caminhos da vida, os amigos sempre se reencontram, e que eles sabiam que eu retornaria para aquela casa espiritual e me reengajaria nela. Eu sentia como se estivesse retornando para a minha família, após uma longa e demorada viagem. Meu chacra cardíaco vibrava intensamente. Logo a seguir despertei no Plano Físico, fortemente emocionado, passando a relatar o que foi possível.

DATA: 31/01/2002

RELATO 9 – CONFIRMAÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Era um domingo e deitei-me cansado, próximo à meia-noite. Adormeci rápida e profundamente, despertando às 4:00 h da madrugada do dia seguinte. Bebi água e tornei a deitar-me, mas passei a dormir pessimamente. Eu projetava-me para a casa de uma amiga, mas logo voltava para o corpo, acordando, para voltar a projetar-me, num ciclo que se repetiu diversas vezes, até de manhã.

O que de fato percebia, cada vez que me projetava involuntariamente, é que eu chegava na casa da minha amiga, no quarto dela, onde estava seu filho, que tentava dormir com ela. Ali eu me aconchegava, num canto do quarto ao nível do chão, para adormecer também. Eu estava cansado e sonolento, mesmo estando projetado. Eu só pensava em dormir e nem questionava o que estava fazendo ali. Contudo, cada vez que tentávamos iniciar o sono, o rapaz erguia-se de supetão e começava a falar coisas sem nexos (por exemplo, parecia estar contando piadas), despertando a todos no recinto. Cada vez que ele fazia isso, eu retornava bruscamente ao corpo material, acordando brevemente, para tornar a dormir e me projetar para lá novamente. Isto terminou às 08:00 h da manhã, quando resolvi levantar-me de vez. Não é preciso salientar, que eu estava muito cansado com aquela noite mal dormida.

Mais tarde, liguei para a minha amiga e ela me informou que no meio da madrugada o seu filho, um jovem de 20 anos à época, lhe pedira ajuda, já que estava com uma febre alta. Ela deu-lhe um remédio antifebril e chamou-o para dormir no seu próprio quarto. Então o jovem, uma vez acomodado no quarto dela, passou a delirar por grande parte da madrugada até quase pela manhã, falando, com frequência, coisas sem sentido. Esta situação foi o que presenciei, cada vez que eu me projetava para o ambiente onde eles estavam. Embora estivesse no Astral com um grau de lucidez inadequado, pude captar o contexto geral da situação, apesar de eu não ter compreendido que o rapaz estava doente.

Destaco o fato de eu ter me projetado, involuntariamente, por diversas vezes para lá. Creio que isto possa ter acontecido por dois motivos. Um deles é que, já naquela época, eu tinha fortes laços de amizade com a família citada, estando acostumado a passar muitos finais de semana junto a eles. Neste caso, posso ter me dirigido inconscientemente para lá, devido ao magnetismo criado entre nós. Por outro lado, posso ter sido levado por algum amparador para aquele recinto, naquelas circunstâncias, de modo a contribuir energeticamente para a recuperação do jovem. Por fim ressalto que, embora esta sequência de projeções tenha sido na semiconsciência, foi possível

confirmá-la após considerar o que ocorreu no Plano Físico, no mesmo período em que eu me projetava.

DATA: 04/02/2002

RELATO 10 – GANGUE DE ADOLESCENTES

Em determinada noite, tive uma experiência interessante. Eu estava, mais uma vez, em região umbralina. Recordo de ter-me infiltrado numa gangue, composta por adolescentes, que se divertiam fazendo badernas.

Eles eram felizes por fazerem bastante bagunça por onde passavam, e eu me juntara a eles, passando uma imagem de que eu tinha afinidade pelas suas atividades. Dentre eles havia um líder, que era um rapaz com olhar de felino, sendo bem mais esperto que os demais. Ele me observava de um jeito, que me permitia compreender que ele sabia que eu não queria, verdadeiramente, fazer parte da patota. O jovem conhecia a minha real intenção, que era encaminhá-lo para um ambiente melhor do que aquele. Desta forma, estabeleceu-se uma espécie de “jogo”, em que ele não me denunciava aos demais, mas continuava cumprindo o seu papel normal perante os outros. Assim, caminhei com eles por diversos locais, onde chegavam fazendo muito barulho. Havia um entendimento telepático entre ele e eu, e sabia que o adolescente líder estava ainda dividido entre permanecer no mesmo *status*, ou seguir comigo para um ambiente de vibração melhor. Enquanto acompanhava a turma, pude observar que os demais componentes eram bastante imaturos, ou seja, sem personalidade própria. Às vezes, o líder me lançava um olhar mais astuto, porém eu não me sentia ameaçado por ele. Eu aguardava algum sinal da parte dele, que demonstrasse uma decisão final em mudar de vida. Depois de um tempo acompanhando eles, por vários lugares que perturbavam, retornei ao corpo físico.

Ao despertar na cama, fiquei pensando se o jovem se decidira ou não em tentar um novo caminho. Não consegui rememorar o final daquela experiência, ou se ela ainda realmente atingira um desfecho. Após meditar sobre os sentimentos que mantive durante aquela viagem astral, entendi que aquele não fora o primeiro encontro com aquela gangue, pois havia uma certa intimidade entre nós. O grupo me aceitava sem receios e o líder sabia da minha real intenção. Assim, concluí que aquela experiência no Astral provavelmente era uma dentre várias, na tentativa de aproximação e

amizade. Infelizmente não recordo o que teria havido em outras oportunidades, já que não conseguira rememorar mais nada. Até hoje não sei o resultado daquela tarefa, a qual me entreguei, sabendo que o jovem líder era o “alvo” principal, pois era quem se apresentava com maiores possibilidades de transformação. Além disso, se ele aceitasse experimentar algo novo, possivelmente os demais o seguissem.

Após esta experiência e outras semelhantes que tivera, concluo que podemos ter muitas atividades lúcidas no Astral, mas que só parcela bem reduzida é devidamente recordada aqui no ambiente material. Muitos projetores podem estar num patamar razoável de ação consciente, em planos mais sutis. Nestes casos, é realmente primordial focar na questão da melhora da capacidade de rememoração.

DATA: 1ª quinzena de março de 2002

RELATO 11 – CONJUNTO HABITACIONAL

Esta é mais uma projeção astral recordada parcialmente. No início do que pude lembrar, eu estava parado no alto de um pequeno morro, sobre uma moto, olhando para um conjunto habitacional abaixo. Já aqui interrompo o relato, para fazer uma observação. Na minha vida material sou inábil em dirigir motos ou carros, nem nunca tive interesse nisso, mas, no Mundo Astral, já tive algumas experiências lúcidas em que eu conduzia veículos diversos. Ou seja, nem sempre aqui no Mundo Terreno, reproduzimos as habilidades que possuímos em outros níveis de consciência.

Continuando a narrativa, lembro que descí o morro em direção ao referido conjunto, e, no meio do caminho, um cão vira-latas preto veio ao meu encontro para cheirar-me, enquanto emparelhava com a minha moto, que descia suavemente. Novamente faço breve parada no relato, para comentar que, nos mundos imateriais ocorrem formas de vida animais, inclusive espécimes que não existem no Plano Físico. Isto já constatei nas minhas incursões no Astral, e é assinalado também na literatura espírita e espiritualista no geral. Não me refiro a formas plasmadas temporariamente, que às vezes se assemelham a animais, mas sim a seres em processo de evolução. Bom, prosseguindo, quando parei a moto, eu estava mais ou menos no meio do conjunto habitacional. Os prédios tinham aparência humilde e todo o ambiente era mal cuidado e um tanto sujo. Em resumo, eu estava numa área de vibração relativamente densa, e, por isso, provavelmente

me utilizava de um veículo, pois a capacidade de locomoção através da flutuação (voo) deveria ser diminuta.

Saí da moto e caminhei pelo local, onde divisei muitos adolescentes desocupados. Eu sabia onde deveria ir e entrei num dos prédios. Estava ali para cumprir uma tarefa. Logo que atravessei a entrada do prédio, fui abordado por um homem de cabelos loiros, que se disse porteiro da edificação. Perguntou-me se queria saber sobre os jovens e pediu dinheiro para fornecer informações. Ele acrescentou que sabia muitas coisas, conhecendo a todos ali, até pelos seus apelidos. Agradei e disse que no momento não iria obter informações com ele, mas que no futuro voltaria, porque precisaria de informações detalhadas dos jovens, já que gostaria de escrever um livro sobre eles. Aqui faço novo intervalo, para salientar o fato da entidade pedir-me dinheiro. Isto é demonstrativo de que o lugar, vibratoriamente, se aproximava do Plano Terreno, já que havia um sistema de trocas baseado em dinheiro. Mais uma vez lembro que há farta literatura espírita e espiritualista, que descreve áreas umbralinas de diversos tipos, sempre com particularidades semelhantes à vida na matéria. Aquele lugar era habitado por desencarnados com grau consciencial bastante limitado.

Então, subi por uma escada para o segundo andar, notando que fui seguido por um jovem, que aparentava ter cerca de 18 anos de idade. Pude notar que a expressão do rosto dele era estranha, parecendo ter alguma deficiência mental, ou talvez estivesse drogado. Caminhei por um corredor, até passar em frente a uma porta toda enfeitada por lantejoulas, pedaços de tecidos coloridos e outras coisas chamativas. Eu já conhecia o local, e sabia que ali morava um rapaz homossexual, que normalmente se travestia. Ao passar em frente àquela porta, prosseguindo pelo corredor, o jovem que me seguia, resolveu entabular uma conversa comigo. Ele falou que já não sentia tanto prazer, ao relacionar-se sexualmente com o jovem travesti que habitava ali. Assim, perguntou-me porque isto estava acontecendo. Eu pensei um pouco, para tentar dar-lhe uma resposta adequada. Passou-me pela mente uma explicação técnica, talvez detalhando aspectos perispirituais (sobre o corpo astral) e energéticos, mas desisti. Então, ao falar-lhe de forma intuitiva, basicamente restringi-me aos órgãos sexuais do travesti. Provavelmente isto aconteceu, pois a capacidade de entendimento do jovem fosse limitada. Portanto, apenas expliquei-lhe que o travesti havia modificado seu órgão sexual “artificialmente” (talvez plasmando algo diferente) e que as relações devem ter, também, afeto. A partir deste momento, infelizmente, a minha capacidade de recordar findou. Quando despertei na cama, isto foi tudo o que pude trazer de memória para o Plano Físico.

DATA: 2ª quinzena de março de 2002

RELATO 12 – ESCOLA ESPIRITUAL

Esta viagem astral recorde a partir de minha chegada à entrada de uma sala de aula. Eu estava ali, parado à porta, observando o interior, quando o professor daquela turma convidou-me a entrar. O instrutor apresentou-me a todos, como um ex-aluno que se saíra bem naquele curso. Senti familiaridade pelo professor, que era um homem claro de estatura média, cabelos curtos negros e aparentava cerca de 40 anos de idade. Era como se eu fosse um velho conhecido dele.

Sentei-me numa das cadeiras vazias, que tinha uma mesinha à frente, como todas as demais. Percebi que estava sendo, de certa forma, admirado pelos alunos presentes, todos de aparência jovem, com idades presumidas entre 16 e 21 anos, considerando os padrões materiais. Não consegui lembrar como eu fora parar ali, e, embora, me sentisse à vontade, tinha consciência de que não recordava com clareza os conteúdos do curso ministrado ali. Havia um certo choque entre a minha “mente terrícola” e a minha “mente espiritual”. No entanto, eu sabia que aquilo que era ensinado ali, com certeza era diferente dos programas curriculares terrenos.

Após um lapso de memória, lembro que fomos todos para um teste prático dos conhecimentos adquiridos. Estávamos à frente de um grupo de pessoas de aparência jovem, recém-desencarnadas. Fiquei um pouco surpreso e ansioso, quando o professor alertou-me que ali havia alguém com uma grave anomalia perispiritual, dando-me a entender que eu deveria demonstrar o que aprendera no passado. Então, concentrei-me em identificar qual daquelas pessoas apresentava a citada anomalia. O grupo de recém-desencarnados permaneceu de pé, serenamente, ao meu olhar investigativo. Depois de pouco tempo, assinaléi um rapaz e uma moça, cujos perispíritos (seus corpos astrais) apresentavam estranhas “ondulações” em certas partes, que, por momentos breves, pareciam sumir diante de minha visão espiritual. Contudo, devido a minha ansiedade, não identificara realmente quem apresentava a anomalia mais profunda. O instrutor, de uma forma tranquila, foi até o grupo e destacou, lá de trás, uma outra moça, muito magra e relativamente alta. Então, pude notar com facilidade os problemas vibratórios que ela apresentava, reconhecendo que eram de natureza mais profunda do que aquilo que eu observara, nos outros jovens que apontara.

Agora, com ela se posicionando melhor à visão de todos, era possível identificar que parcela extensa de seu perispírito parecia “desfocar” a nossa apreciação. Partes expressivas do lado direito de seu abdome e tórax tremulavam estranhamente, a ponto de sumirem de nossos campos visuais, por breves instantes, para em seguida, voltarem a aparecer. Pelo menos isso é o que ficou registrado na minha mente material. É possível que tenha ocorrido alguma distorção na

rememoração do que observei de fato no Astral, já que muito do que experimentamos lá não tem um exato paralelo como o que vivenciamos na Terra.

Após a fase relatada, ocorreu um novo lapso de memória, depois do qual lembro-me de estar tendo uma experiência diferente, mas correlacionada com a identificação da anomalia perispiritual da moça desencarnada. Eu assistia a uma das vidas terrenas da jovem, quando ocorreram muitas atividades de tortura cometidas por ela. Eram cenas sangrentas e chocantes, o que me desagradou e assustou um tanto. Neste processo, que não sei explicar como ocorreu, percebi que nesta vida da jovem, eu tornei-me um perseguidor dela, já que desconfiava fortemente de suas ações desequilibradas. No entanto, possivelmente por eu ter me alterado emocionalmente, despertei no corpo. Abri os olhos com uma impressão desagradável do que vivenciara sobre a jovem, e surpreso por eu ter algum vínculo espiritual passado com ela. Devido à interrupção da experiência, não sei o que de fato aconteceu entre eu e a moça, mas pude notar que ela, ainda hoje, tem problemas vibratórios em nível perispiritual, provavelmente em decorrência de suas atitudes do passado.

DATA: 01/04/2002

RELATO 13 – RESGATE

Esta experiência extrafísica é mais uma tipicamente voltada à assistência. Não foi possível lembrar todo o trabalho espiritual realizado, mas, mesmo assim, o que recordei é algo interessante e digno de nota.

Eu estava numa localidade do Mundo Sutil, que, pelas características e circunstâncias, pode ser classificada como área umbralina, já que predominavam atitudes e emoções bem terrenas. Naquele momento eu estava no interior de uma organização militar, onde me infiltrara como recém-alistado. Não participava daquela tarefa isoladamente, pois reconheci facilmente o Marcel, um dos integrantes de grupo espiritualista onde eu atuava, mais algumas pessoas familiares, possivelmente também integrantes projetados do meu grupo, mas que não pude identificar com clareza.

Lembro-me de estar bem focado no objetivo de estarmos ali, que era resgatar alguns desencarnados que viviam naquela região, que era dominada e patrulhada por aquela organização militar, semelhante a certos agrupamentos que temos na Terra. Durante os intervalos de folga dos exercícios militares, podíamos perambular pela região, fora da área restrita de patrulhamento. Foi

nesses intervalos livres que entramos em contato com as entidades que já não desejavam permanecer naquele ambiente. Elas transformaram alguns aspectos de seus sentimentos, desejando algo melhor, mas ainda estavam presas àquela localidade, até porque sentiam-se intimidadas em se evadirem dali, pela atuação do “exército” local. Assim, ficara acertado que auxiliaríamos no escape e encaminhamento delas, para lugar melhor. Aqui faço um breve intervalo no relato, para chamar atenção para algo que acontece em certas viagens astrais. O fator tempo, não raras vezes, funciona de forma diversa do que ocorre no Plano Terreno. Em algumas oportunidades nota-se uma espécie de “dilatação do tempo”, e, numa única noite de projeção astral, temos a sensação de que fizemos muito mais do que seria lógico fazer num intervalo pequeno de horas. Algumas pessoas justificam isso, dizendo que no Plano Astral estamos sob uma vibração mais acelerada do que na Terra, e, assim, é possível realizarmos mais atividades do que no Mundo Físico. Isto me parece ter lógica, já que o nosso estado energético fora do corpo é mais elevado, ou seja, vibramos numa frequência maior. Por outro lado, neste relato que ora faço, quando comento que nos intervalos do exercícios militares tínhamos folga para perambularmos pela localidade, isso pode ter ocorrido em viagens astrais de noites anteriores. Isto é, há uma outra hipótese, de que o trabalho de resgate estaria em desenvolvimento já há várias noites sucessivas, mas teria sido rememorado por mim, resumidamente, somente naquela madrugada específica.

Voltando ao relato, meu estado de espírito era de tal determinação em resgatar as já referidas entidades, em dado momento, que eu estava um tanto alheio ao ambiente. Estava esquecendo de disfarçar minhas atitudes dentro da organização militar. Era preciso demonstrar disciplina e respeito à hierarquia do local, já que eu era um “recruta” recentemente engajado. Então, percebendo isso, o Marcel (companheiro do grupo espiritualista também projetado) aproximou-se de mim e me lembrou que deveria demonstrar submissão a um “sargento” (termo usado por ele), que vinha se aproximando. Foi uma interferência importante do Marcel, que me reconduziu ao momento presente, permitindo-me manter a postura adequada. De fato, eu lembrava de que o “sargento” já havia nos submetido a treinamento “físico” anteriormente. Ele era um desencarnado rude e ainda não era hora de nos descartarmos de nosso disfarce, para que não pusessemos em risco a tarefa. Aliás, eu estava vestido a caráter como recruta em treinamento: bermuda curta de tom esverdeado, camiseta branca e tênis.

Ao despertar no corpo material, não pude recordar mais do que narrei aqui. No entanto, a julgar pelos sentimentos de satisfação e de dever cumprido, com os quais acordei em meu leito, creio firmemente que cumprimos bem aquele trabalho espiritual de resgate. Só lamento que a capacidade rememorativa dos projetores, no geral, não seja maior. Por outro lado, de certa forma,

não se lembrar sempre das atividades extrafísicas é uma maneira de estarmos bem conectados com os aprendizados tipicamente terrenos. Se recordássemos muitas de nossas vivências no Astral, isto possivelmente seria um forte atrativo para se viver “sem os pés no chão”, o que seria contraproducente, pois, afinal de contas, se estamos encarnados é porque temos algo a aprender por aqui. Entendo que, considerando o atual estágio de evolução terrena, na média, a maioria das pessoas não está preparada para viver, de uma forma mais integrada, seus aspectos materiais com os de natureza extrafísica.

DATA: 04/05/2002

RELATO 14 – MEU CORPO NA CAMA

Eu dormia e sonhava que estava entrando em um quarto com mobília de cor clara. Uma pessoa estava brincando comigo, tentando me fazer cócegas. Deitei naquela “cama onírica”, forrada com um lençol branco, e a pessoa ainda tentava me fazer cócegas, quando percebi algo grande flutuando do meu lado esquerdo, o que me assustou. Imediatamente deixei de dar atenção à pessoa que me importunava alegremente, fixando a minha visão no que estava flutuando. Porém, o “volume flutuante” (imagem onírica) sumiu. Naquele momento, recobrei a consciência e pensei: “Ei, não tem ninguém aqui, nem a pessoa que brincava”.

Passei a prestar mais atenção no ambiente onde eu estava, notando algo translúcido e com leve contorno azulado flutuando sobre o meu peito. Percebi que eram os meus “braços astrais”, que estavam em descoincidência com o corpo físico. Tentei movimentá-los através da minha vontade e consegui. Em seguida, virei a minha “mão astral” canhota para frente e para trás com sucesso. A visão geral não era das melhores, pois havia um penumbra no quarto. No entanto, pude observar que a mobília branca onírica estava sumindo e a penumbra se intensificou um pouco. Tentei unir as minhas “mãos astrais”, mas não consegui devido a uma certa descoordenação. Eu lutava para reduzir mais o onirismo e adquirir maior lucidez.

Então, mentalizei confiantemente que queria ver meu próprio corpo material na cama. Acreditei que já era hora de isso acontecer. Logo após, eu estava projetado de pé, na posição oposta à cabeceira da cama. Em meio à penumbra do meu quarto de dormir, podia ver meu corpo inerte no leito, em decúbito dorsal (“de barriga para cima”). Eu trajava apenas um calção, que no semiescuro

do cômodo não me permitia distinguir as cores, embora eu me lembrasse muito bem do que vestira na hora de ir dormir. O que é interessante, é que uma imagem que eu julgava onírica ainda persistia, embora o meu esforço por lucidez. Era um armário de madeira clara que estava posicionado próximo a minha cama material, mas que, no Mundo Físico, não existia. Aqui faço breve interrupção neste relato, para assinalar algo curioso quanto a este “armário onírico”. Pela manhã, após a experiência extrafísica, surgiu-me outra hipótese plausível sobre o “armário onírico”. Naquele apartamento alugado, onde eu residia naquele período da minha vida, ficara-me em regime de comodato uma mesa e um fogão, que pertenciam à proprietária do apartamento. Então notei mais detidamente, com curiosidade, que a mesa que ficara para meu uso na sala, era feita de uma madeira clara, material praticamente idêntico ao do “armário onírico”. Ou seja, compreendi que seria bem possível que a proprietária do apartamento tivera mais móveis com aquele padrão de madeira, porém tendo retirado aquilo que ainda desejava usar, deixou-me só a mesa. Portanto, como a literatura projeciológica apresenta relatos de objetos físicos que, depois de retirados de determinado ambiente, mantinham suas imagens plasmadas no Astral, devido à própria força mental de moradores anteriores, acreditei nesta hipótese. Isto é, possivelmente o “armário onírico” que eu vira, era um “armário plasmado” pela pessoa que residira ali antes de mim.

Voltando ao relato, eu assistia ao meu corpo material na cama. Quanto ao meu rosto, não pude divisar detalhes, devido à semiescuridão do ambiente, e pelo fato de eu estar mais próximo de meus pés físicos do que da cabeça. Assim, prestei mais atenção a minha magreza corpórea (eu andava, à época, com problemas digestivos que impediam uma boa alimentação e adequada assimilação de nutrientes). Sobretudo, fixei a atenção nas minhas costelas proeminentes. Logo pensei, satisfeito, que não estava sentindo a força tracionante comum, que ocorre quando estamos projetados nas imediações do corpo. De outra forma, eu já teria sido puxado de volta à matéria. Então, afastei-me um pouco mais da cama e pensei em subir para o andar de cima, de modo a investigar o ambiente, após atravessar o teto. Contudo, senti um certo receio pelo que poderia encontrar. O velho “medo do desconhecido” às vezes se manifestava inesperadamente... Portanto, fiquei dividido entre a curiosidade e o receio, e este conflito de sentimentos, possivelmente, contribuiu para que eu fosse tracionado de volta ao meu corpo denso.

Despertei no veículo material, que estava, de fato, de barriga para cima. Porém eu estava coberto por um lençol fino e branco de algodão, do qual não me lembrara ter puxado para cobrir meu corpo, quando fora me deitar. Fiquei surpreso, pois, na dimensão extrafísica, eu não percebera o lençol. Apenas vira o meu corpo no leito, sem camisa e com o velho calção. Meus braços estavam sobre o estômago e formigavam levemente, assim como parte do tórax e da cabeça.

Permaneci um tempo sem me movimentar, rememorando passo-a-passo a experiência, de maneira a não dispersar nenhuma parte do que ocorrera. Só após isso, levantei-me para anotar aquela viagem astral. Era 5:30h da madrugada, e a penumbra que eu notara no Mundo Extrafísico, correspondia à luminosidade ambiente do Plano Físico.

Quanto à aparente incoerência de eu estar coberto pelo lençol, mas não tê-lo observado da dimensão extrafísica, raciocinei que podemos ajustar as nossas capacidades perceptivas no Astral. Alguns projetores apresentam a chamada visão periférica, em determinadas condições, o que lhes faculta ter um campo visual de 360 graus. Outros conseguem enxergar através do teto ou através de paredes (já ocorreu comigo uma vez). Ou seja, as capacidades perceptivas do corpo astral são maiores do que as do corpo físico. Assim creio que, como havia um bom tempo em que tentava projetar-me, para observar meu corpo material, eu deva ter ajustado automaticamente o meu foco de atenção para o meu corpo denso, avaliando-o sob o lençol que o cobria. Por outro lado, não é descartável a hipótese de que eu perdera um pouco de lucidez, ao divisar meu veículo físico no leito, até porque é difícil a manutenção da lucidez quando se está muito próximo ao corpo material. Também não posso eliminar a hipótese de que houve alguma distorção na rememoração, daquilo que vivenciei na dimensão extrafísica, ao voltar à matéria. No entanto, esta curta viagem astral foi bastante marcante para mim.

DATA: 06/05/2002

RELATO 15 – VISITA A PARENTES DESENCARNADOS

O ponto a partir do qual pude rememorar esta experiência, foi o momento em que eu estava como meu pai (desencarnado há cerca de três anos, à época), que me conduzia à residência astral de um tio-avô e uma tia-avó, que haviam partido para o Mundo Espiritual, há mais de 20 anos. Meu pai estava sorridente, e eu com uma expectativa boa de rever a “tia Nina” e o “tio Geninho”. Eu guardava uma feliz recordação de infância de ambos, pois quando eu os ia visitar, sempre tratavam-me muito bem, e ainda costumavam me dar brinquedos de presente... Agora, após longo período, na minha fase adulta e como projetor consciente, poderia reencontrá-los no Astral.

Depois de breve tempo, eu e meu pai chegamos a um amplo e belo sobrado, que continha muitas flores em jardineiras nas fachadas. Entrando na casa, reencontrei-me primeiramente

com a tia Nina, que apresentava-se bastante remoçada. Elogiei suas flores e plantas, que, para meu espanto, estavam também em áreas internas sem a devida luminosidade para uma adequada sustentação. Sobre esta minha observação, ela sorriu e redarguiu que as plantas estavam bem, em decorrência de haver ali um jardineiro muito bom. Foi quando apareceu, vindo de um outro cômodo da casa, o tio Geninho, que também estava com aparência muito mais jovem. Fiquei feliz com a chegada daquele espírito amigo, e dei-me conta da gafe que eu cometera, raciocinando sobre as plantas dali, com uma mentalidade tipicamente terrena. É claro que no Astral, as condições são outras...

Meu pai estava o tempo todo muito sorridente e feliz, por ter conseguido me levar até ali, para rever aquelas pessoas com quem tínhamos agradáveis vínculos emocionais. Ainda consigo lembrar que a tia Nina falou alegremente de seus filhos, que não estavam ali. Eu não sabia bem como agir, depois do longo tempo sem ter contato com aquelas consciências amigas, mas, de qualquer forma, eu estava relativamente à vontade e satisfeito de estar lá. Sei que ocorreram outros pormenores de nosso reencontro, mas não pude trazer tudo para a memória terrena.

Despertei na minha cama, com um sentimento de alegria pela experiência, e logo fui registrar em papel o ocorrido. No entanto, agora, creio ser relevante alertar que estes reencontros com parentes desencarnados não devem ser forçados por nós viajantes astrais, sobretudo quando predominam no projetor sentimentos de perda, tristeza ou saudades extremas. Isto pode permitir que entidades inamistosas usem este estado emocional para enganar, plasmando a forma dos parentes falecidos, para roubarem energia dos projetores (“vampirismo astral”). Reencontros com parentes desencarnados, quando se dão de forma espontânea e sob um “clima emocional” mais brando e saudável, tendem a transcorrer de maneira mais segura e produtiva, sendo realmente inesquecíveis.

DATA: 10/07/2002

RELATO 16 – PÔR-DO-SOL

Estávamos eu, meu primo e um colega radiestesista, em pleno Astral, logo após uma tarefa assistencialista, em que atuamos conjuntamente. Tínhamos acabado de auxiliar na retirada de um desencarnado desequilibrado daquele lugar, que não tinha uma vibração das mais “densas”. O ambiente, pelo menos naquele momento, não tinha entidades em excesso, nem a sujeira típica das

áreas umbralinas mais “pesadas”. Contudo, o céu apresentava uma cor meio escura, como se o sol estivesse se pondo. Resolvi prestar atenção neste fenômeno e logo escureceu bem mais. Tudo indicava que o sol estivera há pouco no horizonte, acabando por descer por completo. Senti que o campo vibracional do lugar se tornaria menos adequado à tarefa que realizávamos ali. Então, eu disse aos demais: “- Vamos embora! Amanhã a gente pega o outro.” Em seguida, despertei na minha cama.

Esta experiência, embora curta, tem dois aspectos interessantes a serem destacados. O primeiro, é que a minha capacidade de recordar não alcançou o resgate da entidade em si. Eu só recordei que tínhamos feito a referida tarefa, mas sem detalhes. O segundo aspecto a assinalar, é sobre a correlação entre a ação do sol no Plano Físico, com a sua influência naquela dimensão onde estávamos. Isto era indício, de que deveríamos estar num ambiente de frequência energética relativamente próxima à terrena.

DATA: 16/08/2002

RELATO 17 – VIAGEM AO JAPÃO

Na mesma noite da experiência do relato anterior, realizei outra viagem astral. Eu estava numa espécie de excursão, no Mundo Extrafísico, acompanhado por diversas pessoas de aparência ocidental (talvez umas 12 pessoas, as quais, depois de despertar, não pude recordar quem eram), numa localidade com grande predominância de orientais. Era um ambiente bem movimentado, com grande semelhança a um moderno *shopping*. Pelo jeito, estávamos numa dimensão energética próxima à contraparte física de uma grande cidade tecnológica do Japão. As lojas do *shopping* eram bem arrumadas e limpas, apresentando mercadorias diversas, dentre elas, muitos equipamentos eletrônicos. Os orientais, em boa parte sorridentes, conversavam muito entre si, sendo possível ouvir a sua linguagem incompreensível para nós. Percebi que seus lábios se movimentavam de fato, ou seja, eles estavam falando entre si, ao invés de utilizar a telepatia. Isto era um outro bom indicador de que estávamos próximos, vibratoriamente, ao Plano Terreno.

Então, comentei com uma das pessoas que compunham o nosso grupo de excursionistas (parecia ser uma excursão de aprendizado), que se eu quisesse me concentrar mentalmente, entenderia o que os japoneses estavam comunicando entre si. Neste momento, até fiz um gesto com

a mão direita, segurando as têmperas, aludindo à possibilidade de me concentrar e entender o idioma do lugar. No entanto, houve um lapso de memória neste ponto da minha experiência. Não recordo o que ocorreu em seguida, apenas lembrando a partir da minha permanência numa praia, supostamente ainda no Japão.

Na praia citada, que era um lugar isolado, assemelhando-se a uma dimensão energética também próxima à dimensão física, eu estava acompanhado apenas por um jovem japonês, aparentando ter cerca de 23 anos de idade. Eu o reconhecia como um velho amigo, que há um bom tempo não encontrava (não sei se era alguém projetado, ou se era um desencarnado). Ele me mostrava a vida marinha que chegara até as areias, através das ondas. Recordo com clareza de ter visto algas e alguns tipos de caranguejos. Em seguida, o jovem me trouxe um caranguejo de cor verde claro, mostrando-me o ser paralisado na palma de sua mão, que, em seguida, foi possível identificar que apenas se fingia de morto. Logo depois, distraí-me observando o mar, quando o japonês me pregou uma peça, pondo o caranguejo sobre a minha cabeça. Apenas ri de sua brincadeira e pus o crustáceo na areia. Sei que ocorreram outros detalhes de nosso encontro naquela “praia astral”, mas não pude rememorar mais, depois que despertei em meu leito material. De qualquer modo, posso afiançar que esta experiência extrafísica foi agradável, apesar do lapso de memória e da minha limitada rememoração.

DATA: 16/08/2002

RELATO 18 – CONVERSANDO COM UM ÍNDIO

Naquele dia fui dormir muito cansado, dando apenas para iniciar um exercício projetivo, antes de “apagar”. Uma vez fora do corpo, encontrei-me com um índio de rosto largo, pele bem morena e bastante robusto. Era um típico trabalhador espiritual da Corrente Astral de Umbanda. Recordo que a conversa foi longa, mas não pude “trazer” para o meu consciente boa parte dela. No entanto, lembro-me bem de que a entidade me disse: “- quando eu dou as minhas sugestões ou conselhos a alguém, mas eu percebo que a pessoa não se esforça para modificar-se e melhorar, simplesmente eu me afasto.” Ou seja, ele estava me passando instruções pessoais. A energia que ele emanava era a de uma sabedoria simples e objetiva. Pude perceber que aquele amparador tinha um caráter firme, passando uma impressão de que era bastante seguro do que falava.

Em seguida, despertei na minha cama. Eu fiquei satisfeito com o contato e refleti que ele, na realidade, estava dando-me um exemplo de como agir com as pessoas no dia-a-dia. Fiz uma autocrítica e repassei mentalmente como eu lidava com amigos problemáticos. Realmente, naquela época, eu tinha uma tendência a me sobrecarregar com os problemas alheios, colocando nas minhas costas uma carga indevida. Cada um deve fazer a sua parte, pensei. A entidade tinha razão, e eu deveria modificar a minha atitude.

DATA: 20/08/2002

RELATO 19 – CAVALOS EM PROJEÇÃO

Após ter despertado e rememorado a experiência extrafísica com o amparador indígena, levantei-me e fui beber água. Tornei a dormir e projetei-me sem perceber. Quando retomei a consciência, estava ao ar livre, numa região com extenso pasto verde. A minha frente haviam alguns cavalos.

Logo alguém se manifestou, ao meu lado, chamando-me a atenção para observar bem aos cavalos. Não pude ver quem estava ao meu lado, até porque foquei nos animais. Eles estavam dormindo de pé (os cavalos dormem, na maioria das vezes, de pé), e o corpo deles iniciava a emanção de um tipo de vapor ou fumaça esbranquiçada. Continuei observando a saída do vapor, que transitava lateralmente e iniciava uma condensação a uma certa distância dos equinos. Então, depois de instantes, ali estavam os cavalos fora do corpo físico. Os corpos astrais dos animais eram quase idênticos aos materiais, apenas com a diferença de que tinham uma tonalidade mais clara. O que era interessante, é que os cavalos pareciam responder a uma espécie de chamado sutil, imperceptível para mim, mas não para eles.

Naquele instante, então, a pessoa ao meu lado voltou a falar. Disse para mim, que deveria continuar prestando atenção aos equinos projetados. Eles, que eram em número de quatro, agora caminhavam ordenadamente, inclusive dando passos laterais em perfeita coordenação, como se estivessem num treino de adestramento em conjunto. Aquilo era um espetáculo interessante, embora eu não estivesse vendo quem ordenava os passos que os animais deviam fazer. Talvez estivessem obedecendo ao comando telepático de alguém, provavelmente a pessoa ao meu lado, evidentemente um amparador. A seguir, o amparador destacou a disciplina dos cavalos, elogiando-

os, enquanto prosseguiam na bela apresentação, que, naquele momento, parecia uma dança. Na sequência, a entidade voltou a falar, salientando que aqueles animais, considerados irracionais, eram melhores do que muitos seres humanos, pois aqueles equinos tinham as boas características do esforço e da disciplina, enquanto muitas pessoas são incapazes de se concentrar num objetivo, mantendo uma rebeldia sem motivo definido. Logo após, retornei ao meu corpo material.

Depois que despertei em meu leito, rememorei toda esta experiência, considerando-a bem original. Eu estava satisfeito e logo coloquei-a no papel. No entanto, naquele momento, não fiz uma ligação direta entre a outra viagem astral que ocorrera na mesma noite (a do índio), com esta. É bem possível que o índio da primeira viagem noturna fosse, também, o amparador desta segunda projeção astral. Ele deveria ter cumprido o papel de “adestrador” dos cavalos na experiência extrafísica, para, justamente, me passar o valor que há em manter uma disciplina durante a vida, evitando perder o foco das coisas realmente importantes.

DATA: 20/08/2002

RELATO 20 – EXTRATERRENOS?

O início do que pude recordar desta experiência, é a partir da minha estadia em local do Astral, acompanhado por dois outros projetores conhecidos, mas que, agora (enquanto escrevo), não consigo identificar mais. Nós três estávamos alinhados lateralmente e, em frente a cada um de nós, havia um ser humanoide, mas com características um tanto diferentes de uma pessoa comum. Eles passavam conhecimentos a cada um de nós, individualmente. Portanto, não sei o que cada um dos meus amigos projetores recebia de informações, embora eu tenha podido, num certo momento, observá-los pelo canto dos olhos, e notar que estavam também em comunicação com os estranhos seres. Entendi que aquelas três consciências pertenciam a outro planeta. Aliás, posso destacar que os três “extraterrenos” eram bastante semelhantes entre si. Eles tinham uma estatura bem elevada, apresentando-se com cerca de meio metro a mais que eu (no Plano Terreno tenho 1,70 m de altura). Eles emitiam uma luminosidade muito branca por todo o corpo, quase luminescente. As cabeças deles tinham formato ovoide, mas não posso recordar traços fisionômicos.

Quanto à comunicação que eu estava recebendo do ser a minha frente, que se dava de maneira telepática, é algo difícil traduzir na forma de palavras. Posso dizer que era algo elevado

espiritualmente, mas numa densidade/profundidade complicada para expressar. Provavelmente esses conteúdos estão armazenados em nível do meu inconsciente. Recordo que a minha percepção da energia que ele emanava, pode ser traduzida por um misto de serenidade e sabedoria. A sua presença inspirava-me confiança e eu, naturalmente, sentia respeito por aquela consciência. A comunicação transcorria bem, até que, num dado instante, percebi que o ambiente passara de uma luminosidade clara para um tom acinzentado. Imediatamente, o “extraterreno” me transmitiu que, pelo fato do ambiente haver mudado, não seria possível continuarmos a nossa comunicação ali. Logo a seguir, estendeu-me a sua grande mão, e eu entendi que ele me oferecia uma oportunidade para acompanhá-lo a um lugar melhor, que propiciasse a continuidade de nosso contato. Segurei em sua mão de pronto, e, automaticamente, fui transportado para uma outra dimensão.

A nova ambientação apresentava uma bela paisagem. Eu estava numa colina coberta por relva bem verde, observando um amplo horizonte formado por diversas colinas como a minha, sendo tudo permeado por uma suave claridade. Já não via a entidade “extraterrena”, e não me preocupava com isso. Eu fora induzido a uma expansão de consciência e permanecia ali numa espécie de contemplação. Estava sentado naquela relva e sentia um grande distanciamento de minha atual vida terrena. Notei que meu corpo astral, agora, era semelhante ao do “extraterreno”. Observei os meus braços com aquela cor branca quase luminescente, assinalando também que eu apresentava-me com o tronco e membros mais compridos, e, além disso, a minha estatura era mais elevada do que antes. No entanto, nada disso me espantava. O meu foco de percepção estava mais voltado para a questão da dualidade que vivemos no Mundo Físico. Naquele momento, latejava na minha mente a disparidade entre o meu estado momentâneo de consciência (sentia um grau maior de unificação com o Todo) e aquele que temos normalmente na Terra, quando manifestamos preocupações e apego excessivo por certas coisas. Ali, naquele instante, o valor desses sentimentos terrenos era profundamente irrisório para mim. Simplesmente faziam muito pouco sentido. Minha compreensão estava bastante ampliada e eu sentia uma grande paz. A seguir, despertei na cama. Pensei que não deveria esquecer a rica experiência que acabara de ter. No entanto, não quis levantar-me para registrá-la, já que preferia manter-me naquele estado de serenidade. Acabei pegando no sono novamente, e só depois fiz as anotações necessárias. Pode ser que, ao despertar em definitivo pela manhã, eu tenha me esquecido de algo. Contudo, o que pude rememorar considero bastante significativo, pelo menos em termos pessoais.

DATA: 13/09/2002

RELATO 21 – PROJEÇÃO DURANTE UM TRABALHO DE CURA

Na época desta experiência, eu estava com um nível baixo de vitalidade. Meu primo, que atua em trabalhos bioenergéticos de cura, estava me visitando regularmente, de modo a restabelecer a minha saúde. Como de praxe, naquela noite, mais uma vez eu me deitara em minha cama, enquanto o meu primo exercia a cura prânica, associada a outros métodos “alternativos” de harmonização. Eu estava em decúbito dorsal (de “barriga para cima”) com os olhos fechados, quando, de forma automática, iniciei o tradicional exercício da “esfera dourada”, que induz o Estado Vibracional (EV). Então, surpreso pelo meu automatismo, questionei mentalmente a necessidade de eu estar fazendo aquele exercício. No entanto, pensei que não era hora de racionalizar muito, permanecendo com a movimentação energética da “esfera dourada”. Eu não tinha intenção de projetar-me, apenas continuando com o procedimento por pouco tempo, pois logo perdi a consciência.

Após um período que não sei precisar, recorro de estar num lugar conversando com um homem, que me questionava onde estava o filho dele. A fisionomia do homem era bem nítida, tendo pele morena e um bigode bem aparado, e estando claramente irritado comigo. Ele insistia na pergunta, argumentando que eu saíra com o seu jovem filho e agora voltara só. Eu nada respondia, pois pela minha mente passava a cena do rapaz sendo levado por dois “policiais”, e eu fora o responsável por aquela situação (anteriormente eu abordara amigavelmente ao pai e ao filho, quando ficara acertado que seria bom o jovem vir comigo, por um motivo que não recorro – só sei que tudo isso fazia parte de uma espécie de resgate espiritual). Aquele pai, diante do meu silêncio, ficou revoltado e esbravejou novamente a pergunta do porquê eu saíra com o filho dele, e não o trouxera de volta. Como recordava, naquele momento, que eu fora o responsável pelo “sumiço” do jovem (o entregara a guardiães do Astral), preferi manter ainda o silêncio. A seguir, o homem desferiu-me um soco, do qual eu desviei instintivamente. Numa fração de segundo, retornei à Dimensão Terrena automaticamente, acontecendo um forte solavanco no meu corpo físico. Abri rapidamente os olhos materiais, e observei o meu primo dando continuidade ao seu trabalho bioenergético. Eu havia esquecido que meu primo estava ali. Entendi que eu estivera projetado por momentos, e que retornara ainda durante a tarefa de cura prânica, que estava me beneficiando. Portanto, permaneci quieto, embora de olhos abertos, tentando não atrapalhar a concentração do curador, de pé ao lado da minha cama, ainda em plena atuação. Enquanto isso, passei a tentar entender melhor o que acontecera. Eu estava muito surpreso com a experiência.

Pouco tempo depois, o meu primo terminou a sessão. Ele comentou que percebera

nitidamente o forte solavanco que ocorrera em meu corpo, e perguntou-me o que acontecera, se eu sentira algo diferente. Contei-lhe a ocorrência, com todos os detalhes que pude lembrar, descartando a hipótese de ter sido um sonho, pois eu sabia diferenciar muito bem o onirismo de viagens astrais. Acrescentei que tinha duas hipóteses para aquela experiência extrafísica, naquela situação inusitada. Uma delas é que eu fora atraído para aquela entidade, há poucos minutos atrás, pois ela queria saber o que eu fizera com o seu filho, talvez na noite anterior àquela sessão de cura prânica. A outra hipótese é que toda a experiência, desde o início (a abordagem inicial amigável ao pai e ao filho) até o fim (a cobrança do pai sobre o destino do filho), ocorreram no curto espaço de poucos minutos, durante uma parte da sessão de cura. Se foi isto que ocorreu, tem uma lógica, já que eu andava depauperado, e, naquela circunstância, estava sob um suporte energético extra, proporcionado pelo meu primo. No entanto, realmente não é possível discernir com certeza, qual situação de fato ocorreu. Apenas posso afirmar que foi uma projeção astral sob condição excepcional, cuja circunstância não se repetiu comigo até os dias de hoje.

Por fim, destaco dois fatores dessa experiência. Um deles é a questão do tempo numa viagem astral. Não é incomum realizarmos atividades relativamente complexas no Astral, tendo-se a impressão de que se passou, por exemplo, uma hora. Porém, quando despertamos no Mundo Material e olhamos no relógio, constatamos que estivemos deitados por apenas poucos minutos. Ou seja, o tempo tem um “valor diferenciado” conforme a dimensão (nível vibratório) em que estamos. O outro fator que quero assinalar, é sobre os variados estados de consciência que temos no Mundo Espiritual. Já me deparei com isso por diversas vezes, mas entendo que nunca é demais frisar esta questão: lá “do outro lado”, conforme o nível energético em que estamos vibrando, agimos de forma diferenciada da nossa personalidade terrena “normal”. Portanto, sob as condições do Astral, não raras vezes, apresentamos conhecimentos mais amplos e reconhecemos pessoas que não fazem parte do nosso círculo de amigos do Plano Terreno.

DATA: 07/11/2002

RELATO 22 – SIMBOLISMO SEGUIDO DE PROJEÇÃO

Aquela era uma noite muito quente de verão no Rio de Janeiro. Eu acabava de retornar da rua, com um ventilador novo, já que o meu pifara desavisadamente. Após montar o aparelho, tomei um banho frio e fui deitar-me bastante cansado, com o corpo semiúmido, para aplacar a

sensação térmica desagradável. Dormi de forma praticamente automática.

Então, passei a sonhar com um colega do trabalho, que agia de forma estranha ao seu normal. Logo despertei e, entendendo que tivera um sonho, avalei que o meu colega de empresa não era daquele jeito. No entanto, como estava muito sonolento, logo adormeci novamente. Assim, passei a ter uma nova experiência onírica. Agora eu estava no apartamento em obras recém-adquirido, e para onde eu iria me mudar em breve. Lá, me acompanhava uma das médiuns do grupo espiritualista que eu deixara de frequentar, há poucos meses, por estar debilitado organicamente. Eu e esta minha amiga observávamos, da janela que se situava no 11º e último andar, que na rua se formara um rio sereno. Contudo, logo o rio se tornou fortemente caudaloso e suas águas arrastavam muitas pessoas e carros. Estava havendo grande destruição lá embaixo, até que foi possível sentir um baque na fundação do prédio. Parecia que ele iria ruir. Eu e minha amiga fomos até o elevador do prédio e outro grande estalo ocorreu. Enquanto descíamos, era possível perceber o prédio inclinando-se. Logo despertei, aliviado por este sonho aflitivo ter sido interrompido. No entanto, mais uma vez, tornei a dormir.

Passei a ter uma nova experiência noturna. A princípio era outro sonho, pois eu estava deitado numa cama diferente da minha. O leito onde estava, era forrado por um lençol todo branco e eu acabara de “despertar”, levantando-me. Perguntei a mim mesmo se estava ali de pé, “em espírito”, ou no corpo físico. Eu estava um tanto confuso, tentando adquirir lucidez. Apalpei-me e concluí, pela densidade perceptível, que era eu em “carne e osso”. Contudo, na minha mente estava registrado que eu tinha uma tarefa a executar, e achei estranha aquela sensação de um “dever a cumprir” iminente, que só ocorria no Mundo Astral. O que sentia que precisava fazer, não teria significado realizar se eu estivesse desperto no corpo material. Portanto, eu ainda estava confuso, embora tivesse uma certeza íntima de que tinha algo a fazer. Mas, este estado de dúvida não durou muito. Logo tive um lapso de memória, e, a seguir, já estava rumando para uma tarefa no Astral Inferior.

Agora, eu adentrava uma construção, que parecia ser um prédio de escritórios. Eu estava determinado e não restava dúvida do que precisaria fazer, sabendo também que transitava em área umbralina. Na saleta de entrada do lugar, estava uma espécie de secretário, atrás de uma mesa. Prontamente aproximei-me dele e o agredi, nocauteando-o rapidamente. Passei por uma outra porta, resoluto, entendendo que era necessário fazer uma boa confusão ali. Acabei agredindo muitos homens, que estavam sentados atrás de mesas cheias de papel, naquele recinto amplo que se apresentava a minha passagem. Eu sabia que aquela “instituição” que invadira, era uma organização totalmente voltada a ações desagregadoras, constituindo-se, aquelas entidades, em planejadores de

negativismo na Terra. Em outras palavras, eram seres voltados a instigarem/intuírem sentimentos e pensamentos perniciosos aos encarnados. Na realidade, eles estavam atônitos com a minha chegada. Não esperavam um ataque surpresa, e, por isso, praticamente não ofereciam resistência. Além disso, eu estava muito ágil e forte, enquanto eles pareciam não ter preparo para luta “corporal” (eram “planejadores” de fato). Também é relevante destacar que, tendo como suporte energético o meu corpo físico, eu apresentaria uma força maior do que a deles. Sob essas condições, que me eram favoráveis, eu não fui atacado. Apenas alguns deles esboçaram tentativas de se defenderem dos sopapos que eu distribuía. A uns eu atirava contra as paredes do lugar, e logo caíam tontos ou desacordados. Num dado momento, divisei um senhor aparentando meia-idade, com cabelos grisalhos. De pronto eu compreendi que era o “cabeça”. Parti com tudo para cima dele e rapidamente deixei-o desmaiado. Não tive, em nenhum momento, dó daquelas entidades, já que na minha mente estava registrado que era, através delas, que muitas confusões e dor se materializavam no Plano Terreno. Logo após ter nocauteado o “chefe”, despertei na minha cama.

É interessante destacar, que este tipo de experiência, depois que voltamos à matéria e refletimos sobre tudo, é de causar alguma estranheza. É facilmente perceptível a grande disparidade entre o estado mental/emocional durante a projeção e o que temos enquanto estamos no corpo físico, no dia-a-dia. Aqui e agora, enquanto digito esta experiência, até me choco com o que fiz “do outro lado”. Lá, eu sabia muito bem o que era necessário fazer. É como se alguém ou alguma força externa ao meu ser me induzia/sustentava, para executar aquela tarefa. Ao mesmo tempo, eu estava bastante identificado, naqueles momentos, com o que devia realizar. De qualquer maneira, não é possível negar que no mundo em que vivemos há, ainda, grande necessidade de atividades de policiamento e repressão, muito embora a base para a transformação dos seres seja a educação e o amor. Na escalada evolutiva/consciencial, entendo que não há quem não tenha precisado da dor, em algum momento, para que tivesse um alerta de que estava num caminho ruim. Por outro lado, agora, me pergunto o que ocorreu com aquela organização após a minha atuação. Eu fui apenas uma peça naquela ação invasiva, ou outros teriam dado continuidade após a minha passagem por aquele lugar? Aquele agrupamento teria sido enfraquecido ou desfeito? Realmente, não sei...

Quanto ao sonho que descrevi no início deste relato, onde a força das águas estava “levando” tudo, gostaria de me referir a este fato, mas não numa interpretação do simbolismo apresentado. Quero chamar a atenção para a conexão entre este sonho que tive, com os sonhos de duas pessoas amigas, na mesma madrugada. Uma delas é o meu primo, que teve uma experiência onírica cujo cenário era uma inundação muito grande, onde ele e a sua irmã tiveram que se refugiar em minha residência. O outro caso é do filho de uma médium amiga, que contou-me ter sonhado

que estava dentro de um rio, onde cobras o puxavam para o fundo. Após ter lutado bastante, salvou-se, indo descansar sobre uma pedra grande no próprio rio. É bem interessante a correlação entre o sonho que tive e aqueles que os meus dois amigos tiveram na mesma noite. Acredito que, por nós todos estarmos vinculados energeticamente ao mesmo grupo espiritualista de origem, e provavelmente por realizarmos tarefas conjuntas no Astral, embora nem sempre com boa lucidez e rememoração, acabávamos por ter sonhos com uma base em comum, no caso, a questão das águas. Isto ocorreu diversas vezes entre mim e pessoas próximas, quando apresentamos sonhos com símbolos similares, numa mesma noite, ou ao longo de uma mesma semana. Desta forma, achei interessante registrar isso aqui.

DATA: 11/02/2003

RELATO 23 – ATRAVESSANDO OBSTÁCULOS

Eu estava há uns dias na casa de amigos, no bairro de Campo Grande, aqui no Rio de Janeiro, quando, em determinada noite, fui deitar-me já bastante cansado. Resolvi, intuitivamente, realizar um exercício de visualização de fluxos de energia branca, através e também pelo entorno do meu corpo físico. Porém, o exercício não durou muito tempo, já que eu rapidamente “peguei no sono”.

Então, a experiência que passo a relatar, pelo menos quanto ao que foi possível rememorar, inicia-se com a minha estadia num elevador, com mais duas pessoas. O elevador se deslocava tranquilamente, até que parou entre dois andares, ficando apenas uma estreita passagem que possibilitava uma saída arriscada, se aquilo estivesse ocorrendo no Plano Físico. Como eu tinha consciência de que não estava no Mundo Material, raciocinei que poderia transpor a pequena abertura, usando a minha mente para tornar o meu corpo astral menos denso, evitando atritos com a “matéria astral” daquela dimensão. Logo em seguida, realizei o meu intento sem dificuldades, chegando num lugar que parecia ser um andar subterrâneo do prédio onde eu estava. O espaço era amplo, mas havia muito lixo no lugar, que se agrupava em vários montes esparsos. Não consegui enxergar uma porta de saída dali, mas na parte alta de uma parede haviam basculhantes, que permitiam a entrada da luminosidade externa. Desejei sair e pensei: “posso alcançar um basculhante através de um impulso mental”. Ou seja, planejei flutuar até a abertura disponível, que se localizava bem no alto da grande parede a minha frente, e logo abaixo de um monte de lixo. Concentrei-me

bastante, pois o ambiente apresentava-se vibratoriamente denso ali, e eu deixei-me afetar pela energia do lugar, o que refletiu-se no meu corpo astral. Assim, flutuei com dificuldade até aterrizar no topo do monte de lixo, próximo ao basculhante que eu desejava atravessar. Então, bem de perto daquelas aberturas de saída, percebi que eram estreitas e que poderiam impedir o meu escape. Mais uma vez avaliei a possibilidade de vencer um obstáculo pela concentração mental, tornando o meu corpo astral menos denso. Realizei uma mentalização difícil, em decorrência das condições ambientais referidamente desfavoráveis, conseguindo ultrapassar o basculhante. No entanto não foi fácil, pois a sutilização do meu corpo astral não foi das melhores, e pude sentir uma espécie de “atrito gelatinoso” com a “matéria” que compunha o basculhante.

Uma vez do lado de fora, notei que estava num quintal dos fundos de uma casa. Observei, a certa distância, que os membros de uma família se movimentavam ali. Agi de forma automática, me escondendo atrás de um monte de tijolos empilhados. Acompanhei os passos de uma menina, que se dirigia a um portão, próximo de onde eu me encontrava. Conforme a criança se aproximava, eu arroteava o monte de tijolos, de maneira que ela não pudesse me ver. Em seguida abaixei-me, para que os demais membros da família não me vissem, já que a pilha de tijolos não era tão alta. Uma vez agachado, tive um lampejo mental e me questionei: “por que estou me escondendo?” Em seguida, resolvi intimamente: “vou me mostrar a eles!” Assim, saí de trás dos tijolos, permitindo que me enxergassem. Tive uma certa surpresa, pois eles vieram ao meu encontro, muito sorridentes e cordiais. Aqui, faço uma breve interrupção no relato, para comentar um aspecto interessante. De uma forma geral, até o ponto narrado da experiência, eu estava com uma consciência bem próxima a da personalidade que tenho enquanto no estado de vigília, no Plano Terreno. Depois do contato com as pessoas, fui adquirindo uma consciência um pouco mais amplificada, que me permitia, de certo modo, “recordar” que já conhecia aquelas pessoas e que não estava ali a toa. Essa mudança de *status* consciencial, portanto, é algo a se destacar dessa viagem astral, que volto a relatar agora. Bem, na sequência, o homem convidou-me a entrar na sua residência, e, junto com a sua esposa e outros filhos, fui “escortado” até o interior da casa. Recordo-me que a construção era de alvenaria, e a pintura externa tinha um tom predominante de bege. Mostraram-me vários cômodos, dos quais já não tenho muitos detalhes na memória, até que, retornando para fora, subimos por uma escada lateral externa, que dava para o segundo andar da casa. Enquanto o homem apresentava tudo animadamente, parei num patamar da escada e perguntei-lhe: “- onde está o menorzinho? O filho mais novo. Eu quero vê-lo.” Então, o homem trouxe-me um garoto aparentando ter cerca de quatro anos de idade. O menino tinha cabelos lisos negros e um rosto que transparecia um estado doentio, sobretudo pelos olhos significativamente

vagos. Pus uma mão na cabeça dele, no intuito de transmitir-lhe vibrações de cura, mas, a partir desse ponto, não recordo o restante da vivência no Astral. Creio que a interrupção das lembranças se deu por uma incapacidade própria para recordar mais, naquela oportunidade, ou porque a partir do momento em que tentei auxiliar ao garoto, tenha sido influenciado de forma mais ostensiva por algum amparador, invisível naquele ambiente, o que teria reduzido a minha lucidez. Aliás, o lugar onde eu estivera, tinha uma “densidade energética” relativamente próxima do Mundo Físico. Portanto, presumo que aquela família que eu visitara, possa ser de encarnados que estavam projetados, ou seriam de desencarnados de colônia espiritual de vibração próxima à materialidade.

DATA: 8/03/2003

RELATO 24 – JOVENS DROGADOS

Estava cansado fisicamente quando fui deitar-me, mas resolvi realizar alguns exercícios com fluxos de energias pelo corpo. Depois de pouco tempo não resisti e adormeci. Não sei como e nem o porquê exatamente, mas fui parar num lugar com vários jovens, aparentando idades entre 16 e 21 anos aproximadamente. Eles estavam visivelmente drogados e não tentavam disfarçar o seu estado. Estavam à vontade e a minha presença não os inibiu. Fiquei ali observando, até que chamou-me a atenção um rapaz, já que ele tinha uma colher e nela estava depositada uma pedra branca (o chamado “crack”). O jovem aquecia o fundo da colher com um tipo de isqueiro. Desta forma, a pedra exalava vapores, que eram aspirados avidamente pelo indivíduo.

O ambiente era meio escuro e a minha lucidez flutuava um pouco. Recordo que senti que o lugar era carregado, também, por fortes vibrações de sensualidade, embora, naquele instante, as pessoas ali estivessem preocupadas somente em se drogar. Num dado momento, um jovem de cabelos loiros chamou-me pelo nome, e ofereceu-me a droga de forma irônica. Ignorei, constrangido, a sua oferta. Percebi que ele usara a ironia, porque já sabia que eu não aceitaria. O que é curioso, é que ele me chamara pelo meu nome. Possivelmente eu já estivera ali anteriormente, numa outra experiência astral, da qual nada recordava. Creio que talvez estivera naquele lugar para prestar alguma assistência extrafísica, provavelmente induzido por amparadores, já que não tenho nenhum tipo de vício, que pudesse me atrair naturalmente para aquele tipo de ambiente.

Estive em diversos pontos daquele local, observando os fatos, e me sentindo um tanto

pesaroso e impotente. Em outro momento, recorro de um rapaz de pele clara e cabelos negros, que estava se drogando num banheiro de azulejos brancos. Ele já estava bastante entorpecido, mas não parava. Mais à frente conversei com outro jovem que, sob efeito do narcótico, contou para mim a sua sensação de flutuar, enquanto fazia movimentos laterais pendulares, sentado no chão. Após isso, afastei-me um pouco dali. Fui até o lado de fora da construção onde os jovens se drogavam, e, naquela rua semiescura, flutuei até a altura aproximada de um poste, onde permaneci por um tempo meditando sobre o que vira. Dali ainda era possível ver o rapaz que achava que flutuava, enquanto o seu corpo astral permanecia “pregado” no solo. Ele continuava realizando os movimentos pendulares, sentado no chão. Inevitavelmente, passei a me comparar com ele e senti-me quase feliz em poder realmente voar com o meu veículo astral, enquanto o jovem precisava se drogar para ter uma sensação ilusória de flutuação. Em seguida, retornei ao corpo material e logo registrei no papel tudo o que foi possível lembrar com clareza.

Antes de finalizar este relato, gostaria de assinalar que, após ter feito as anotações da experiência, calculei que a imagem que eu vira no Astral, do uso de uma colher como suporte para aquecer o *crack*, teria sido uma distorção na lembrança do fato. Comentei isso com um amigo da polícia federal, e ele me esclareceu que eu vira algo relativamente comum no uso do *crack*, pois quando não se tem os “cachimbos” para pôr a pedra, os usuários utilizam colheres como base para a droga, aquecendo-a por baixo com isqueiros. Ou seja, o que eu vira no Astral, condizia exatamente com a realidade do uso desta droga no Plano Terreno. Fiquei surpreso, pois desconhecia este detalhe à época. Aliás, o *crack* no início desta década era muito pouco difundido na cidade do Rio de Janeiro, ao contrário da capital paulista, onde este entorpecente já estava instalado. Portanto, imagino que eu tenha feito uma viagem astral até São Paulo. Hoje, enquanto digito este relato neste *e-book* (final de 2009), infelizmente, o Rio de Janeiro vive uma “epidemia” de *crack*, o que vem causando uma série de transtornos sociais, somando-se aos outros que já tínhamos aqui. Quanto aos jovens do relato, em si, entendo que há duas possibilidades sobre eles. Uma é que seriam encarnados projetados, se drogando no Astral. A outra situação possível é que seriam pessoas que desencarnaram pelas drogas e que, “do outro lado”, continuam com o mesmo tipo de procedimento. A literatura espírita/espiritualista é farta neste tipo de informação.

DATA: 1/04/2003

RELATO 25 – VOO EM GRUPO

Nesta noite, realizei algumas projeções em sequência, com lembrança bem limitada.

No entanto, recordo com facilidade um período, quando estava voando entre dois vilarejos astrais (colônias espirituais), separados por extensa área com muitos morros, cobertos por vegetação bem verde, do tipo “gramíneas” (sei que realizei tarefas nos vilarejos, mas não recordo o conteúdo). O que foi marcante, foi a precisão de voo que eu tinha que realizar, para evitar me chocar com outras pessoas que estavam se deslocando pelo ar como eu. Era um voo em grupo, num número bastante grande, do qual não me recordo de ter participado anteriormente, de algo semelhante.

De início, quando saí do solo, alcancei cerca de três metros de altura, e notei que poderia acontecer algum “acidente”, já que ali havia muita gente. Então, fazendo gestos sutis com minhas mãos, tive um suporte psicológico para conseguir realizar manobras sutis, evitando esbarrar em alguém. É claro que não eram as minhas mãos que exerciam o direcionamento, mas sim a minha mente. Porém, o esforço mental para executar os desvios precisos de rota, acabaram por se refletir nos gestos automáticos que eu fazia com as minhas mãos. Depois de um tempo evitando me chocar com as pessoas, consegui um espaço para subir mais, atingindo cerca de 15 metros de altura. Deste modo senti-me livre e acelerei o voo, através de uma vontade bem concentrada. Foi extremamente agradável sentir a liberdade de ação, após deixar para trás o “engarrafamento de pessoas”, que voavam numa altitude menor. Assim, pude aproveitar melhor a paisagem que se descortinava abaixo e à frente. Era como um “mar de morros verdes”, entremeados por algumas planícies, que eram verdadeiras campinas, também muito verdes. Realmente, para qualquer projetor que não tenha um medo significativo de altura, a sensação de voar é maravilhosa e inesquecível. Foi com esta sensação que despertei no leito físico.

DATA: 2/05/2003

RELATO 26 – REENCONTRO E TAREFA ASSISTENCIALISTA

Esta viagem astral foi a primeira de duas na mesma noite. O início do que pude rememorar, trata-se de um reencontro com a minha falecida mãe (desencarnou em 1989). Eu e ela acabáramos de conversar com um senhor negro, aparentando idade entre 40 e 45 anos, que era bem magro, com aspecto doentio. Agora, eu e ela descíamos uma ladeira, quando me distraí com uma vegetação na beira do caminho. No momento que olhei para a frente, ela já havia se deslocado com rapidez e eu a perdera de vista. Fiquei surpreso com a velocidade com que ela se movimentou, mas não havia problema algum, pois eu sabia onde era a sua residência no Astral. Assim, continuei

caminhando até lá. Quando cheguei ao meu destino, um casarão de muros altos e tom laranja bem claro, encontrei duas pessoas conhecidas. Uma delas era uma senhora negra, com idade aparente entre 45 e 50 anos, levemente obesa, já desencarnada. A outra pessoa era o homem que descrevi, brevemente, no início deste relato.

Bem, a senhora negra estava próxima à morada de minha mãe, mas o foco da minha atenção estava voltado para uma típica oferenda umbandista, com velas e charutos, num toco de árvore, a poucos metros da entrada da residência da minha genitora, que deveria estar no interior da casa. Fiquei ali parado, um tempo, observando a disposição daqueles materiais de magia, em pleno Astral. Só então, a senhora negra aproximou-se de mim, humildemente, mas levei um pequeno susto, pois eu ficara meio “fora do ar” observando aquela oferenda. Eu falei algo a ela em tom de surpresa, e ela me respondeu: “- Eu fiquei quieta porque pensei que o senhor estava com guia.” Logo lhe falei: “- É, de repente eu estava porque fiquei meio aéreo!”

Em seguida, afastei-me dela e fui em direção ao portão do casarão de minha mãe. Então, aproximou-se mais o senhor negro a quem me referi no início deste relato. Ele estava realmente doente, pois tossia muito. Estava tendo um acesso de tosse, a uns dois metros da entrada da residência da minha genitora. Agora, eu estava de costas para ele, pois tinha intenção de entrar na casa. Mas, como eu estava ainda meio aéreo, estaquei naquela posição, como se estivesse sendo teleguiado por outra inteligência. A minha lucidez flutuava, mas não ao ponto de eu perder a consciência. Fiquei assim por um tempo, de costas para o senhor doente, mas sem bater no portão da residência. Então, aconteceu um fenômeno sem a minha interferência mental. Acabara de ser plasmado, em mim, um grosso casaco escuro, com uma gola alta. Mantive-me parado, enquanto podia ouvir que a tosse da entidade aumentava atrás de mim. De repente, eu comecei a tossir também, mas ele, que estava bem próximo de mim agora, passou a liberar placas de catarro, que atingiam o casaco que me protegia. Pude ver que as tais placas tinham tonalidades entre o amarelo e o verde, já que algumas delas vieram a se alojar em partes do casaco, visíveis para mim (nos braços e ombros). Eu ali, parado, numa espécie de transe semiconsciente, tive a intuição de que ele tinha tuberculose (provavelmente desencarnara com a doença, mas ainda retinha no perispírito as mazelas de sua vida material). Após alguns momentos, foi reduzindo o acesso do homem, até parar. Disse que estava melhor e me agradeceu. Então, virei-me para ele e observei que estava com uma aparência mais saudável.

A seguir, o senhor se deslocou até uma vegetação próxima e retirou folhas de uma planta, do tipo “cipó”. Comunicou-me que iria fazer um banho com as folhas, como lhe havia sido recomendado. Senti que esta recomendação teria partido de um guia de umbanda, que se manifesta

através de mim, em certas oportunidades. Possivelmente quando conversei com este senhor, quando eu estava com a minha mãe (no início deste relato), devo ter entrado em transe e transmitido a orientação. Então, perguntei se gostaria que eu pedisse água para a minha mãe, de forma que ele pudesse usar no banho de ervas. Respondeu-me que não era necessário. Em seguida entrei no casarão, sendo recebido pela minha genitora, que estava muito sorridente. Parecia feliz por eu ter ajudado aquela entidade. A partir deste ponto nada mais pude lembrar.

Sobre esta projeção, entendo ser relevante destacar dois aspectos: o reencontro com parentes desencarnados e a questão da mediunidade em pleno Astral. Quanto ao reencontro com entes queridos que desencarnaram, numa viagem extrafísica, esta motivação não deve ser algo obsessivo por parte do projetor, já que entidades não amistosas podem perceber este interesse, tentando se fazer passar por algum parente que já partiu da Terra, de maneira a exercer uma vampirização (roubo de bioenergias do viajante). Isto já aconteceu comigo, numa oportunidade em que a minha lucidez não era das melhores, quando demorei a discernir que a entidade que plasmara a forma do meu pai desencarnado, não era ele de fato. O reencontro com entes queridos, no Astral, quando se dá de forma espontânea, sem angústias (desejo prévio obsessivo) por parte do projetor, é algo bastante agradável. Bem, quanto à questão mediúnica no Mundo Extrafísico, não é algo muito relatado por viajantes astrais, até porque quando isso ocorre, o nível de lucidez da pessoa projetada cai, dificultando ainda mais que se registre algo conscientemente, para posterior lembrança. Este fenômeno já aconteceu comigo algumas vezes, e tenho encontrado relatos esparsos sobre esta questão, de outros projetores. A condição básica para que ocorra algo mediúnico no Astral, é que o guia (ou amparador) do indivíduo projetado, esteja mais sutilizado do que o projetor-médium. Ou seja, o veículo de manifestação do espírito comunicante deve estar menos denso, do que o corpo astral do médium projetado.

DATA: 9/05/2003

RELATO 27 – UM AMIGO ENFEZADO

Na mesma noite da experiência do relato anterior, projetei-me novamente. Agora, estava num ambiente vibracional “pesado”. O local assemelhava-se ao Centro da Cidade do Rio de Janeiro, com muitos prédios, embora tivesse um movimento de pessoas bem limitado. O piso da calçada da rua, onde eu transitava, era formado por pedras portuguesas. Realmente parecia que

aquele lugar pertencia a uma faixa energética próxima a do ambiente terreno.

Eu não estava só. Um negro alto e forte, de aparência jovem, usando um colar de contas pretas e vermelhas no pescoço, ia lado a lado comigo, mantendo uma atitude de “guarda-costas”. Ele caminhava com uma expressão facial bastante séria, com um olhar um tanto “bravo”. O colar chamou-me a atenção, pois aquele apetrecho, na Corrente Astral de Umbanda, é chamado “guia” e, pelas cores que ali estavam, pertencia à chamada linha dos “Exus” (agrupamento de diversos tipos de entidades, mas que, comumente, realizam tarefas protetórias e/ou de policiamento, dentre outras).

Andávamos a passos largos, quando nos aproximamos de um grupo de rapazes negros, que davam a impressão de serem entidades não amistosas. Esta impressão se confirmou, logo que passamos pelos jovens, pois eles começaram a nos provocar, chamando-nos de frouxos, covardes, dentre outros “predicados”. Continuamos a caminhar, nos afastando dos zombeteiros, até que o meu amigo não conteve o seu aborrecimento com a situação. Ele parou e retornou rapidamente, numa atitude de que iria “tirar satisfação” com aquelas entidades. Eu ainda tentei demovê-lo da sua intenção, que era evidente pela sua expressão corporal, dizendo-lhe: “- Deixa pra lá, ignora, não importa!” Mas, não teve jeito! Ele foi lá e agrediu dois ou três indivíduos, que logo foram para o chão. A cena seguinte foi das entidades, de joelhos, sendo obrigadas a desdizer todas as provocações que fizeram a nós. Em seguida, o meu amigo enfezado os induziu a admitirem que eles próprios eram frouxos, covardes etc. Após este momento, não pude rememorar mais nada. Não consegui trazer para o meu cérebro físico, por qual motivo eu me encontrava naquele lugar, escoltado pela entidade da “guia de Exu”. Aliás, é interessante salientar que esta experiência breve se seguiu àquela do relato anterior, na mesma noite. Isto já ocorreu comigo em outras oportunidades, ou seja, fazer mais de uma viagem astral lúcida numa mesma noite, com rememoração. No entanto saliento que, nessas condições, é mais difícil uma recordação mais completa. Acredito que muitos projetores têm experiências conscientes no Astral, num mesmo período noturno. Contudo, o que seria de nosso cérebro material, se tivesse que processar tantas atividades fora do corpo em nível consciente? O desgaste seria grande... Assim, entendo que diversas projeções astrais lúcidas ocorrem, mas não são registradas pelo viajante após despertar, por falta de capacidade de rememoração. Em outras palavras, de certa forma, há um mecanismo de proteção da nossa “máquina física”, visando à manutenção da saúde.

DATA: 9/05/2003

RELATO 28 – ENDOMETRIOSE

A experiência que passo a relatar foi bastante interessante para mim, pois obtive uma informação da área médica no Astral, a qual desconhecia no Mundo Físico, confirmando posteriormente a sua veracidade aqui no Plano Material.

A recordação que tenho das minhas atividades extrafísicas, naquela noite, foi a partir da minha estadia num local ignorado, mas que me parecia ser um cômodo de hospital. Estavam no ambiente, um homem de elevada estatura, cuja fisionomia não lembro mais, e uma bela jovem com idade aparente entre 18 e 21 anos. Ela tinha cabelos loiros, pele branca, rosto de traços bem simétricos, relativamente magra e com altura mediana, apresentando-se com um vestido longo de cor clara.

O homem supracitado, que mantinha uma atitude de médico, falava comigo sobre a moça, explicando-me que ela tinha uma “endometria” ou “endometriá” (não recordo exatamente o termo). Confabulei com ele por um tempo, recebendo informações mais detalhadas sobre a doença da jovem. No entanto, não consigo ter reminiscências nítidas do conteúdo, provavelmente porque sendo um assunto que não domino aqui no Mundo Terreno, deve ter contribuído para uma falha na lembrança.

Em dado momento, a moça interveio na conversa, dirigindo-se a mim: “- O que me incomoda realmente é que sou infértil.” Eu, tentando consolá-la, acabei dizendo-lhe uma inverdade: “- Isso não é importante, pois também sou infértil e vivo feliz! Isso não me atrapalha em nada!” Bem, realmente foi uma observação “esfarrapada”, já que, para a maioria das mulheres, a questão de ser fértil correlaciona-se com uma boa autoestima, sobretudo quando se é jovem.

Em seguida, nos dirigimos para um outro local. Lembro-me de chegarmos a uma casa de dois andares, com aspecto de clínica médica. Ao chegarmos neste lugar, o homem se aproximou mais de mim, passando a repetir algumas vezes, com ênfase, o nome da patologia. Compreendi que ele desejava que eu guardasse na memória, o termo técnico que designava a doença. Fiquei preocupado em esquecer e pensei que a solução seria anotar o nome, assim que me levantasse da cama (eu tinha consciência de que meu corpo repousava no meu apartamento, recém-adquirido). Desta forma, despertei de imediato no leito, com a palavra “endometria” na minha mente, em plena madrugada. Eu estava “grogue” de sono, mas consegui registrar numa folha de papel a experiência. Logo voltei a dormir.

Poucos dias depois, entrei em contato com uma médica amiga, que também se projeta

lucidamente do corpo, e lhe contei a minha recente atividade extracorpórea. É claro que indaguei sobre a “endometria”. Ela corrigiu-me e disse que o termo correto é **endometriose**, que é, de fato, uma doença que pode levar à infertilidade. Ela forneceu-me algumas explicações sobre a doença e alguns aspectos de suas variações, mas que não cabe discorrer aqui. Fiquei muito satisfeito com a experiência, embora eu tenha rememorado erradamente o termo que designa a doença. No entanto, para alguém que nunca havia ouvido falar sobre este assunto, a distorção na lembrança não foi importante. A coerência da experiência foi grande no geral, sendo relevante destacar, também, que a questão da possibilidade de infertilidade feminina estava correta. Assinalo ainda o evidente interesse do médico espiritual em que me lembrasse da experiência, talvez porque ele já soubesse que eu estava armazenando meus relatos de viagens astrais, com o fim de divulgação através de *e-books*. Por fim, pelo contexto da ocorrência no Astral, compreendi que aquela jovem era uma encarnada projetada, que estava recebendo uma ajuda extrafísica, para dirimir seu problema de saúde.

DATA: 16/05/2003

RELATO 29 – PERCEPÇÕES DE VOO

Após adormecer naquela noite, tive um sono pesado, acordando de madrugada com lembranças esparsas e sem muito sentido. Levantei-me e fiz uma visita ao banheiro. Voltei a dormir e somente tive sonhos estranhos e desconexos. Despertei mais uma vez e logo voltei a pegar no sono, para, finalmente, ter uma experiência lúcida com recordação.

Estava voando sobre uma região praiana, semelhante à cidade do Rio de Janeiro. Lá era dia e eu voava com prazer, divisando a bela paisagem, onde o mar estava a minha direita e os prédios da orla se localizavam à esquerda. Abaixo de mim se estendia uma longa praia de areias bem brancas. Era possível observar muitas pessoas caminhando pela calçada que ladeava a praia, bem como outras andando pelas ruas próximas. Um fato curioso, é que eu estava voando de pé. Normalmente percorro os “céus astrais” deitado, de barriga para baixo, de maneira a olhar diretamente para baixo, sondando o território curiosamente. Neste jeito diferente de voar, sentia-me deslizando pelo “ar”, ao comando firme de minha mente, detendo um controle muito bom do deslocamento. Pude meditar como era bom aquele “meio de transporte”. Como era bom ser livre! Isto sim era realmente viajar!

A lucidez daqueles momentos era grande, sobretudo com relação à percepção de domínio da direção e velocidade do voo, mas, num dado instante, notei que deveria deixar de lado a minha concentração em aspectos do voo em si. Eu tinha que chegar a um grande prédio, um hotel, e era necessário sair da orla marítima. É como se eu tivesse lembrado que tinha algo a fazer naquele outro lugar. Assim adentrei a cidade, passando por vários edifícios, até divisar o prédio-alvo. Então pensei: “não vou descer na frente da portaria do hotel, para evitar a curiosidade das pessoas.” Eu não queria causar qualquer espanto (talvez naquela parte do Astral a locomoção por voo fosse incomum), ou seja, não desejava ser o centro das atenções. Desta forma, planejei entrar no hotel pelo alto, por uma de suas sacadas abertas, que dava passagem para um corredor, e daí, para uma área interna da edificação. Executei a manobra, mas, a partir de cerca de dois metros da sacada, notei que havia uma espécie de campo magnético no ambiente, o que dificultou a minha livre locomoção pelo ar. Uma vez dentro do corredor do hotel, a “aura” do lugar puxou-me para baixo. Resisti mentalmente, forçando-me a subir no âmbito da área interna do prédio. Eu acreditava que ao subir, distanciando-me mais do piso, livraria-me daquela sensação de atração para baixo. Insisti por um tempo em subir, para recuperar a “leveza” anterior, mas percebi que embora eu me elevasse a muito custo, não era o distanciamento do solo que melhoraria a situação. O que realmente causava a dificuldade em voar era a “aura” do prédio, onde eu estava. Em seguida tive um lapso de memória, mas, na sequência, recordo que estava andando pelos corredores do hotel. Eu ia em direção a um quarto, onde me encontraria com algumas pessoas, para conversar sobre assunto que agora não lembro mais. A partir deste ponto, as reminiscências do que ocorreu depois findaram, mas subitamente, ao final do registro deste relato, rememorei que antes de iniciar a viagem aérea, alterei a minha forma astral. Eu assumira a aparência de um homem idoso e bem magro, com cabelo e barba quase totalmente brancos. Foi com esta “roupagem” que me dirigi àquele prédio, provavelmente porque com esta forma, de alguma maneira, eu teria uma atenção melhor das pessoas daquele quarto de hotel. Lamentavelmente, não pude trazer para o Plano Físico a memória integral desta experiência.

DATA: 23/06/2003

RELATO 30 – EXTERIORIZAÇÃO DE ENERGIAS

Eu estava na casa de amigos, em bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, e passaria o

final de semana ali. Uma vez deitado, realizei um exercício projetivo, mas logo peguei no sono. Um tempo depois (não sei precisar quanto) adquiri lucidez plena, e, embora estivesse acoplado ao corpo físico, este não respondia a meus comandos mentais. O meu sentido do tato estava perceptivelmente prejudicado. Eu estava no conhecido estado de catalepsia projetiva. Desta forma permanecia na cama, no escuro do quarto.

Contudo, como minha consciência estava bastante alerta, logo percebi que o ambiente apresentava-se “carregado” por “vibrações densas”. Agucei os meus “sentidos astrais” e notei que vinha sendo observado por algumas entidades hostis. Aquela situação não era surpresa para mim, ainda mais naquele local, onde estivera algumas vezes antes. Assim, ergui os meus braços astrais, que, ao desacoplarem das suas contrapartes físicas, ganharam grande desenvoltura. Senti que eles pareciam flutuar como balões. Então, mentalizei uma energia pura e brilhante descendo sobre a minha cabeça e transferindo-se para os meus braços sutis, até as palmas de minhas mãos perispirituais, projetando-a para o ambiente em volta. Ou seja, a minha intenção era promover uma limpeza nas adjacências, criando uma “atmosfera” melhor. Após alguns instantes de emissão energética, percebi uma mudança radical no quarto, embora ainda não me fosse possível enxergar nada. A minha “visão astral” (ou para-visão) não estava funcionando. Mas, o fluxo de energia que eu canalizara havia sido eficaz, já que não estava mais detectando a presença dos espíritos hostis, do início desta experiência. A partir desse momento, pensei: “Agora eu posso me projetar!” Em seguida, concentrei-me em decolar do corpo físico completamente, pois somente os meus para-braços estavam fora da matéria. Senti a flutuação até um certo ponto, mas logo ocorreu uma parada no processo. Notei que o meu corpo astral ficara preso, por laços energéticos provenientes da região do estômago. Desta maneira, houve um retorno à matéria novamente. A seguir, tentei a manobra de decolagem mais uma vez. Não tive sucesso, ocorrendo o mesmo tipo de bloqueio. Na sequência, realizei a tentativa de número três, acontecendo o mesmo problema com o vínculo magnético na altura do estômago. Então perdi a consciência, ou, pelo menos, não recorro o que ocorreu.

Mais tarde, não sei quanto tempo depois, lembro que perambulava por uma rua, onde havia uma espécie de feira ou mercado de camelôs. O ambiente era de penumbra, havendo bastante agitação por parte das consciências que ali se manifestavam. Portanto, o lugar não era nada agradável. Possivelmente devido à “densidade vibratória” daquele ambiente, ou perdi a lucidez, ou não pude trazer as reminiscências para o cérebro físico.

Somente pela manhã, registrei os eventos noturnos. Talvez isto tenha contribuído para o esquecimento de mais detalhes. No entanto, gostaria de assinalar o aspecto da dificuldade da minha decolagem do corpo material, devido a uma ligação energética mais forte a partir do estômago.

Realmente, ao longo do dia anterior e também na janta, realizara uma alimentação inadequada. Havia comido em quantidade excessiva, e, além disso, alguns dos alimentos ingeridos eram bastante gordurosos. Assim eu constatara, na prática, a validade da recomendação de se fazer uma alimentação mais leve, antes de se tentar viagens astrais conscientes.

DATA: 12/07/2003

RELATO 31 – SÃO BRÁS

Estava no meu apartamento, no Centro do Rio de Janeiro, e fui dormir sem realizar qualquer exercício bioenergético. Não tinha intenção de projetar-me, mas acabei tendo uma experiência extrafísica interessante.

Recordo que estava no interior de construção inacabada, quando, na semiescuridão do lugar, pude divisar a Sra. Vanda, uma conhecida minha, num dos cantos do cômodo. Ela estava de pé, com uma expressão facial de dor e também de aflição. Logo em seguida, entendi porque ela se apresentava daquela forma, pois, no lado oposto de onde se encontrava, estava um homem (de pele bem branca) em atitude agressiva. Seu olhar era acusador e logo ele passou a argumentar, esbravejando, que São Brás não era santo de verdade. Disse que o referido santo havia se entregado à morte por vaidade, já que “não queria dar o braço a torcer”. Em seguida, o homem, que na realidade era uma entidade assediadora, fez algumas insinuações contra São Brás, concluindo que era mais um dos santos católicos que, em verdade, não tinha luz própria. Permaneci ali durante um tempo ouvindo as suas argumentações, que eram tão veementes, que eu estava inclinado a concordar com ele, embora demonstrasse desequilíbrio.

Na sequência despertei em meu leito, sentindo-me mal. Estava um tanto nauseado. Contudo consegui dormir novamente, embora o resto da noite fosse ruim, já que meu sono foi interrompido por diversas vezes, até eu acordar em definitivo. Pela manhã eu estava bastante enjoado e, por isso, sem vontade de comer nada. Temia me alimentar e em seguida acabar vomitando. Somente bem mais tarde reequilibrei-me. Quando tive acesso à Internet, resolvi fazer uma breve pesquisa sobre São Brás. Li em alguns *sites*^{1,2,3} que este santo foi um dos mártires do início da Cristandade. Nasceu na Armênia, no século III D.C., vindo a falecer no ano 316. Foi ordenado bispo e lhe é atribuído um milagre de ter salvo uma criança, que tinha uma espinha de

peixe atravessada na garganta, através de uma bênção. Após ser preso, foi supliciado e morto por não ter renunciado a sua fé cristã.

Portanto, a informação que eu colherei no Astral, da entidade que assediava Vanda, que dizia que o santo havia se entregado à morte porque “não queria dar o braço a torcer”, conferia com a sua biografia. Em tese, ele poderia ter escapado da morte pelo Império Romano, se renunciasse a sua fé. Esta coerência aguçou a minha curiosidade. Aquele obsessivo realmente parecia ter conhecimento, mesmo que parcial e com uma possível avaliação distorcida de sua parte, sobre São Brás. Mas, por que a entidade se referia a São Brás? E a Sra. Vanda, será que ela estava com algum problema? Com estas interrogações em mente, fui buscar informações. Fiz um telefonema para a cunhada e vizinha da Sra. Vanda, que era minha amiga há muitos anos, pedindo esclarecimentos. A minha amiga colocou que a Vanda estava de cama, com fortes dores pelo corpo, praticamente sem poder andar. Além disso, explicou-me que o marido de Vanda era devoto de São Brás, acrescentando que ele ia todos os anos, no mês de fevereiro, na missa comemorativa do santo (a sua festa é celebrada no dia três do referido mês). Fiquei muito surpreso com o fato da Vanda não estar bem de saúde e sobretudo com a devoção do seu esposo por São Brás. Aquilo tudo não poderia ser mera coincidência! Meditei e concluí que poderia haver uma espécie de proteção sobre o lar de Vanda e do seu marido, proveniente da egrégora vinculada a São Brás, já que o assediador esbravejava contra o santo. Ele deveria estar aborrecido, por não ter um acesso mais efetivo sobre as pessoas daquela casa, talvez por esta ajuda espiritual. Será que havia algum amparador naquele lar, que se manifestava ali em nome de São Brás? Não recorro de ter visto nenhuma entidade protetora ali, pelo menos durante aquele momento que pude recordar. Mas, outro aspecto interessante dessa experiência fora do corpo, é que eu havia encontrado a Sra. Vanda no Astral, numa construção inacabada. Pude confirmar dias depois, *in loco*, quando fui visitá-la, que no extenso quintal de sua residência, estava em andamento a construção de uma nova casa, cujas obras haviam sido paralisadas por falta de recursos financeiros. Havia bom indício de que ela estivera projetada ali, quando eu, também projetado, a encontrei durante o assédio.

Bem, na noite do dia seguinte à viagem astral relatada, voltei a ficar nauseado. Deitei-me para dormir e foi péssimo. Durante o período noturno, vomitei em quatro oportunidades, além de ter defecado inúmeras vezes, em forma diarreica. No dia seguinte, bastante debilitado, liguei para a minha amiga, cunhada da Sra. Vanda, que informou-me que a referida senhora apresentou os mesmos problemas que eu, durante a madrugada. De alguma maneira, eu dividi aquela “carga pesada” com a Vanda. Não sei explicar exatamente o porquê, já que não tenho grande afinidade por ela. Só melhorei totalmente, cerca de cinco dias depois.

Em outras vezes, eu já havia assimilado energias deletérias de pessoas, mas geralmente de indivíduos que eu ajudava mediunicamente em centros espiritualistas, ou de amigos e parentes com quem tinha ligações afetivas. O que posso concluir, é que embora obtenhamos algumas informações no Astral, ou pela via intuitiva enquanto estamos em vigília, sabemos muito pouco da totalidade que nos cerca. É preciso ter sempre uma disposição interna de aprenderiz...

DATA: 24/07/2003

RELATO 32 – RETORNANDO COM LUCIDEZ

Este relato é composto por duas viagens astrais, que ocorreram na mesma noite, em sequência. Ambas experiências estão relacionadas pela maneira como retornei ao corpo físico, conforme conto a seguir.

Na primeira, recordo que estava num templo umbandista, onde iria colaborar mediunicamente. Eu trajava calça e camisa brancas, podendo perceber que no ambiente estava a médium e amiga Tetê Souza, que partilha comigo, no Plano Terreno, atividades espiritualistas há muitos anos. Sentia-me satisfeito por estar ali, mas, logo que começaram os trabalhos, perdi a coordenação motora e a lucidez. Tudo ficou meio confuso e as imagens que eu registrei, eram semelhantes a uma espécie de jogo esportivo do qual eu participava. Entendo que neste período ocorreu uma manifestação mediúnica em pleno Astral, através de mim, e que a influência da entidade comunicante reduziu a minha lucidez e a capacidade de rememoração. Mas a seguir, lembro de estar me dirigindo a um vestiário do templo, onde eu iria me desfazer das roupas brancas, plasmadas para a atividade da qual participava. Uma vez no vestiário, estava bem lúcido e refleti: “estou projetado! Se pensar no meu corpo material, vou despertar na minha cama.” No entanto, permaneci trocando de roupa, demorando ainda um pouco para retornar, o que aconteceu em seguida.

Após reassumir meu corpo denso, levantei-me para comer algo, já que meu estômago ameaçava “reclamar”. Na sequência, voltei para o leito e logo adormeci, para, mais uma vez, projetar-me. Desta vez, lembro de estar na portaria de um prédio. Não sei como fui parar ali, mas sei que realizei algumas atividades, que agora já não consigo recordar bem. Contudo, num dado momento, a minha lucidez e capacidade de rememorar funcionaram positivamente. Foi quando

pensei novamente: “estou projetado! Vou mentalizar o meu corpo lá na cama e despertar em seguida.” Assim, de onde estava, visualizei mentalmente o meu veículo denso, em decúbito dorsal, no leito. Neste instante, fui atrapalhado ligeiramente por uma cadela vira-lata (não sei se era uma forma-pensamento ou de fato um animal projetado) que tentava brincar comigo. Mas concentrei-me no meu objetivo e logo estava abrindo os meus olhos materiais no quarto. Naquela noite, portanto, pude treinar por duas vezes um retorno lúcido ao corpo, tendo ficado satisfeito com os resultados alcançados.

DATA: 21/08/2003

RELATO 33 – CAMPO SANTO DE MOISÉS

Estava na casa de amigos e acabáramos de assistir a um filme. Era uma hora da madrugada. Fui deitar-me e realizei exercícios bioenergéticos para projetar-me, mas logo adormeci.

Uma vez no Astral, estava acompanhado por Tetê Souza, meu primo (que também atua no mesmo grupo espiritualista que eu) e três pessoas que não conheço no Plano Físico (uma jovem de cabelos compridos, com sua mãe, e um rapaz com idade aparente de cerca de 21 anos). Nós estávamos nos preparando para aplicar passes em algumas pessoas. Após aqueles momentos de concentração, saímos para realizar a tarefa. Subimos uma escadaria, que deu num corredor, por onde caminhamos até um ponto onde havia um cão branco, de porte médio. Ele funcionava como uma espécie de guardião daquela passagem. Nos aproximamos dele e paramos, já que ele assumiu uma postura desconfiada e um tanto agressiva, passando a rosnar para mim, que ia um pouco à frente do grupo. Estaquei um pouco temeroso, fixando o cão, e mal percebi que o meu primo havia tomado a dianteira, já havendo ultrapassado o cachorro. Assim, ele gritou do lado oposto: “- É só lembrar dos chacras!” Então eu pensei: é isso! É preciso mentalizar harmonia entre os chacras (no caso, os centros de energia do corpo astral), evitando emanar uma energia de medo, e passaremos. Logo em seguida, eu e o restante do grupo nos juntamos mais, formando um bloco quase compacto, passando ao lado do cão, que apresentou uma expressão de confusão, não interferindo na nossa passagem.

Mais à frente, chegamos a um lugar aberto e caminhamos por uma ponte. Abaixo era possível ver largas extensões de terra gramada e vários jardins. O rapaz que estava conosco

aproximou-se de mim, informando que todo aquele local era chamado “Campo Santo de Moisés”. Um aspecto interessante, é que antes do jovem denominar a localidade, eu já sabia que o rapaz era de origem judaica. Não sei explicar o porquê, talvez por já conhecê-lo anteriormente no Astral, ou através de uma captação telepática, que é comum no Mundo Extrafísico. Quando estávamos quase no final da ponte, vimos passar, lá na frente, uma moça morena bem magra, que trajava apenas uma tanga. Ela andava tropeçadamente ali, no Campo Santo de Moisés. O rapaz então falou-me rapidamente: “- Ela me conhece e se me ver, vai causar problemas!” Desta forma, ele correu para se esconder num jardim. Passei adiante e o perdi de vista, bem como aos demais do grupo, já que cada um parecia ter uma tarefa determinada, em pontos diferentes do local.

Passei a admirar as redondezas do lugar. O ambiente era muito bem cuidado, com grandes casas e belos jardins, talvez consistindo numa região espiritual plasmada/construída para a recuperação de desencarnados. Ou seja, não me parecia ser uma típica área umbralina, mas uma localidade que fora pensada para funcionar com alguma finalidade terapêutica. Aquelas casas, algumas verdadeiras mansões, poderiam ser como clínicas de repouso ou de reabilitação. Havia um número razoável de pessoas perambulando pelos gramados e jardins, denotando estarem um tanto confusas. Elas não tinham um aspecto plenamente saudável e equilibrado. Pareciam ser pacientes de instituição de recuperação.

Num dado momento, vi que o rapaz de origem judaica estava sendo seguido, a certa distância, por uma senhora desequilibrada, que aparentava mais ou menos 60 anos de idade. Ele passou por mim e penetrou num jardim de uma das belas construções do lugar. Na realidade, o rapaz parecia querer se ocultar da senhora. Tive uma reação instintiva de autoproteção, tentando também me evadir da presença da senhora, que vinha se aproximando. Rumei para o lado oposto daquele jardim e sentei-me numa cadeira branca (como aquelas que ficam em volta de piscinas na Terra), tentando não chamar atenção da entidade. Porém, não tive sucesso. A senhora veio direto até a mim. Aborreci-me com a abordagem iminente. Logo que parou a minha frente, ela falou: “- quando encontro um homem, eu quero fazer isso (fez gestos para imitar a relação sexual), ou pelo menos ele tem que tomar uma cachaça comigo.” Em seguida, levantei-me irritado e olhei firme nos olhos dela. Ela se afastou um pouco, parecendo ter ficado surpresa e meio “aérea”. Então, a senhora deu alguns passos pelo lugar, arroteou e voltou até mim, novamente com um olhar lascivo. Retornei ao corpo físico de imediato, provavelmente porque não mantive o equilíbrio emocional, permitindo-me uma forte irritação. Eram 5:30 h da madrugada.

DATA: 23/08/2003

RELATO 34 – ESCLARECIMENTO NO ASTRAL

Esta experiência consistiu numa tarefa assistencialista de esclarecimento no Mundo Extrafísico. Foi uma projeção astral singular, já que tive acesso a informações do passado de algumas pessoas, para, em seguida, atuar em conversação com um desencarnado, de maneira a ele entender o que estava acontecendo. Infelizmente, não consegui discernir por qual processo acessei o passado daquelas pessoas, mas as imagens e compreensão de tudo o que ocorreu, foram bem claros para mim.

Inicialmente, recorro de observar a perseguição de um homem jovem por outro, um pouco mais velho aparentemente, em pleno Mundo Astral. Ambos usavam motocicletas e manobravam em alta velocidade, de uma forma imprudente. De alguma maneira, captei que o perseguidor tinha um ódio muito grande do rapaz que ia à frente. Pude acompanhar visualmente diversos trechos da perseguição, que me parecia ocorrer já há muito tempo no Astral. Em seguida, entendi que aqueles seres estavam realmente presos àquela situação, desde longa data, mas que não era possível precisar exatamente. Talvez ambos tivessem desencarnado naquela “caçada motorizada”, e o encaixe persistisse ainda na Imaterialidade, em decorrência do reduzido grau consciencial dos dois.

Depois de um tempo tomando ciência do drama que envolvia a história de ambos, pude interferir para tentar ajudar. Tive acesso ao rapaz perseguido, para dialogar com ele, expondo os motivos pelos quais estava sendo assediado pelo outro. O meu objetivo era conscientizá-lo de que ele não era vítima naquela situação, e que deveria compreender que tinha uma parcela de responsabilidade em tudo o que ocorreu, pois havia sido inconsequente. Eu lembrei a ele que havia engravidado uma moça e a abandonado em seguida. Na sequência, expliquei que aquele que o perseguia era parente da jovem. Também coloquei que a moça tivera um bebê menino, com alguns distúrbios oriundos de seu passado espiritual. Isto impôs grande dificuldade na criação e educação do mesmo pela mãe, que acabou por ter uma vida bastante limitada. O garoto nascera com uma deformidade em seu pênis, e, mais à frente, constatou-se também que era infértil. Este jovem trazia em seu inconsciente uma série de culpas com relação ao sexo oposto, o que o estimulou, quando adulto, a ser uma espécie de “defensor” das mulheres perante a sociedade.

Enquanto eu fazia a minha narrativa explicativa, apontando uma série de detalhes do contexto que dificultou a vida da moça, engravidada e abandonada, notava no semblante do desencarnado perseguido, um forte aspecto de surpresa. Ele não sabia a extensão dos resultados de

sua atitude no passado. Agora podia entender a tenacidade do parente da jovem, que o perseguia há tanto tempo. Aliás, próximo a nós, estava justamente o espírito perseguidor. Ele não estava satisfeito com a minha interferência, mas estava contido de alguma forma, a cerca de sete metros de distância, ouvindo tudo. Ao final, o assediador parecia estar menos revoltado, já que eu estava demonstrando ao seu desafeto que este era, em parte, responsável pelas dificuldades da jovem que engravidara e deixara para trás.

Por fim, o desencarnado perseguido compreendeu a situação, admitindo que contribuía para as dificuldades da sua antiga namorada. Em seguida, concordou em encaminhar-se para uma instituição de aprendizagem espiritual. Não consegui registrar conscientemente a lembrança de quem o levou para a “escola espiritual”, nem o destino do perseguidor, que acompanhou o nosso diálogo. Contudo, ficou em mim a sensação de que o assediador iria para uma outra instituição do Astral, para alcançar reequilíbrio. A seguir, despertei na minha cama com o sentimento de ter sido útil, ao ajudar a desfazer aquela situação angustiante.

DATA: 2/10/2003

RELATO 35 – POSTO SOCORRISTA

Nesta experiência fora do corpo, estive num lugar que denominei “posto socorrista”, pois se assemelhava às narrativas da literatura espírita, sobre este tipo de instituição do Plano Astral. Em resumo, um posto socorrista tem a função de fazer um primeiro atendimento a desencarnados em perturbação, se localizando, em termos de faixa vibratória, próximo à frequência energética do Mundo Físico. Após o primeiro atendimento, as entidades assinaladas geralmente são encaminhadas para outras instituições espirituais, com mais recursos, para darem sequência ao seu processo de reequilíbrio.

As minhas reminiscências iniciam-se a partir do encontro com quatro senhoras de aparente meia idade, todas de pele clara e corpos astrais relativamente rechonchudos. Não recordo como cheguei à localidade, mas me lembro bem de estar caminhando com elas, enquanto me mostravam o local, pelo lado de dentro. Num dado instante, a tranquilidade do nosso passeio foi interrompido por grande baderna externa. O barulho era algo composto por uma forte gritaria, somando-se a sons de pancadas em objetos e estruturas, o que fez com que as senhoras

apresentassem visível apreensão. Uma delas chegou a dizer-me, em tom enfático: “- Só nos mantemos neste lugar pelo poder de Deus.” Após esta afirmativa, confirmou-se uma impressão que eu tivera pouco antes, de que aquelas entidades eram pessoas que se dedicavam frequentemente à oração, assemelhando-se às chamadas “beatas”, daqui do Plano Terreno.

Logo depois do tumulto lá de fora, nos dirigimos para uma espécie de área de serviço. Ali eu podia ver que aquela pequena instituição era composta apenas por uma casa relativamente ampla, cercada por alambrados parecidos com aqueles existentes em alguns estádios de futebol. No lado externo ao alambrado de uma das laterais da casa, havia cinco ou seis banheiros simples, equipados com um vaso sanitário e um chuveiro em cada um, dispostos em sequência. Estes banheiros não tinham porta, parecendo-me que serviam para uma primeira higiene dos desencarnados que vagavam na região, e que para ali se dirigissem à busca de algum auxílio. Obviamente que este aparato era para seres que, uma vez desencarnados, ainda mantivessem um condicionamento mental tipicamente terreno. Neste momento da minha estadia ali, eu já interpretava que aquele local era basicamente um posto socorrista. A paisagem mais adiante permitiu-me distinguir que o posto estava encravado num morro, o que provocou-me uma surpresa, fazendo-me automaticamente pensar: “isto aqui é uma favela!” Era possível divisar, proximamente, um extenso matagal. Mais ao longe, haviam barracos meio amontoados, como aqui no Plano Físico. Também constatei lixo espalhado nas redondezas e que dois dos banheiros externos estavam danificados. Numa das privadas amontoaram o que parecia ser galhos secos, a partir dos quais fizeram uma fogueira. Agora só era possível ver uns restos de tocos e cinzas. No outro banheiro atacado pelos baderneiros astrais, que já tinham se evadido do lugar, havia fezes no piso e nas paredes. Em seguida, retornei ao corpo material e registrei a experiência. Não sei o porquê, nem como fui parar naquele posto, mas recordo que no início da minha estadia naquela localidade, as senhoras me abordaram com satisfação, demonstrando alguma esperança de que eu poderia ajudá-las em algo. Infelizmente, é fato comum a nós projetores, não rememorarmos a integralidade das viagens astrais. No entanto, como esta projeção astral ocorreu a seguir da viagem do relato anterior, na mesma noite, talvez estejam relacionadas de alguma forma. Contudo, isto é uma mera conjectura que realizo agora, anos depois, enquanto termino de digitar estas linhas.

DATA: 2/10/2003

RELATO 36 – UMA TÉCNICA DE VOO

Projetei-me numa localidade do Astral, semelhante a alguns bairros tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Ali, as ruas eram revestidas por paralelepípedos e as residências, em sua maioria, eram sobrados antigos. As vias apresentavam postes com fiação elétrica, o que era um indicativo de que aquele ambiente estava próximo, em termos vibracionais, ao Plano Terreno. No entanto, ali me sentia bem. Não havia sinais de desordem ou de seres em desequilíbrio. A atmosfera do lugar era tranquila.

Naquele momento eu flutuava no meio de uma rua, a uma altura baixa, talvez três a quatro metros do chão. Estava em pleno treinamento de uma técnica de voo, que baseava-se em respiração profunda. Cada vez que eu inspirava o “ar” local, lenta e profundamente, eu subia mais e mais, de uma maneira tranquila. Ou seja, a elevação era a uma velocidade lenta, paulatina. A sensação era muito agradável e eu não estava só. Outras pessoas também estavam naquela localidade, exercitando aquela técnica de voo. Notei, nas minhas proximidades, pelo menos mais duas pessoas em treinamento.

Em seguida retornei ao corpo denso, despertando na minha cama ainda com as agradáveis sensações que estava tendo no Astral. Apenas lamento, que não pude recordar como havia chegado naquele espaço extrafísico, nem maiores detalhes do treinamento ou se havia alguém coordenando aquela atividade. No entanto, considero relevante esta experiência, justamente pela sensação de paz proporcionada por aquele ambiente e pela técnica utilizada. Aquilo, de alguma forma, era mais do que simplesmente um procedimento para voar. Possuía, também, um efeito terapêutico.

DATA: 10/10/2003

RELATO 37 – CONFRONTO EXTRAFÍSICO

Naquela noite, fui deitar-me um pouco tenso. Eram 22 horas e 30 minutos. Havia algo estranho “no ar”. Percebia uma vibração hostil dentro do meu apartamento. Realizei algumas orações, que sempre faço quando noto que o ambiente está em algum grau de desarmonia. A seguir, peguei no sono.

Saí para o Astral, realizando várias idas e vindas do meu corpo até a porta do quarto. A minha expectativa era que surgiria, a qualquer momento, um assediador na entrada do cômodo. Senti que deveria estar pronto para um confronto. Num dos retornos até o meu corpo material, fiquei paralisado por instantes, devido a um mal acoplamento do corpo astral no físico. Após tentar por três ou quatro vezes reassumir a minha máquina densa, consegui movimentar um braço, e, em seguida, despertei assustado. O relógio marcava 00:15h.

Logo que levantei da cama, recordei a figura de um homem um tanto obeso, pele branca, cabelos castanhos claros e olhos esverdeados. Ele estava sem camisa e tinha uma cobra enrolada no pescoço, quando eu o encontrara, em alguma localidade do Mundo Extrafísico. Neste encontro ele tentara me intimidar. Tinha um olhar e um sorriso irônicos, dando a forte impressão de que acreditava que iria me amedrontar, com aquela cobra plasmada. Por um momento exitei, mas, logo em seguida, irritei-me com esta postura da entidade. Parti impulsivamente para cima dele e consegui tirar-lhe justamente a cobra. Em seguida, esfacei aquela forma plasmada, de maneira a mostrar-lhe que aquilo não me intimidaria. Após isso, retornei para as imediações do meu corpo denso, exatamente naqueles momentos descritos acima (idas e vindas do meu corpo até a porta do quarto), esperando que fosse seguido. Por isso estava na expectativa de confronto, já que um incidente ocorrera pouco antes. No entanto, não houve uma continuidade na contenda, ou, pelo menos, não pude registrar conscientemente se o problema se estendeu. O fato é que, após o meu despertar no corpo, levantei-me para beber água e voltei a me deitar. Realizei algumas orações antes de adormecer e o restante da noite transcorreu com tranquilidade.

DATA: 15/10/2003

RELATO 38 – DOENTES MENTAIS

Era uma noite de domingo, em pleno mês de outubro, e eu estava na casa da amiga Tetê Souza. A campainha tocou e logo descobríamos que eram alguns antigos companheiros de um grupo espiritualista, que frequentáramos por anos, atuando mediunicamente. Eles acabavam de sair da sessão do centro, onde houvera ao final uma confraternização com bolo e doces, trazendo-nos gentilmente uma parcela dos quitutes. Ficaram conosco por poucos minutos, quando fizeram um resumo das atividades espiritualistas ocorridas.

Mais tarde, quando fui deitar-me, logo peguei no sono e projetei-me inesperadamente. Fui parar em um local, onde também estavam a Tetê Souza, o Nelson Vilhenna (dirigente do centro supracitado e meu amigo pessoal até hoje) e mais cerca de sete ou oito pessoas que não pude identificar bem. Todos nós estávamos de mãos espalmadas para a frente, emitindo bioenergias para um conjunto de entidades. Este conjunto era composto por oito a dez indivíduos, de costas para nós, e que estavam vestidos apenas da cintura para baixo.

Num dado momento da irradiação que fazíamos, senti meu corpo astral sacudir, como se algo “energético” tivesse ricocheteado em mim e passado adiante. Aquela vibração estranha me pareceu ter vindo de uma das entidades a minha frente, talvez pelo passe que aplicávamos, “deslocando” algo que estava agregado ao perispírito daquele ser em desequilíbrio. Em seguida, um dos desencarnados virou-se para trás e disse: “- Eu não quero isso não!” Ele referia-se ao trabalho vibracional que realizávamos. Pude notar que sua boca só continha dois dentes frontalmente, e que o indivíduo apresentava uma idade aparente de cerca de 65 anos. Seu rosto e voz denunciavam que era um tipo de paciente psiquiátrico. Então, um dos assistas presentes segurou-lhe os ombros, fazendo-o voltar-se para a frente novamente. A seguir acrescentou ao doente, em tom de voz que combinava firmeza, com certa dose de docilidade: “- Você quer sim!” Logo após, ouvi alguém dizer: “- É, se não fossem os guias não teríamos conseguido.” Na sequência, notei que as entidades que receberam a nossa ajuda eram, predominantemente, senão todos, seres que desencarnaram com problemas mentais.

Pela manhã, despertei na cama com esta memória do que houve no Astral, embora tenha sentido que mais fatos se desenrolaram. Esta tarefa extrafísica foi uma típica atividade complementar, posterior aos trabalhos mediúnicos terrenos. Meditei um pouco e achei bastante interessante que, embora eu e Tetê Souza já estivéssemos afastados daquele grupo espiritualista há algum tempo, no Mundo Astral ainda nos encontrávamos e realizávamos tarefas em conjunto. Pude concluir, não só em decorrência desta experiência, mas também de outras similares, que mesmo quando no Plano Terreno algumas circunstâncias promovam um afastamento físico, a afinidade natural ou compromissos espirituais prévios voltam a reunir as pessoas nos mundos sutis.

DATA: 19/10/2003

RELATO 39 – PROJEÇÃO COM RETROCOGNIÇÃO

Retrocognição é, basicamente, a capacidade de recordação do passado. Nesta experiência que vou relatar, projetei-me no Astral e, na sequência, tive acesso a memórias de uma antiga vida minha, que ocorreu por volta do final da chamada Idade Média.

Naquela noite, mais uma vez saí do corpo físico durante o sono, encontrando-me com a amiga Tetê Souza e uma outra pessoa (não captei se era encarnada ou se já era livre da matéria) no Mundo Astral. Esta outra pessoa apresentava-se como uma mulher alta e bela, de pele morena, trajando um longo vestido de cor clara. Ela era uma presença que transmitia serenidade. Nós havíamos chegado a um lugar, que era uma espécie de estalagem rústica medieval, toda construída em pedras amareladas. Neste ambiente havia um homem, que era o responsável pelo local e uma moça de aparência jovem e humilde, que era uma “empregada” ou “serviçal” do lugar (trajava um vestido comprido, sobre o qual havia um avental branco). Num dado momento, comentei com Tetê Souza sobre o evento do qual participaríamos, denominando-o “Projeto Consciencial de Salamanca”. A partir desse ponto houve um lapso de memória e o que pude recordar, em seguida, foram fatos de uma vida pretérita minha. No entanto, destaco desta primeira fase da experiência, que fomos para um lugar extrafísico, que tinha correlação direta com uma antiga encarnação que vivi. Talvez isto fizesse parte do planejamento daquele evento, de maneira que aquela ambientação medieval, em pleno Astral, reativasse lembranças de fatos há muito esquecidos.

Bem, farei apenas um resumo do que recordei sobre o meu passado, já que esta vivência não faz parte do escopo desta obra. Tive uma vida beligerante numa localidade europeia, já que percebi na paisagem construções tipicamente medievais, em grande parte, realizadas com pedras de coloração amarelada. Eu possuía uma residência, que era como um pequeno castelo feudal, estruturado com as rochas já citadas. Revivenciei uma batalha com um armamento semelhante à maça medieval e lembrei, com alguma riqueza de detalhes, sobre a relação de rivalidade e ódio que tinha com um desafeto, que volta e meia me preparava emboscadas. Rememorei também, com certo desagrado, alguns aspectos da minha própria personalidade arrogante e materialista. Após esta experiência, realizei uma pesquisa sobre maças na Internet, descobrindo que aquilo que usava no meu pretérito belicoso era uma espécie de mangual⁴ e não uma maça. Quando aquela bola metálica (com várias pontas de ferro) é presa por correntes ou tiras de couro (como no meu caso), ao invés de ser sustentada diretamente por uma haste rígida, o armamento em tela não é chamado maça, mas sim mangual. Um detalhe bem relevante, é que eu jamais soube nesta vida, que existiam maguais feitos com tiras de couro (os feitos com corrente são muito mais conhecidos). Portanto, a busca na

Internet confirmou a minha retrocognição nesse aspecto.

Retornando à primeira parte deste relato, quando descrevi a viagem astral em si, há uma outra questão muito importante para mim, que é mais uma comprovação de cunho pessoal da experiência: a estalagem era plasmada com uma imitação perfeita das pedras amareladas, que vi durante a retrocognição, formando boa parte das construções da época. Resolvi, por este motivo, pesquisar sobre a região de Salamanca (Espanha), já que o evento do qual iríamos participar chamava-se “Projeto Consciencial de Salamanca”. Assim, através da Internet, encontrei referências^{5,6,7} que me asseguram que estive no “espaço astral” relativo à Salamanca, bem como na minha vida passada, brevemente citada aqui, vivi nesta região. Passo, então, a colocar alguns dados esclarecedores. A cidade de Salamanca ostenta o título de "**La dorada**" (a dourada), admitida pela UNESCO⁸ como patrimônio histórico da humanidade, pois muitas de suas construções são feitas com um raro tipo de arenito, rico em ferro, que se torna amarelado devido à exposição das pedras ao ar, através do conhecido processo da oxidação. Por isso, vislumbrei tantas estruturas amareladas, tanto no Astral como nas imagens retrocognitivas, inclusive na minha residência pretérita (as paredes e escadarias eram feitas com pedras do arenito assinalado). Sobre o aspecto medieval que pude perceber, cito que há muitos tesouros históricos na região que visitei/vivi, como por exemplo a Universidade de Salamanca (a segunda universidade mais antiga da Europa, fundada no ano de 1218, por Alfonso IX de Leão), as Catedrais Nova e Velha, a “Plaza Mayor”, dentre outros lugares, que pude ver por meio de fotografias, e que correspondiam ao que pude vivenciar nesta projeção e retrocognição inesquecíveis.

DATA: 26/10/2003

RELATO 40 – O MENSAGEIRO DE SHIVA

Esta experiência, que passo a relatar, é das mais interessantes que vivenciei no Astral. Creio que seja útil ao leitor que ignore os simbolismos vinculados à divindade hindu Shiva⁹, conhecido como “o destruidor” ou como “o transformador”, que faça uma pesquisa pessoal um pouco mais aprofundada, de maneira a compreender melhor esta projeção de minha consciência.

Estava na casa de uma amiga e fui deitar-me cansado, já próximo à meia-noite. Realizei um breve exercício bioenergético com luzes mentalizadas, logo adormecendo. Recordo de estar

lúcido na entrada de uma espécie de vilarejo de casas pequenas, em pleno Plano Astral. O meu estado de lucidez era razoável, percebendo facilmente que eu estava mediunizado, mais uma vez, no Mundo Extrafísico. Assim, meu corpo astral era conduzido pela influência de uma entidade, que dominava os meus movimentos, mas permitia-me ver bem os arredores e ouvir os “sons ambientais”. Aquilo que eu estava vivenciando, é similar ao que na Terra é chamado “incorporação semiconsciente”, onde o médium cede o seu corpo e sua fala para a manifestação de um espírito, mas mantém um grau significativo de consciência. Bem, retornando ao relato em si, eu estava adentrando o vilarejo, sem qualquer controle de locomoção e movimentos do meu corpo astral, e falava em tom relativamente elevado, numa língua completamente estranha a mim. Ou seja, eu não sabia o que estava emitindo para o ambiente.

Num dado momento, recordo-me de surgirem pessoas com cassetetes negros e compridos como cabos de vassoura. Um atacou-me e defendi-me com habilidade, tomando-lhe o cassetete e em seguida derrubando-o com uma paulada. Na realidade eu não fiz nada, mas sim a entidade espiritual que me influenciava. A seguir, o ser que utilizava as minhas possibilidades mediúnicas continuou caminhando e falando. Então, muitos outros sucederam-se no ataque a mim, que estava em franco processo de transe ali, no Mundo Extrafísico. Cada um que me abordava agressivamente era logo derrubado. Eu, atônito, acompanhava a habilidade de meus movimentos de braços, pernas e tronco, rechaçando os golpes, para, logo em seguida, desferir pauladas com o cassetete que tomara das mãos de um deles, no início da contenda. Um fato que era espantoso para mim, é que eu podia ouvir “ossos quebrando”, em determinados golpes que meus braços desferiam nos “adversários”. A partir desses primeiros confrontos em que os agressores ficavam nocauteados no chão, vieram mais entidades, que passaram a me atacar em número de dois ou três de uma só vez. Neste momento, confesso, tive medo. Pensei automaticamente: vou apanhar! Contudo, o ser que me mediunizava estava bem firme no controle do meu corpo astral (apesar de eu ter expressado internamente medo) e provou estar no domínio da situação, naquele “vilarejo astral”. Conforme os grupos de dois ou três atacantes desferia golpes sucessivos em minha pessoa, rapidamente era possível desviar e contra-atacar com perfeição. E o porrete em minhas mãos era movimentado e girado, sempre com destino certo em “costelas”, “braços” e “pernas” dos contendores, que logo iam ao chão. Assim, fui avançando pelo lugar adentro, enquanto podia ver as imagens dos adversários caindo a minha esquerda e direita sucessivamente, às vezes tombando também a minha frente. Tudo acontecia muito rapidamente, o que não permitia-me refletir bem sobre o que estava acontecendo. Eu era, praticamente, um mero expectador.

Quando a turma parou de surgir, pude notar a minha volta muitos agressores no solo,

gemendo ou desmaiados. Agora, a entidade que me conduzia no transe, estacara finalmente. Então, aproximaram-se de mim cinco ou seis pessoas (duas eram mulheres), que mantinham postura e gestos humildes. Pude notar que eles estavam cansados e tinham roupas um tanto rotas. Assemelhavam-se a mendigos. Aparentavam manter algum tipo de expectativa quanto a minha presença ali. Pareciam estar interessados também naquilo que a entidade continuava a falar através da minha boca, embora numa língua desconhecida para mim. Então, a entidade parou de se comunicar verbalmente. Após instantes, senti que retornaria a falar, mas em português. Provavelmente eu estava numa localidade umbralina, onde a comunicação era verbal e em português, ou seja, ali talvez não fosse comum a telepatia, como ocorre em áreas “menos densas” do Astral. Isto aconteceu, com alguma dificuldade de início, pois notei que a decodificação dos pensamentos da entidade, através da minha mente, não era um processo simples. A primeira frase que saiu, foi: “- sou um mensageiro de Shiva.” A seguir, complementou: “- trago uma mensagem do Grande Pai.” Na sequência, com a comunicação já fluindo melhor, passei a me espantar com o conteúdo que saía de minha boca. Aquilo era uma explanação sobre o perdão e a misericórdia de Deus. Explicou sobre a importância de compreender o semelhante e de perdoar. Em resumo, embora já não me recorde mais de suas exatas palavras, ele fez um belo discurso semelhante ao Sermão da Montanha, que está no Evangelho. Um fenômeno muito interessante, é que acabou havendo uma dissociação significativa entre a minha consciência e a mente da entidade comunicante, pois enquanto ele falava, eu passei a meditar sobre a aparente incoerência dos fatos. Afinal de contas, há pouco, a entidade utilizando-se de minha condição mediúnica no Astral, distribuíra pancadas (embora sempre defensivamente), para, agora, comunicar-se tranquila e esclarecedoramente, até usando um tom quase profético em determinados momentos. Outro fato interessante, é que num dado instante uma das mulheres aproximou-se da entidade comunicante, ajoelhando-se logo em frente. Em seguida, meus braços astrais se estenderam, fazendo pousar as minhas mãos sobre a cabeça dela. E nesta posição, o mensageiro de Shiva continuou sua explanação até um ponto que não pude mais registrar conscientemente. Despertei na minha cama sob a forte impressão de tudo aquilo que ocorrera, ainda um tanto espantado e emocionado com aquela vivência no Mundo Extrafísico. Logo em seguida, anotei tudo o que estava na minha memória.

Imagino, agora, que aquela atividade tenha sido um resgate de desencarnados em zona umbralina. Aqueles poucos espíritos que me rodearam, ao final, enquanto eu estava mediunizado, tinham um aspecto assustado, mas esperançoso. Talvez tenham atingido um grau mínimo de compreensão, já tendo possibilidade de irem para região melhor, embora devessem estar ali ainda “escravizados” pelo medo e sentimentos de culpa. Entendo que o mensageiro de Shiva tenha

utilizado parte de minhas bioenergias para facilitar a retirada daquelas entidades dali. Infelizmente, os seres que se julgavam “donos” do lugar se opuseram, e acabaram sendo “neutralizados” de uma forma drástica, mas, ao mesmo tempo, impessoal. A vibração que o mensageiro me passava, durante o intercâmbio mediúnico, foi um misto de harmonia e distanciamento das dualidades que predominam na Terra. Isto foi o que eu senti, nesta experiência marcante.

DATA: 15/11/2003

RELATO 41 – LUTA NO ASTRAL

Fui deitar-me para dormir, naquela sexta-feira à noite, na residência de antiga amiga. Eu estava tranquilo e não tencionava projetar-me. No entanto, mais uma experiência extrafísica ocorreu.

Recordo de estar desperto numa cidade grande, com amplas ruas e avenidas, onde haviam prédios de muitos andares. O lugar não tinha veículos, o que fazia assemelhar-se ao centro comercial de uma metrópole, num dia de feriado ou de final de semana. Não sei porque estava ali, e ao ver um homem de idade aparente jovem e pele morena, aproximei-me dele. Havia algo de familiar nele, que era um sujeito com estatura pouco maior que a minha, porém sendo alguém com uma “musculatura” bem mais desenvolvida que a minha. Ele estava na beira da calçada de uma avenida, e quando cheguei perto dele, distraí-me com algumas pessoas que estavam na calçada oposta. Percebi que o homem jovem e familiar sumira, mas não dei importância ao fato, pois foquei minha atenção no grupo do outro lado da avenida. Este era composto de seis a oito pessoas, havendo homens e mulheres. Uma briga começara entre duas moças. Uma era bem magra e tinha as feições de alguém com distúrbios mentais. Esta era bastante provocativa e batia na segunda mulher, que acabara de tombar no chão. O restante do grupo assistia àquele combate, torcendo pela vitória da moça desequilibrada. Eles riam e escarneciam da mulher que estava no chão apanhando.

Eu observava a tudo, atônito, quando eles perceberam a minha presença a poucos metros de distância. A mulher semilouca acabara de fixar a sua atenção em mim, e, agora, estava atravessando a avenida em minha direção, em disparada. O restante do grupo permaneceu do outro lado da via, apenas observando. Eu mantive-me parado, aguardando a sua aproximação. Quando ela chegou e fez um gesto para me agredir com um braço, adiantei-me e dei uma espécie de

nela, que foi ao chão. Ela tentava levantar-se do chão sem sucesso, e, então, pude observá-la melhor, notando que parecia bêbada. Logo em seguida, olhei para a frente e vi que os demais do grupo dela vieram em meu encalço. Corri, mas depois de um tempo, um dos homens mais rápidos estava quase me alcançando. Assim, parei para defender-me. Eu estava muito ágil e acertei vários socos nele, até derrubá-lo. Não fui atingido nem uma única vez. Ali, naquela situação, eu estava apresentando uma habilidade e força que não tenho na Terra. Na realidade, no ambiente material, nunca me envolvi em brigas de rua e detesto situações de contenda, seja física ou verbal. A única habilidade de autodefesa que aprendi no Mundo Físico foi o judô, que pratiquei como esporte durante seis anos seguidos, na minha infância/adolescência. E o curioso, é que nunca defendi-me no Astral usando o judô.

Em seguida, tornei a fugir, tentando evitar novos embates. No entanto, outro indivíduo daquela gangue alcançou-me, até porque eu tivera que parar para lutar com o anterior. O novo “adversário” era bem alto e gordo, apresentando-se com muitas correntes no pescoço, num estilo meio *punk*¹⁰. Devido a sua estatura, tive que desferir socos de baixo para cima. Lembro de ter acertado, seguida e rapidamente, uma sequência de vários golpes num mesmo olho dele, até que tombasse. Minha mão astral encaixava perfeitamente na órbita ocular do grande rosto do perseguidor. Realmente eu estava muito ágil e certo, colocando em prática uma habilidade em “briga de rua” que não tenho na vida material. Logo depois, voltei à fuga, que transcorreu com bastante intensidade. Mais dois chegaram a me alcançar, mas desferi golpes que os derrubaram, sem que eu tivesse que parar para me defender. A seguir, despertei no meu leito e registrei a experiência.

No dia seguinte, no sábado, ocorreu mais uma reunião do recém-fundado Grupo Espiritualista Francisco de Assis. Durante a sessão, houve a incorporação de um Guardião da Corrente Astral de Umbanda, através da minha pessoa. Então, ele assinalou que a vivência que eu tivera no Mundo Extrafísico, na noite imediatamente anterior, fora para servir de auxiliar na captura de alguns desencarnados, que perturbavam um integrante do nosso grupo. Ou seja, na realidade, eu fora utilizado no Astral para atrair e “abater” momentaneamente aqueles espíritos em desequilíbrio, de forma que eles fossem levados para um outro lugar. O Guardião colocou também que eu não realizara as ações de combate, mas sim que ele executara os golpes. A seguir, chamou a atenção do jovem integrante do nosso Grupo, para que vibrasse num padrão de energia melhor, evitando atrair novamente aquele tipo de entidades que o estavam acompanhando. Depois da sessão espiritualista, contaram-me o que o Guardião falara através da minha boca. Fiquei com aquela história na cabeça. Mais tarde, concluí que aquele homem moreno que vira no início da projeção astral, do qual me aproximara por sentir uma familiaridade por ele, e que sumira em seguida, deveria ser o Guardião.

Fazia sentido, pois ele deveria ter sutilizado a sua forma astral, tornando-se invisível para poder me influenciar/mediunizar, de maneira a cumprir aquela tarefa “densa” no Mundo Extrafísico, utilizando-se de minhas bioenergias de encarnado, que são bastante relevantes nesse tipo de atividade. Depois, recordei também que já havia avisado ao integrante do Grupo Espiritualista, cerca de quinze dias atrás, de que eu intuía que ele estava acompanhado de algumas entidades que gostavam da violência gratuita. Lembro que eu havia lhe falado para tomar cuidado, pois senão ele seria induzido, paulatinamente, a ter comportamento agressivo. Naquele final de semana, portanto, mais uma vez eu constataria uma viagem astral induzida pela influência de amigos espirituais.

DATA: 06/12/2003

RELATO 42 – UMA ESTRANHA EXPERIÊNCIA

Eu acabara de despertar e eram duas horas da madrugada. Meu estômago fermentava levemente, e, na expectativa de ter uma azia, tomei um antiácido, logo voltando a dormir.

Fiquei desperto novamente, mas não estava na dimensão física. Olhei brevemente ao redor e notei que estava num outro quarto, desconhecido para mim. O cômodo comportava duas camas de solteiro, uma do lado da outra, em paralelo. Numa delas estava eu. O ambiente estava em penumbra, mas era possível distinguir razoavelmente o que havia ali. Levantei-me para observar melhor o lugar, mas senti que estava meio grogue, tornando logo a deitar-me. Agora, minha testa pulsava. Resolvi relaxar e cerrei meus olhos astrais. Logo passei a ver *flashes* de cor azul cintilante na altura do centro da testa. Era o meu chacra frontal em atividade, por um motivo alheio a minha vontade. Como a sensação era agradável, deixei-me ficar ali, enquanto os *flashes* de luz explodiam silenciosamente na minha testa.

Então, uma movimentação ocorreu no ambiente, fazendo-me abrir os olhos. Assinalei que era uma adolescente, de origem japonesa, que acabara de adentrar o cômodo, deitando-se na cama ao lado (era a irmã de uma amiga minha). Seu aspecto era meio sonambúlico. Parecia estar agindo de uma forma automática. Após instantes ela levantou-se, vindo a aconchegar-se junto de mim, na estreita cama de solteiro onde eu estava. Ali ela aquietou-se. Eu, de minha parte, agora estava sentindo que havia mais alguém no quarto. Eu não estava conseguindo ver quem era, mas era patente que uma outra consciência estava atuando no lugar. Era uma “presença” singular que

parecia manipular a situação. A minha cabeça pulsava por dentro, embora eu não visse mais os *flashes*. Como comuniquei antes, o ambiente não estava muito claro, e, desta forma, resolvi realizar uma pergunta à jovem, sobre quem mais estava ali. Ela não soube responder. A seguir, disse a ela que retornasse para a outra cama. Ela obedeceu, ainda agindo de forma meio sonambúlica. Poderia dizer também, que ela aparentava estar sob efeito hipnótico.

Agora, eu estava mais desconfiado ainda. Era perceptível para mim, que alguém mais estava no quarto, influenciando nos acontecimentos. A minha cabeça ainda pulsava intensamente, tolhendo um pouco o meu raciocínio. Permaneci deitado, perscrutando o ambiente, quando notei que alguém estava entre as duas camas, com uma mão sobre a minha cabeça e sobre a cabeça da adolescente. A seguir pude “ouvir”, dentro do meu “crânio astral”, a seguinte pergunta: “- a sua mente está realmente dormindo?” Era uma comunicação telepática. E logo na sequência, vi uma imagem mental de um rosto não humano. Assemelhava-se àquelas representações que estudiosos e simpatizantes da ufologia fazem, da cabeça/face de seres extraterrenos. O formato do rosto era ovalado, apresentando grandes olhos totalmente negros e oblíquos. A pele era branca, quase luminescente. A boca era apenas uma abertura horizontal, sem lábios. Havia dois pequenos orifícios, sob uma ligeira protuberância, no lugar de um nariz tipicamente humano. Após esta visão inesperada, despertei no meu corpo físico. Mirei o relógio à cabeceira da cama e este marcava 4:15h da madrugada.

Não farei muitas conjecturas sobre esta experiência, por faltarem mais elementos para elaborar. No entanto, compreendi que aquela situação era uma espécie de permuta de energias entre eu e a jovem, “patrocinada” por aquele ser. Seria aquela consciência um ser de evolução extraterrena? Realmente não sei dizer, mas o que valeu mais foi a experiência em si, que, de fato, foi estranha.

DATA: 20/12/2003

RELATO 43 – O MESTRE HINDU

Naquela noite fui deitar-me, mas não consegui conciliar o sono rapidamente. Minha mente divagava, até que resolvi emitir pensamentos positivos para algumas pessoas que haviam me magoado, desde a infância até os dias atuais. Foi um exercício de perdão. Desejei paz àquelas

pessoas e que a vida delas transcorresse da melhor forma possível. Num dado momento, perdi a consciência.

Despertei no Astral e recorro que estava penetrando numa espécie de elevador de grande porte. Muitas pessoas entravam no elevador, até que a lotação foi completada. No total, éramos cerca de 50 pessoas. Senti que subíamos, e, após instantes, chegamos num lugar enorme. Era um tipo de auditório, bastante comprido, dividido em duas partes desiguais. O elevador havia me deixado mais ou menos no meio do local. Mais para diante haviam cadeiras confortáveis, dispostas em patamares ascendentes, semelhantes àquelas que ocorrem em salas de cinema. Esta parte compunha cerca de um terço daquele vão interno. Mais abaixo, ocupando em torno de dois terços do ambiente, havia um grande pátio com muitos indivíduos. Era ali que as atividades estavam acontecendo. Nas cadeiras em si, citadas anteriormente, haviam poucas pessoas sentadas, assistindo as movimentações mais abaixo, no pátio.

Bem, eu estava próximo às cadeiras observando tudo, quando notei que, lá embaixo, a cerca de 80 metros de distância aparente, surgiu um homem vestido com uma espécie de toga alaranjada, a maneira de alguns monges orientais. Ele tinha a pele morena e se destacavam seus cabelos negros. Se movimentava com boa agilidade, parecendo deslizar pelo pátio. Então, distraído com a contemplação da cena, fui abordado por uma mulher vestida com uma roupa ricamente colorida (sari indiano). Ela perguntou-me se queria ir até onde estava o monge. Respondi de imediato que sim, e, em seguida, ela forneceu-me instruções de como deveria proceder. Esta comunicação entre nós fluiu telepaticamente, e logo entendi que deveria me postar lá embaixo, junto a uma barra roliça (aparentemente metálica) que ladeava uma das bordas do pátio, ao longo da qual as pessoas punham as suas mãos, ficando de costas para o local. Ao descer para o centro das atividades, percebi que o sacerdote indiano já vinha lá pelo início do pátio, energizando cada pessoa que se apoiava na barra. Quando cheguei ao lugar, tomei a minha posição mais ao final da barra, ficando a observar a aproximação do monge, pelo canto dos olhos. Logo ele estava com suas mãos espalmadas sobre minhas costas, na altura do chakra cardíaco. Após uma breve emissão, desceu com as mãos até a base da minha coluna. Senti uma onda energética se disseminando pelo meu corpo astral. Era uma vibração harmonizadora, que me trouxe uma ótima sensação de paz. Pensei automaticamente: “que energia boa!” Em seguida, despertei em minha cama. Raciocinei que aquilo tinha sido uma viagem astral gratificante, mas voltei a dormir instantes depois. Pela manhã, provavelmente pela experiência ter sido tão marcante, recordei com clareza e registrei no papel os vários detalhes aqui relatados.

DATA: 25/12/2003

PARTE 3
CONCLUSÃO

UM ESTUDO EMPÍRICO

O objetivo principal deste capítulo é fornecer uma noção de como alguns fatores pessoais podem interferir, de forma decisiva, na incidência de projeções astrais conscientes. Para isso, construí tabelas que resumem a ocorrência de viagens astrais conscientes na minha vida, até o final do ano de 2003. Parte dos dados que constam nessas tabelas foram retirados do meu primeiro livro sobre viagem astral (“Experiências Extrafísicas”), de maneira a compor um quadro mais completo até o ano de 2003.

Na Tabela 1, faço uma abordagem mais cronológica das experiências extrafísicas que tive. Como nasci no ano de 1968, pode-se notar que, até 1980 (fase da infância), aconteceu apenas uma projeção consciente com rememoração. Durante a década de 80, já no seu final, tive outra experiência lúcida fora do corpo, quando eu estava no curso de graduação universitário. Somente a partir de 1992, é que pude fazer viagens astrais durante todos os anos sem exceção. Eu estava começando a me acostumar com o fenômeno, embora até 1997 ele ocorresse sem a participação da minha vontade, ou seja, era totalmente espontâneo. Então, do final de 1998 até o fim de 1999, posso destacar que houve uma grande incidência de experiências extracorpóreas conscientes, em decorrência de eu me utilizar de técnicas de indução de viagens astrais. O ano de 1999 foi abundante nessas projeções (total de 17), pois além de ser a época que pratiquei com mais intensidade as técnicas para sair do corpo, assumi várias atitudes no meu cotidiano (leitura constante sobre o assunto; alimentação leve antes de dormir; prevenção de cansaços físico e mental antes de tentar a projeção; etc.), que favoreciam a manifestação do fenômeno. Já no ano de 2000, houve uma queda drástica na incidência de viagens astrais (apenas três), porque tive uma série de problemas pessoais, que ocasionaram estresse e desgaste físico. Estes fatores são prejudiciais tanto para a realização de projeções conscientes em si, como reduzem a capacidade de rememoração das experiências lúcidas que temos no Astral. Em 2001, só obtive cinco experiências extrafísicas, refletindo ainda meu estado depauperado do ano anterior, que se tornara meio crônico. Em 2002, embora ainda tivesse problemas orgânicos, já havia uma reserva bioenergética, que propiciou 16 projeções conscientes. Em 2003 consegui 22 viagens astrais, o melhor ano em termos quantitativos de experiências extrafísicas, pois já estava em franco processo de recuperação de saúde.

Tabela 1 - Ocorrência de viagens astrais conscientes até o ano de 2003.

Até 1980	Década de 80	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
1	1	1	5	2	1	1	1	1	17	3	5	16	22

Quanto à Tabela 2, ela exprime a ocorrência de viagens astrais não pela ótica principal da cronologia, mas sim mais em função de circunstâncias específicas de minha vida. É possível compreender que, com o desenvolvimento mediúnico (em 1993), favoreceu-se a incidência de projeções astrais conscientes, já que antes disso (até 1992) só realizei três experiências extrafísicas de qualidade.

Ainda analisando-se a Tabela 2, pode-se identificar o que chamei de “Fase exclusiva mediúnica” (1993 até meados de 1998), quando ocorreram 10 viagens conscientes, sem o uso de técnicas indutivas de viagem astral (até porque eu desconhecia que existia esta via). Assim, volto a dizer que a dedicação à Espiritualidade pela via mediúnica facilitou, para mim, a ocorrência do fenômeno das experiências fora do corpo.

Contudo, um resultado bem interessante assinalado na Tabela 2, é que o período “Uso intensivo de técnicas de indução” aponta a ocorrência de 18 viagens astrais. Ou seja, depois que passei a praticar intensivamente técnicas para me projetar conscientemente, obtive 18 experiências lúcidas em pouco mais de um ano, o que consistiu em cerca de 58% de tudo o que eu havia conseguido ao longo da minha vida, até o final do ano de 1999.

No chamado “Período da fragilidade” (Tabela 2), que se deu de 2000 a 2001, houve correspondência com uma série de problemas de ordem pessoal, que ocasionaram estresse, desgaste físico e distúrbios na saúde (gastrite, insônia e labirintite). Dentre os problemas pessoais originadores do desequilíbrio, posso citar que estava na fase conclusiva da minha tese de doutorado, somando-se a um excesso de atividades em minha empresa, bem como não abri mão de ainda realizar práticas espiritualistas intensas, no centro que frequentava à época. Desta forma, o “Período da fragilidade” só me permitiu a realização de oito projeções astrais, num intervalo de dois anos. Próximo ao final deste período (segundo semestre de 2001), tive que me afastar do centro espiritualista, onde eu labutava há quase oito anos (desde de 1993).

Então, cheguei ao que denominei “Período de recuperação” (Tabela 2), que transcorreu de 2002 a 2003. Nesta fase, eu me dedicava apenas ao meu trabalho material e ao restabelecimento da minha saúde. Assim, mesmo realizando poucas práticas bioenergéticas projetivas, obtive 38 experiências extrafísicas de qualidade. Somente em 20% dessas experiências realizei, antes, alguma

técnica de indução de viagem astral. As demais (80%) ocorreram sem aplicação de técnica alguma. É evidente que as narrativas dos relatos revelam que há, no meu caso particular, uma grande interferência (direta ou indireta) do meu vínculo ao assistencialismo espiritualista. Em outras palavras, provavelmente, muitas das minhas projeções astrais foram “patrocinadas” por amparadores da egrégora espiritual a qual estou associado. Creio que se eu tivesse mantido a disciplina nos exercícios bioenergéticos projetivos, neste “Período de recuperação”, poderia ter conseguido uma maior incidência de viagens astrais conscientes.

Bem, ao final do “Período de recuperação”, mais exatamente em 25 de outubro de 2003, fundei com alguns amigos o Grupo Espiritualista Francisco de Assis. Tornei às atividades práticas mediúnicas, quase totalmente refeito dos problemas orgânicos que tivera. As experiências extrafísicas continuaram ocorrendo, mas serão objeto de avaliação em outra oportunidade. O que posso acrescentar, ao final desse estudo empírico, é que a associação de uma regularidade de práticas projetivas com a dedicação à Espiritualidade, podem promover a ocorrência de experiências fora do corpo bastante enriquecedoras. No entanto, é claro que não há fórmulas “mágicas” e “certeiras” para se ter consciência no Astral, rememorando-se as atividades extrafísicas, já que isto depende de uma série de fatores intrínsecos ao indivíduo, bem como do meio em que ele vive. Contudo, entendo que combinando-se as duas práticas citadas, aumenta-se a probabilidade de realizar projeções lúcidas da consciência, com rememoração.

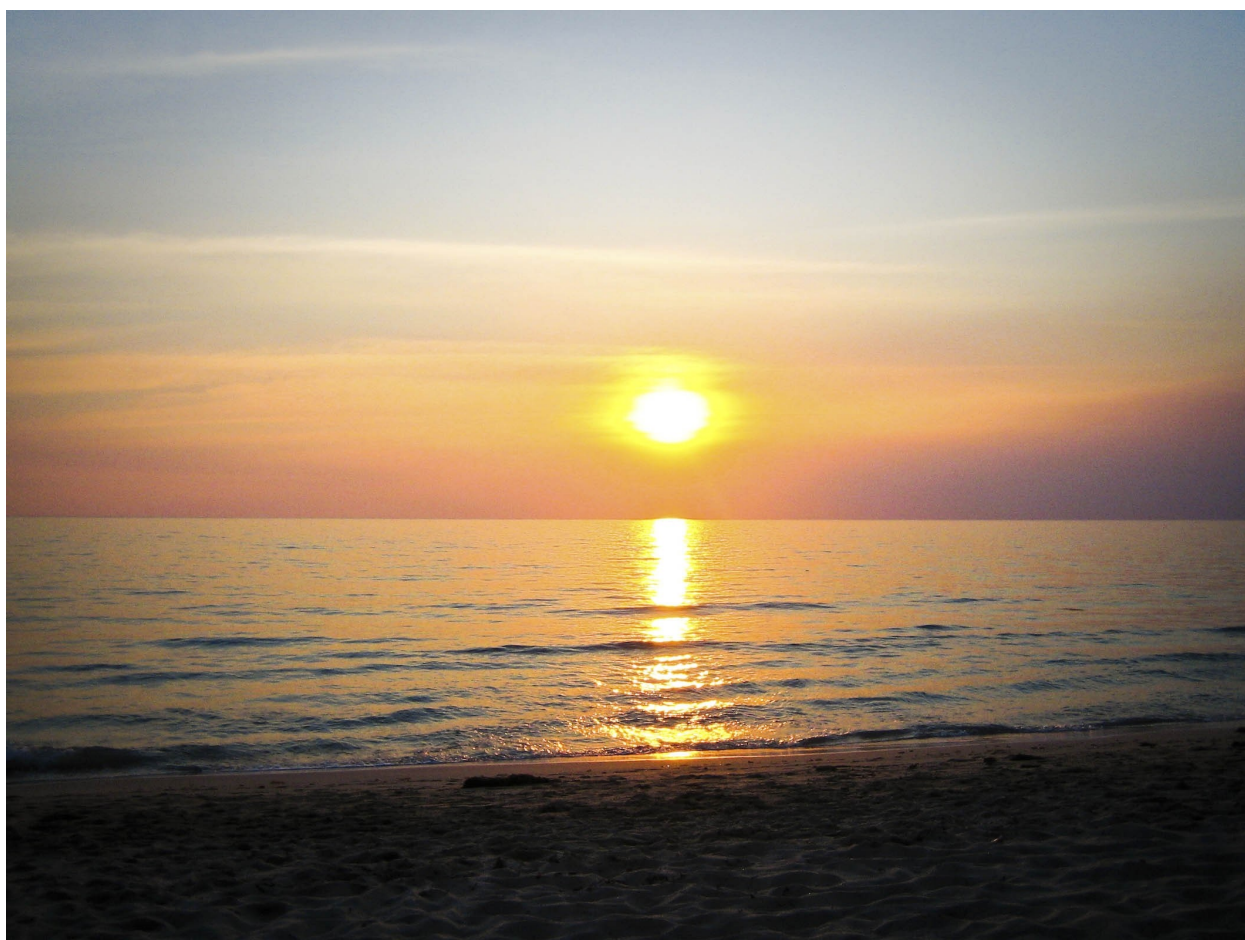
Tabela 2 - Ocorrência de viagens astrais conscientes conforme a circunstância.

<u>Antes do desenvolvimento mediúnico</u> (até 1992)	3
<u>Fase exclusiva mediúnica</u> (1993 até meados de 1998)	10
<u>Uso intensivo de técnicas de indução</u> (final de 1998 até 1999)	18
<u>Período da fragilidade</u> (2000 a 2001)	8
<u>Período de recuperação</u> (2002 a 2003)	38

PALAVRAS FINAIS

Caros amigos leitores, espero que este livro tenha sido útil de alguma forma. Gostaria, porém, de deixar registrado que este trabalho de divulgação da projeção astral não finda aqui. Pretendo, em breve, dar continuidade a esta tarefa através de uma terceira obra, onde relatarei outras experiências extracorpóreas, que venho tendo desde 2004. Estas vivências, devidamente armazenadas numa velha pasta plástica, são em número expressivo. Dentre elas, algumas apresentam uma qualidade significativa em termos de aprendizado pessoal. No entanto, creio firmemente que não devemos esconder experiências de expansão consciencial. É preciso compartilhar, para despertar no próximo o desejo de alargar os próprios horizontes, já que, no fundo, ninguém cresce sozinho. Somos todos interdependentes. Assim, em futuro que desejo ser próximo, lançarei o livro “Experiências Extrafísicas III”. Despeço-me agora, deixando uma bela imagem da natureza (foto de uso livre dos arquivos do site <http://www.freerangestock.com/> – acesso em 09/06/2009) e um abraço sincero a todos.

Pablo de Salamanca



FONTES CONSULTADAS
(conforme ordem de citação no livro)

- 1- <http://www.acidigital.com/santos/santo.php?n=206> (acesso em 25 de julho de 2003).
- 2- http://www.cademeusanto.com.br/sao_braz.htm (acesso em 25 de julho de 2003).
- 3- <http://www.cancaonova.com/porta/canais/santodia/index.php?mes=2&dia=3> (acesso em 25 de julho de 2003).
- 4- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ma%C3%A7a#Ma.C3.A7a> (acesso em 03 de março de 2010).
- 5- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Salamanca_\(prov%C3%ADncia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Salamanca_(prov%C3%ADncia)) (acesso em 03 de março de 2010).
- 6- <http://www.bigviagem.com/ferias-em-salamanca-espanha/> (acesso em 03 de março de 2010).
- 7- <http://www.pintoresonline.com.br/pps082.pps> (acesso em 03 de março de 2010).
- 8- <http://www.unesco.org/pt/brasil/> (acesso em 03 de março de 2010).
- 9- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Shiva> (acesso em 09 de março de 2010).
- 10- http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_punk (acesso em 04 de maio de 2010).